

Caderno de resumos dos pôsteres da ABRALIC 2017



Organização:

Maria Elizabeth Chaves de Mello

Marcus Vinícius Nogueira Soares

Johannes Kretschmer

ABRALIC

Associação Brasileira de Literatura Comparada

Rio de Janeiro

2018

ABRALIC

Associação Brasileira de Literatura Comparada

Realização: Biênio 2016-2017

Presidente: João Cezar de Castro Rocha

Vice-presidente: Maria Elizabeth Chaves de Mello

Primeira Secretária: Elena C. Palmero González

Segundo Secretário: Alexandre Montaury

Primeiro Tesoureiro: Marcus Vinícius Nogueira Soares

Segundo Tesoureiro: Johannes Kretschmer

Organização deste caderno

Maria Elizabeth Chaves de Mello

Marcus Vinícius Nogueira Soares

Johannes Kretschmer

Comissão de avaliação dos pôsteres

Maria Elizabeth Chaves de Mello

Carlos Eduardo do Prado

Maria Ruth Fellows

Monica Fiuza

Simone Bacellar Moreira

Coordenação editorial

Ana Maria Amorim

Frederico Cabala

Caderno de resumo dos pôsteres – ABRALIC

ISBN: 978-85-86678-28-8

Esta publicação consiste na organização de resumos dos pôsteres apresentados durante o XV Congresso Internacional desta associação em 2017. É permitida a reprodução dos textos e dos dados, desde que citada a fonte.

Consulte as publicações da ABRALIC em: <http://www.abralic.org.br>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – p. 11

Maria Elizabeth Chaves de Mello

Carlos Eduardo do Prado

Maria Ruth Fellows

Monica Fiuza

Simone Bacellar Moreira

O SER E O PARECER NA PERSONAGEM REI CLÁUDIO, EM HAMLET, DE WILLIAM SHAKESPEARE – p. 12

Adelson Oliveira Mendes

A LITERATURA FRONTEIRIÇA DE FABIÁN SEVERO – p. 13

Adriana Ruth Piriz Mansilla

CIDADE PROIBIDA: A CONDIÇÃO URBANA EM CONTOS DE A CIDADE ILHADA, DE MILTOM HATOUM – p. 14

Allysson Davi de Castro

ENTRE A PENA DE MACHADO E A PLUMA DE BORGES – p. 15

Amanda Karoline de Alcantara Moreira da Mota

MODOS DE RESISTÊNCIA FEMININA NA LITERATURA CAMILIANA: UMA ANÁLISE DE A FILHA DO DOUTOR NEGRO – p. 17

Amanda Regina dos Santos Lourenço

LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DIÁLOGOS, PROTAGONISMOS E (RE)LEITURAS – p. 18

Ana Carolina Nemer Guimarães

A EXPRESSIVIDADE DA NARRATIVA PÓS-MEMORIALÍSTICA NA PERFURAÇÃO DO SILENCIAMENTO – p. 19

Augusto Mancim Imbriani

NEM TODO BELO É BOM, NEM TODO FEIO É MAU: ANALISANDO AS PERSONAGENS TRIGEU, BELEROFONTE, ESCARAVELHO E A ÁGUIA – p. 21

Bárbara Araújo dos Santos

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO PERIÓDICO – p. 22

Barbara Coutinho Ornellas

QUINCAS BORBA, LIVRO E FILME: O PROCESSO DE TRANSPOSIÇÃO MIDIÁTICA EM QUESTÃO – p. 23

Bruna Canellas de Freitas

TRAVESSIA: O SERTÃO É (MAR) QUANDO MENOS SE ESPERA – p. 24

Bruna Freitas Figueiredo

O TEATRO MODERNO DE RACINE: RESISTÊNCIA E TRAUMA NAS TRADUÇÕES DE PHÈDRE. – p. 26

Caio Mendes Aparício Fernandes

LITERATURA E TÉCNICA EM JOÃO DO RIO: O CINEMATÓGRAFO DE LETRAS – p. 27

Camila de Souza Barros da Silva

A CANÇÃO DIZ A SUA META: "CANÇÃO AMIGA" E A METAPOESIA NA VOCOPERFORMANCE – p. 28

Camila Novaes Maia

NARRATIVAS DISTÓPICAS NO PROCESSO DE LETRAMENTO LITERÁRIO DE JOVENS LEITORES – p. 29

Camila Pinhal do Nascimento

AS MULHERES NA VISÃO DE CHARLES EXPILLY - LITERATURA DE VIAGEM - CONEXÃO FRANÇA-BRASIL – p. 30

Camile Teixeira de Oliveira Ribeiro

O SER HUMANO CIBORGUE E SUA IMERSÃO NA LITERATURA – p. 31

Carlos Augusto de Oliveira Ribeiro Junior

AS MULHERES DA BELLE ÉPOQUE PELO OLHAR DE LIMA BARRETO – p. 32

Carolina Tiecher Leal

ENSAIO PELO FRAGMENTO: LEITURA E ESCRITA DO BRASIL EM CADERNO DE POESIAS, DE MARIA BETHÂNIA – p. 34

Everson Nicolau de Almeida

UMA ANÁLISE DA OBRA TEXACO, DE PATRICK CHAMOISEAU: A PERSONAGEM MARIE-SOPHIE LABORIEUX E SUAS ESTRATÉGIAS – CONTRADISCURSIVAS E FEMINISTAS – p. 35

Fabiana Pereira de Assis

PROJETO: INFLUÊNCIA DA LITERATURA PICARESCA NO GÊNERO MALANDRAGEM - p. 36

Fabiano Henrique Rocha

A LOUCURA DAS BORBOLETAS: FRACASSAM-SE AS PALAVRAS, ARRUÍNA-SE O DESEJO – p. 36

Fabio Gustavo Romero Simeão

SANTO INÁCIO SOB A ÓTICA VIEIRIANA: O LUGAR DA COMPANHIA DE JESUS NO PANORAMA RETÓRICOPOLÍTICO-TEOLÓGICO DO SÉCULO XVII – p. 38

Fernando Barboza de Carvalho

OS PARADOXOS DA MULHER DA BELLE ÉPOQUE SOB A ÓTICA DA LITERATURA – p. 39

Flávia Marçal Meslin Pires

CRÔNICAS DE UMA CIDADE NA BELLE ÉPOQUE: ENTRE SALÕES E AVESSES – p. 40

Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza

A SOCIEDADE FRANCESA DA BELLE ÉPOQUE ATRAVÉS DA TRADUÇÃO E DA CORRESPONDÊNCIA PROUSTIANA: PRELÚDIOS DE UM MUNDO EM MUTAÇÃO – p. 41

Gabrielle Pereira Coelho

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA SURDA NO DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS DIDÁTICOS RELACIONADOS À LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA (LP2) – p. 42

Gabrielli Afonso Serafim

Vanessa dos Santos Galvão Noronha

AS MARGENS QUE OS COMPRIMEM: TEATRO BRECHTIANO E LITERATURA BRASILEIRA NA SALA DE AULA – p. 44

Gauthier Figueiredo Netto

PRESENÇA, SENTIDO: VIOLÊNCIAS NA/DA MONTAGEM – p. 45

Giovanna de Souza Corbucci

LEITURAS DE MARUO SUEHIRO: DE UMA ESCRITA PARA SEUS CORPOS – p. 46

Guilherme Conde Moura Pereira

ACERVO DIGITAL INTERATIVO DE LITERATURA E IMAGEM DA BELLE ÉPOQUE – p. 47

Igor França Cordeiro

TRADUÇÃO LITERÁRIA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTO "ONE CHRISTMAS EVE", DE LANGSTON HUGHES – p. 49

Isadora Moreira Fortunato

UM RIO CHAMADO TEMPO E UMA CASA CHAMADA TERRA: A BUSCA PELO RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL DE UM PAÍS – p. 50

Jaqueline da Silva Oliveira

DE PORTUGAL AO BRASIL: UMA VIAGEM ATRAVÉS DA OBRA DE JOAQUIM DE PAÇO D'ARCOS. – p. 51

Jessica Caroline Pessoa dos Santos

J. CARLOS, OLAVO BILAC E OS TRAÇOS ART NOUVEAU – p. 53

João Cláudio Martins Araújo de Barros

TRABALHANDO COM A LITERATURA INFANTOJUVENIL – p. 54

Karine Sant' Anna de Andrade

ARMADILHAS DO FICCIONAL: A RECONFIGURAÇÃO HISTÓRICA DOS JUDEUS NA NARRATIVA DEIXA IR MEU POVO, DE LUZILÁ GONÇALVES FERREIRA – p. 55

Karla Vivianne Oliveira Santos

O PIXO, A ESCRITA, O ESPAÇO: POESIA E INTERVENÇÕES URBANAS – p. 56

Laura Gabino Canesso Moreira

A ESCRITA NEGRA FEMININA – p. 58

Layse Grazielle Rodrigues Rodrigues

AVISO DE INCÊNDIO: CRÍTICA DA MODERNIDADE E ESTÉTICA EM FRANZ KAFKA – p. 59

Leandro Silva Onofre Júnior

VOCABULÁRIO BILÍNGUE, PORTUGUÊS-INGLÊS, NA SÉRIE HELL ON WHEELS – p. 61

Lídia Franco Silva

BASTIDORES DA REVISTA ESTÉTICA: REVERBERAÇÕES E RUÍDOS NA CIRCULAÇÃO DOS PERIÓDICOS MODERNISTAS. – p. 62

Lizandra Perobelli

GAME OF THRONES: VOCABULÁRIO TERMINOLÓGICO EM FICÇÃO BASEADO EM CORPUS – p. 63

Lorena Salles Dos Santos

A POÉTICA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA DE ADALCINDA CAMARÃO E MAX MARTINS SOB A PERSPECTIVA DA LITERATURA COMPARADA – p. 64

Luan do Lago Duarte

A FIGURATIVIZAÇÃO DO AMOR NA OBRA A PAIXÃO MEDIDA, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE – p. 66

Lysllayne Pryscylla Tavela

ANÁLISE DO GROTESCO NAS OBRAS A PAZ E DOM QUIXOTE – p. 67

Manuela Maria Campos Sales

A CANÇÃO DE PETER DOHERTY ATRAVESSADA PELA POÉTICA DICKINSONIANA
– p. 68

Marcela Santos Brigida

CONSTRUÇÃO DE VOCABULÁRIO TERMINOLÓGICO BASEADO EM OBRAS FICCIONAIS
E SERIADOS TELEVISIVOS – p. 70

Márcio Issamu Yamamoto

IRRUPÇÕES INSÓLITAS EM VERGÍLIO FERREIRA: ALEGRIA BREVE, ESTRELA POLAR E
OS MECANISMOS DE PRODUÇÃO DO INSÓLITO FICCIONAL – p. 71

Marcus Vinícius Lessa de Lima

O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA A ROSA PÚRPURA DO
CAIRO, DE WOODY ALLEN – p. 73

Mariana Alice de Souza Miranda

WILLIAM BLAKE - O DIÁLOGO DAS ARTES E A ABERTURA DA PERCEPÇÃO – p. 74

Mariana dos Reis Palieraqui

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE PRÁTICAS DE LEITURA EM A BORBOLETA (1857)
– p. 76

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

O [IN]VISÍVEL: TECITURAS HÍBRIDAS - p. 77

Mariana Perelló Lopes de Azevedo

SOMBRAS DO GÓTICO NA LITERATURA POLICIAL BRASILEIRA – p. 78

Mariana Saba Warrak

O PERIÓDICO ELETRÔNICO PENSARES EM REVISTA: IMPACTO E RELEVÂNCIA NA
ÁREA DE LETRAS – p. 80

Mariane Ferrari Macabu

A METRIFICAÇÃO COMO EFEITO DE SIGNIFICÂNCIA: O CASO EMILY DICKINSON
– p. 81

Matheus Oliveira Paiva Curi

AUTOFICÇÃO: UM ESPELHO OU UM POÇO? – p. 82

Natália Ferreira da Costa

LITERATURA INFANTO JUVENIL EM FOCO – p. 83

Nathan Sousa de Sena

A HORA DA ESTRELA: VER COM PALAVRAS, LER COM IMAGENS – p. 85

Otávio Praseres Alves de Moura

A BOCA QUE DEVORA É TAMBÉM A QUE CANTA: O ENCONTRO VERBIVOCAL ENTRE OSWALD DE ANDRADE E ELZA SOARES – p. 86

Pablo Miranda de Paula

NARRATIVAS DA VIOLÊNCIA: IMAGENS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO – p. 88

Pedro Rena Todeschi

LOCAL SAGRADO: DENTRO E FORA DO CORPO QUE DANÇA – p. 89

Philippe de Avellar Dias Pinto

BREVES REFLEXÕES SOBRE A MULHER E MATERNIDADE NA POESIA DE PAULA TAVARES – p. 90

Rafaele Santos do Nascimento

DA ORNAMENTAÇÃO VERBAL AO SELF-FASHIONING: SHAKESPEARE E A CULTURA RETÓRICA – p. 92

Raquel Cristina do Nascimento Pinho

DESCONSTRUÇÕES DO AMOR NO CHAMADO DO CEGO – p. 93

Rebeca Cacho de Souza

"QUID GLORIOSIUS, HONORES ADIPISCI, AN PROMERERI." DO PADRE JESUÍTA FRANCISCO MENDONÇA E O DIÁLOGO COM OS AUTORES ANTERIORES – p. 95

Rebeca Garcia Tostes

"DODECASSÍLABOS DE PLAUTO": UMA TRADUÇÃO DO SENÁRIO IÂMBICO – p. 96

Renan de Castro Rodriguez

A INTERTEXTUALIDADE COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA NA LITERATURA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE CONTEMPORÂNEO VIGÍLIA DEL ALMIRANTE. – p. 97

Rosalia dos Santos Albuquerque

IMAGEM/TEXTO: OLHAR COMO UM ATO DE ESCOLHA – p. 98

Samyres Amaral Freitas

MA: CORPO E(M) POEMA – p. 100

Seiji Rocha Watanabe

DA ALQUIMIA POÉTICA: A TRANSMUTAÇÃO VISUAL DE ARCIMBOLDO – p. 101

Sergio Alexandre Novo Silva

A ESCRITA DE SEI SHONAGON: UMA VOZ FEMININA NA CORTE HEIAN – p. 102

Sthefany Rosa Ferreira dos Santos

MULHER AO MAR À LUZ DAS NOVAS CARTAS PORTUGUESAS – p. 103
Susanna Dias de Faria

O ENLACE INSÓLITO ENTRE IMAGEM E PALAVRA NAS OBRAS DE FRIDA KAHLO
– p. 105
Tamira Fernandes Pimenta

ESTUDOS NARRATIVOS: ARMAÇÃO DE MUNDOS POSSÍVEIS NO UNIVERSO DO
INSÓLITO FICCIONAL – p. 106
Tatiane dos Santos Magalhães

INFLUÊNCIAS NA TRADUÇÃO LITERÁRIA FRANCESA DURANTE A BELLE ÉPOQUE:
REFLEXÕES INICIAIS – p. 107
Teresa Cristina de Andrade Gomes da Costa

PANORAMA INICIAL DA PRESENÇA E A RELEVÂNCIA DA TRADUÇÃO NA BELLE
ÉPOQUE FRANCESA POR MEIO DO REPERTÓRIO DE REVISTAS ON-LINE – p. 109
Thaís Alves dos Santos

RECOMPOSIÇÃO DE NARRATIVAS: MEMÓRIAS EM ESTADO DE EXCEÇÃO – p. 110
Thauany do Nascimento Vigar

LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA VIAGEM SUBLIME ÀS NARRATIVAS DE HOJE E
DE ONTEM – p. 112
Tuane da Silva de Mattos

A RESSURREIÇÃO DAS TRÊS FACES DE QUINCAS BORBA: O FILÓSOFO, O CÃO E A
MEMÓRIA – p. 113
Victor Fonseca Melo

A (I)MUTABILIDADE DO ARQUÉTIPO DO CAVALEIRO - p. 114
Victoria Barros de Carvalho Silva

CARDOZO, UM DEVOTO DE RECIFE – p. 116
Vinicius Esteves Ramos

A LOUCURA DAS BORBOLETAS: FRACASSAM-SE AS PALAVRAS, ARRUINA-SE O
DESEJO – p. 117
Wanessa de Góis Moreira

DIVÓRCIO: OS CAMINHOS DO EU SITIADO, AUTOFICÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
NA LITERATURA – p. 118
Yasmin Cibelle Soares da Silva Alves

Apresentação

Os cursos de graduação são a matéria prima dos nossos estudos em literatura. É aí que sensibilizamos, estimulamos, incentivamos e lançamos jovens pesquisadores, abrindo novos caminhos para a investigação em literatura, no Brasil. Os resumos que recebemos dão conta da diversidade dos estudos nessa área e nos levam a refletir sobre o conceito de literatura comparada, seus limites (ou ausência de limites) e abrangências. Os pôsteres que serão montados a partir dos resumos selecionados vão, certamente, revelar ao mundo acadêmico novas maneiras de abordagem da literatura, abrindo inúmeras linhas e campos de trabalho.

Nossa seleção foi feita visando essa diversidade e pluralidade. Os resumos recusados o foram por não se adequarem, minimamente, às propostas iniciais. Procuramos manter o sentido do tema escolhido para o congresso, “Experiências literárias, textualidades contemporâneas”. Com este tema, que quisemos o mais aberto possível, abrimos novas fronteiras e novas vias de acesso aos estudos de literatura comparada. Os resumos que nos chegaram provam o alcance dessa diversidade, dessa porta que a literatura comparada abre, cada vez mais, para uma maior compreensão do mundo à nossa volta.

Temos certeza de que a apresentação de pôsteres abrilhantará mais ainda o nosso congresso, com a presença maciça de jovens promissores e talentosos.

Presidente da Comissão Avaliadora

Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF, Vice-presidente da ABRALIC)

Membros da Comissão:

Carlos Eduardo do Prado - Cap UERJ

Maria Ruth Fellows - CAP-UERJ

Monica Fiuza - UFF

Simone Bacellar Moreira - UERJ (São Gonçalo)

O ser e o parecer na personagem Rei Cláudio, em Hamlet, de William Shakespeare

Autor: Adelson Oliveira Mendes

Orientador: Thiago Martins Caldas Prado

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo: Em Hamlet, de William Shakespeare, a partir do fratricídio cometido por Cláudio contra o rei Hamlet, ocorre a usurpação da coroa do reino dinamarquês e uma desordem causada pelo niilismo do príncipe Hamlet diante a morte do pai, motivado pela ânsia de poder do rei Cláudio. Como estudo desse movimento na cena dramática, a apresentação em pôster propõe investigar os atos de Cláudio dentro do castelo de Elsinore articulados à obra de Nicolau Maquiavel, O Príncipe. Nessa o autor destaca vinte e seis métodos para a manutenção do poder. Maquiavel sempre defendeu que para o sucesso é necessário que a fortuna e a virtú sejam aplicadas de forma correta, para isso, o príncipe deve contar com a sorte. Com uma perspectiva utilitária de salvaguarda do reino, a proposta defende, tendo por base o pensamento maquiavélico, que Cláudio cumpriu seu papel enquanto rei. Como reforço teórico, os estudos de George Wilson Knight, em sua obra The Wheel of Fire e a obra, A Tragédia Shakespeariana, de Andrew Cecil Bradley, são utilizados para destacar algumas das qualidades que tornam o rei Cláudio um governante em destaque na peça shakespeariana. A experiência enquanto governante e homem de poder também são buscados em Northrop Frye, em seu ensaio Sobre Shakespeare, atenuando o lado cruel que tantos críticos ressaltaram existir em Cláudio e comentando suas decisões acertadas na corte. Tenta-se aqui afirmar que, na peça Hamlet, a única opção para o rei, depois de determinadas evoluções na peça, é matar o sobrinho a fim de preservar a estabilidade do comando e, por fim, do reinado. O domínio exercido pelo rei Cláudio aos demais personagens, o faz um dos melhores personagens criado por Shakespeare, pois faz leituras de todos, dentro da própria peça. Sendo dessa forma, a escolha feita pelo personagem rei Cláudio não o diferencia de alguns outros importantes atos feitos pela obrigação de seu papel ou necessidade de permanência nessa função, por exemplo, o ato da diplomacia internacional realizada nos bastidores das cenas que se seguem, entre o reino dinamarquês e o reino norueguês, configurando como um ato dissimulatório. Assim como a

habilidade destacada na peça Hamlet, no diálogo entre o próprio rei Cláudio e o súdito Laertes. As características de hábil e calculista, traz determinada concretude das concepções maquiavélicas sobre a personagem rei Cláudio, na execução de sua função.

Palavras-chave: William Shakespeare. Rei Cláudio. Política. Coroa.

A literatura fronteiriça de Fabián Severo

Autora: Adriana Ruth Piriz Mansilla

Orientadora: Dra. Silvina Liliana Carrizo

Universidade: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Resumo: O presente trabalho desenvolveu-se dentro do Projeto de Iniciação Científica Linguagens Mestiças: o Portunhol e a Literatura. Como o título indica, o projeto visa identificar e problematizar as escritas mestiças e heterogêneas escritas em portunhol, desde o ângulo da sua marginalidade em relação à literatura hegemônica. Quando nos referimos à literatura heterogênea estamos partindo da categoria teórico-crítica de Antônio Cornejo Polar, isto é, a heterogeneidade por um lado se opõe às literaturas homogêneas e por outro diz acerca de processos de escrita múltiplos e variados. No caso do portunhol, durante a pesquisa traçamos um percurso histórico, revisitando projetos literários como os de Xul Solar, Néstor Perlongher, Wilson Bueno e Douglas Diegues, que nos trouxe até o escritor contemporâneo Fabián Severo. Percebendo assim que os diversos projetos heterogêneos de escrita em portunhol situam-se em contextos diferentes que lhes atribuem variadas legitimidades, graus e tipos de institucionalização. Fabián Severo, escritor nativo da fronteira Uruguai-Brasil, em quem aprofundamos a pesquisa, publica desde 2010 e sua obra analisamos sob o eixo temático identidade-fronteira-linguagem. A análise lançou luz acerca de como Severo, mediante seu projeto artístico literário de escrita em portunhol, imprime na sua obra a busca de uma origem da identidade fronteiriça (individual e coletiva), ao tempo que expressa a demanda cultural e territorial existente na fronteira e sua comunidade, reivindicando sua língua materna. Dessa forma, nos apoiamos nas reflexões de Jaques Derrida, em *Mal de Arquivo*, uma impressão freudiana (2008), para compreender em que medida a escrita em portunhol configura a criação de um arquivo literário, a

prótese da memória, e a busca da origem como forma de legitimar um dialeto considerado menor. Durante o ano de pesquisa, a partir da construção do arquivo público e da análise da obra de Severo, foi possível constatar o lugar em que se coloca o autor em relação a outros autores fronteiriços que também escrevem em portunhol, ao tempo que foi possível compreender como se posiciona essa nova escrita em portunhol a nível regional e internacional, caminhando ao lado da visibilidade que se procura dar a movimentos e expressões que fogem da tradição literária. Finalmente, foi possível redigir um artigo, como produto da pesquisa, cujo objetivo é desenvolver a ideia de que o romance lírico de cunho biográfico de Severo, Viralata (2015), situado na categoria de literatura heterogênea, configura-se não só como uma forma de legitimar o portunhol por meio da impressão escritural (apresentada por Derrida em *Mal de Arquivo...*) para legitimá-lo, mas também como uma ferramenta de reafirmação da identidade do fronteiriço através da escrita enquanto impressão da memória.

Palavras-chave: Literatura heterogênea. Portunhol. Fabián Severo. *Mal de Arquivo*

Cidade Proibida: A condição urbana em contos de A Cidade Ilhada, de Milton Hatoum

Autor: Allysson Davi de Castro

Orientador: Prof. Dr. Carlos André Pinheiro

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Resumo: No transcorrer dos séculos, a teoria da literatura comumente reduzia a categoria do espaço à mera noção de ambientação, assumindo, então, um papel puramente figurativo no texto. Isso se deve, em parte, ao desconhecimento da potencialidade estrutural e simbólica da configuração espacial. Contudo, a representação do espaço tem um campo tão abrangente que podemos afirmar que ela está intrinsecamente ligada às questões de ordens social, histórica, discursiva, política, ideológica etc., bem como às experiências vivenciadas pelo personagem. Assim, o espaço passa a ser um elemento capaz de abrir uma multiplicidade de leitura e de pontos de vista na obra literária. Vale ressaltar que, em certos momentos dos estudos literários, alguns operadores da narrativa ganharam maior relevo que outros,

de modo que muito se focou em personagens, no autor, no tempo, mas muito pouco na categoria do espaço. Esse fato fez com que a visão de espaço ficcional fosse reduzida a um “lugar” de sustentação da ação das personagens. Contudo, esta categoria estrutural, desde a segunda metade do século passado, está sendo ressignificada, de modo que muitos pesquisadores têm se debruçado sobre essas teorias que envolvem o espaço ficcional. De natureza polissêmica e interdisciplinar, o espaço literário está ganhando mais notoriedade e está constantemente causando discussões na academia e, precisamente na última década, uma gama de livros e artigos em periódicos de renome têm sido publicados, atestando o lugar do espaço nos estudos literários. Milton Hatoum é um escritor que figura como um dos mais destacados no cenário da literatura brasileira contemporânea. Vencedor de vários prêmios e dono de uma extensa bibliografia, o amazonense tem recebido a atenção da crítica especializada e de pesquisadores de todo o mundo. Com várias obras publicadas em diversas línguas, o autor toca em questões muito relevantes para o atual contexto da sociedade e escreve sobre temas diversificados. Permeada por um teor social e político, a sua produção vem recebendo inúmeras leituras ao longo dos anos. No entanto, pouquíssima atenção foi dada ao aspecto espacial de sua obra. O presente trabalho visa diminuir esta lacuna e, para atingir esse objetivo, pretendeu-se analisar o modo como a condição urbana é delineada em dois contos do livro *A cidade ilhada* (2013), quais sejam: “Varandas da Eva” e “Uma estrangeira na nossa rua”, com o intuito de mostrar que, através de um processo de redução estrutural, a categoria do espaço presente no texto denuncia questões de ordem cultural, social e humana. De certo modo, a investigação recai sobre as relações estabelecidas entre o narrador, as personagens e os lugares por onde eles passam. Para tanto, serão utilizados como aporte teórico, entre outras, as discussões de Borges Filho (2015), Brandão (2013), Bachelard (1993), Tuan (2013). Assim, não restam dúvidas de que a cidade, na obra em questão, é um campo privilegiado de interdição e de descobertas.

Palavras-chave: Espaço ficcional. Milton Hatoum. A cidade ilhada. Espaço urbano

Entre a pena de Machado e a pluma de Borges

Autora: Amanda Karoline de Alcantara Moreira da Mota

Orientador: Augusto Rodrigues da Silva Junior
Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: O Aleph, antes de Borges, foi escrito por Machado de Assis. Seu “Ahasverus” é o eterno Homero, de Borges. O escritor carioca, visualizando o contexto de crise de formação nacional na subserviência de nossa literatura às filosofias e posturas europeias, reexaminando os valores literários e fazendo uso de novas técnicas. É o que Carlos Fuentes denomina de “o milagre de Machado de Assis e sua herança cervantina”. Machado, ainda, repensa com seu defunto autor, fontes européias, tais como Shakespeare e Sterne. Superando certo “instinto de nacionalidade” (MACHADO, 1873) ele e Borges constroem obras com traços de real-maravilhoso (CHIAMPI, 1980). A fantasia, o desconhecido, o estranho naturalizado geram lógica internas, como coloca Antonio Candido em seu O discurso e a cidade (1995). Nossa hipótese de pesquisa é que os autores sulamericanos, romperam esquemas narrativos e inventaram uma literatura que se desprende, embora continuando, tradições. O modo como transfiguraram a realidade será, pois, abordado através da análise de Memórias póstumas de Brás Cubas e El Aleph. Em pensamento comparado, temos 01) o tempo das digressões; 02) o espaço da ação – o Aleph/ o Undiscovered Country; 03) as personagens – o desaparecimento da heroificação e a questão da identidade/alteridade; 04) a enunciação – a performance, voz, desmascaramento do narrador e fantasia (BEZERRA, 2012); 05) a quebra monológica (BAKHTIN, 2008) na leveza, na galhofa e a sátira; 06) discurso e morte – tanatografia (Silva Junior, 2008; 2014). Como complemento será analisado o insulamento da personagem Asterión, do conto La casa de Asterión, e sua relação com Brás Cubas, ambos homens do subterrâneo (MEYER, 1958). As ideias fixas em Brás Cubas e El Zahir, e o desdobramento na loucura – delírios herdados em El Aleph, com Daneri e Argentino, e Quincas Borba, no romance machadiano. Por fim, defendemos a ideia de que esta aproximação aponta a ascensão do dialogismo na literatura latino-americana e, consequentemente sua autonomia polifônica e autoconsciente.

Palavras-chave: Machado. Borges. América Latina. Tradição Cervantina.

Modos de resistência feminina na literatura camiliana: uma análise de A Filha do Doutor Negro

Autora: Amanda Regina dos Santos Lourenço

Orientador: Henrique Marques Samyn

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Embora seja uma obra pouco estudada, *A Filha do Doutor Negro* (1864) é um romance de Camilo Castelo Branco que oferece amplas possibilidades de leitura. Concentramos nossa pesquisa na personagem Albertina, filha de um renomado advogado negro que não aceita o seu relacionamento com João Crisóstomo, amanuense de seu escritório, porque já havia determinado outro futuro para Albertina. Diante da recusa da filha, o status daquela tradicional família é abalado, o que ocasiona uma ruptura nas relações sociais estabelecidas na célula fundamental da sociedade portuguesa oitocentista, especialmente entre o pai e a filha. Albertina, desde o princípio da narrativa, age contra as imposições do pai e, por consequência, da sociedade tradicional do século XIX, levando seu poder de decisão até as últimas consequências. Essa personagem representa uma ruptura no ideal de estética e de personalidade feminina do romantismo português: ela é mestiça e age de acordo com suas próprias vontades, ignorando as imposições da estrutura patriarcal da sociedade oitocentista. Por essa razão, analisar a trajetória dessa singular personagem camiliana é fundamental para conhecer e observar os movimentos de ruptura do modelo de feminilidade na literatura portuguesa. A investigação sobre a personagem tem como finalidade examinar o modo como ela resiste às práticas moralizantes impostas às mulheres daquela sociedade, levando em consideração o ideal de mulher vigente no Portugal oitocentista. As implicações que essa postura considerada subversiva possui e a sua ascendência negra também são questões analisadas ao longo da pesquisa. Para analisar a postura de Albertina, estabeleceu-se uma análise que articula a crítica sobre as representações da figura feminina na literatura do século XIX e uma perspectiva teórica feminista, levando em consideração as características principais da novela camiliana. O que se apresentará no XV Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada) é o resultado inicial de uma pesquisa que trabalha com uma possibilidade de leitura do romance a partir das relações entre gênero e sociedade, e, diante

dessa possibilidade, é possível refletir sobre as representações femininas realizadas no romantismo português. Além disso, reconhece-se que, embora existisse um modelo de postura feminina em Portugal, Camilo Castelo Branco cria uma protagonista para *A Filha do Doutor Negro* que foge aos estereótipos femininos, indo de certa forma, contra a conservadora sociedade oitocentista. Ademais, constatou-se a importância de estabelecer um modo de análise a partir do diálogo entre a literatura, o gênero e a sociedade, e os desdobramentos que essa possibilidade de leitura proporciona.

Palavras-chave: Camilo Castelo Branco. Feminismo. Romantismo Português

Letramento literário na educação básica: diálogos, protagonismos e (re)leituras

Autora: Ana Carolina Nemer Guimarães

Orientadora: Maria Betânia Almeida Pereira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Magda Soares (2006) afirma que o termo letramento surge em meados da década de oitenta e salienta que a cunhagem da palavra, em contexto brasileiro, se deve aos estudos da pesquisadora e professora Mary Kato, segundo Ângela Kleiman (1995). Mais de trinta anos se passaram e a discussão em torno do letramento nas áreas do ensino tem alargado consideravelmente, intensificando assim o *modus operandi* das práticas de ensino no país. Para além das habilidades de leitura e escrita em contextos que exigem tais demandas, as propostas de letramento(s) no cenário do século XXI exigem novos contornos. Para quem se ensina, o que se ensina, por que se ensina, qual o sentido daquilo que se ensina e os efeitos de tal ensinamento deveriam ser questões inerentes às práticas que envolvem o(s) letramento(s). O trabalho, intitulado "Letramento literário na educação básica: diálogos, protagonismos e (re)leituras", tem como objetivos: compreender a experiência com oficinas de leitura, produção e interpretação de textos, realizadas com alunos do Colégio Estadual Capitão Oswaldo Ornellas, no município de São Gonçalo (RJ); atentar para a importância do processo de formação de leitores/ escritores críticos; refletir sobre as bases teóricas que fundamentam a pesquisa. Desta forma, o trabalho segue uma

metodologia teórico-prática, uma vez que apoia-se em autores como Cosson (2006), Soares (2006), Bakhtin (2003), Bunzen; Mendonça (2006), Rojo (2009), dentro outros, para elaborar e desenvolver as oficinas em turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Assim, o referencial teórico viabiliza uma prática de ensino cada vez mais centrada na formação de sujeitos capazes de ampliar suas potencialidades nos usos e reflexões da língua(gem), entender as relações que subjazem nesse processo e, sobretudo, ao serem produtores dos seus textos, atentarem para o próprio protagonismo. Destacamos como resultados positivos do projeto: o diálogo entre a universidade e a escola básica, possibilitando tanto uma rede de saberes necessários para os alunos em formação (estudantes das escolas e os graduandos) , quanto um estreitamento de vínculos entre a equipe pedagógica das escolas parceiras e o grupo de pesquisa da FFP/ UERJ; as constantes reflexões realizadas pelo grupo de estudo que auxiliam na constituição de um ethos do professor em formação, seus valores e o seu poder enquanto agente de letramento; os materiais produzidos nas oficinas; a elaboração do artigo “Entre diálogos e letramentos: aplicação de sequências básicas em turmas do ensino fundamental e médio”, que foi publicado na *Linguagem em (Re)vista*, disponível em: www.filologia.org.br/linguagememrevista/. Além dos resultados obtidos, desejamos continuar nossa pesquisa considerando a escola como um universo onde convivem letramentos múltiplos, sendo necessário analisar e produzir práticas de ensino mais democráticas e plurais.

Palavras-chave: Letramentos. Ensino. Gêneros textuais.

A expressividade da narrativa pós-memorialística na perfuração do silenciamento

Autor: Augusto Mancim Imbriani

Orientadora: Roberta Guimaraes Franco

Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Resumo: No âmbito da memória, a própria maneira portuguesa de construir sua história se faz fonte suficiente para diversas reflexões, considerando sua história e a visão propagada de si para o mundo serem pautadas em seu passado “heroico” de exploração. Das décadas de 30 à 70 do século passado,

período do Estado Novo português, o silenciamento imposto pela censura vigente abrangia o legado português também em terras africanas e era registrado partir dos próprios discursos oficiais, constituindo um marco a ser discutido, inclusive no cerne das ideias constitutivas do conceito de nação. Coube à literatura, então, desabafar essa história se utilizando de obras (meta)ficcionais, por vezes em tom autobiográfico. Mais especificamente delineando as fronteiras da pós-memória, ou memória de segunda geração, esse trabalho, ramificação do projeto (FAPEMIG) "Poder e silêncio(s): a pós-colonialidade entre o discurso oficial e a criação ficcional", da professora Roberta Guimaraes Franco, tem como objetivo explorar a expressividade das vozes literárias que driblam esse silenciamento. A investigação será realizada ressaltando ideias que abordem as ausências, vivenciadas pelas personagens, como um dos fatores de caracterização da identidade coletiva no processo de formação de uma geração cujo testemunho se dá em um momento posterior ao de vivência do fato em questão, transparecendo, em texto literário, traumas cotidianamente abafados por ideias e discursos oficiais. A escolha se deve à expressividade presente na subjetividade do discurso literário, que grita suas angústias no momento em que o diálogo entre a voz escritora e a voz leitora é construído. Para tanto, serão apontadas as especificidades dessas narrativas de apresentarem um testemunho de apropriação posterior ao fato ocorrido, e como o silenciamento se coloca nessas obras intrinsecamente a partir da própria estrutura narrativa. A ideia será aplicada ao romance "O Retorno" (2011), de Dulce Maria Cardoso, escritora portuguesa retornada às terras portuguesas após ter passado parte da sua infância em Angola. Na obra, que se passa na década de 70, o narrador-personagem, um garoto em fase de formação, na transição da puberdade à adolescência, transmite a realidade traumática enfrentada por famílias portuguesas que, após a tentativa de construção da sua estabilidade na então colônia portuguesa, tem de regressar à metrópole no ano da independência. A pós-memória se demarca, então, a partir da escrita da obra, mais de 30 anos após o momento que se dá a narrativa, transparecendo traumas que por ali ainda pairam, na tentativa subjetiva, com a ajuda da voz leitora, de quebra desse silenciamento abafado.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Literaturas Africanas. Pós-memória. História.

Nem todo belo é bom, nem todo feio é mau: analisando as personagens Trigeu, Belerofonte, Escaravelho e a Águia

Autora: Bárbara Araújo dos Santos

Orientadora: Ana Maria César Pompeu

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo: Os conceitos de belo e feio são definidos a partir dos períodos históricos e das culturas e dependem intrinsecamente dos aspectos políticos, morais e sociais. Na Antiguidade clássica, mais precisamente na Grécia antiga, os conceitos de beleza e feiura eram bem ambíguos, e sempre foi mais confortável para os filósofos clássicos formularem e definirem considerações sobre o belo do que sobre o feio, pois normalmente a beleza era representada pelas formas harmônicas e proporcionais e era associada à bondade e à nobreza, enfim à manifestação do bem, e a feiura, que por sua vez era tudo aquilo que não continha beleza, valor, era um conceito marginalizado e que causava estranheza à audiência e era associada com a manifestação do mal. Entretanto, na mitologia, na literatura e no teatro grego, nem sempre as personagens se enquadravam nesses preceitos. Ou seja, nem todo personagem que é esteticamente belo é moralmente bom e nem todo personagem esteticamente feio é moralmente mau. Esse trabalho fundamentado nos conceitos de beleza e de feiura utilizados pelos filósofos Platão e Umberto Eco pretende tecer comparações sobre as características estéticas e morais apresentadas pelas personagens Belerofonte, Trigeu e a Águia e o Escaravelho ao longo das suas respectivas narrativas. Belerofonte, que é um dos grandes heróis da mitologia grega, que segundo o mito, em uma das suas missões, montado no famoso e belo cavalo alado Pégaso derrotou a terrível Quimera, monstro com corpo de cabra, cabeça de leão e cauda de serpente que assolava as terras da Lícia; Trigeu, protagonista da comédia A Paz do dramaturgo grego Aristófanes (447 a.C – 385 a.C.), que era um agricultor ateniense que montado em um torpe escaravelho, besouro conhecido popularmente como rola-bosta sobe ao Monte Olimpo, morada dos deuses, para pedir às divindades a tão sonhada paz para todo o povo de Atenas que estava sofrendo com os males da Guerra do Peloponeso (431 a.C. – 404 a.C.). E a comparação se fará também com as personagens da fábula de Esopo (século VI a.C.) a Águia e o Escaravelho. Fábula essa que narra como o

escaravelho castiga a transgressão das leis da hospitalidade realizada pela águia e ridiculariza o soberano Zeus. Com essa comparação entre as personagens, mostraremos algumas características em comum entre elas e também mostraremos que os traços de beleza e feiura são inerentes à natureza do ser humano.

Palavras-chave: Comédia Aristofânica. Mitologia Grega. Beleza. Feiura

A participação feminina no periódico

Autora: Barbara Coutinho Ornellas

Orientador: Carlos Eduardo Soares da Cruz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/ Real Gabinete Português de Leitura (RGPL)

Resumo: A Literatura, entre suas múltiplas funcionalidades, sempre se apresentou como instrumento de expressão pessoal, cabendo-lhe, muitas vezes, a tarefa de disseminar ideias e representar culturas. Ao longo do século XIX, a imprensa teve papel fundamental para a propagação de notícias e difusão de pensamentos, e alguns periódicos contribuíram significativamente ao dar espaço para que mulheres se manifestassem. Desta forma, este trabalho se baseia na participação feminina na virada do século XIX para o XX no periódico “Brasil-Portugal”, analisando a importância de produções literárias e intelectuais realizadas por mulheres nesse período, principalmente no que envolve a relação de seu papel social com suas representações na escrita. Para isso, basear-nosemos nas ideias da Nova História, em que o estudo da imprensa periódica oitocentista, ao valorizar os periódicos enquanto escrita de uma história cultural, resgatam visões da sociedade a partir de dados concretos pesquisados em documentos do cotidiano. Isso permite recompor os discursos sobre as questões culturais e políticas que atravessavam aquele momento de produção, além de recuperar o papel desses veículos como agentes interventores na sociedade e nas culturas brasileira e portuguesa. “Brasil-Portugal” foi uma publicação quinzenal que se deu entre fevereiro de 1899 e agosto de 1914, na cidade de Lisboa. Foi um periódico voltado para o público português e brasileiro, e contava com a participação de algumas das principais escritoras do período, como Maria O’Neill, Maria Amália Vaz de Carvalho, Branca de Gonta

Colaço, e Alice Pestana. Tais autoras assumiram uma postura por vezes revolucionária ao abordar temáticas de cunho feminista, que questionavam os papéis impostos às mulheres. É importante destacar que essas produções aumentaram gradativamente, sendo quase nula a participação de mulheres no primeiro ano da revista, e tornando-se mais frequente com o passar das publicações. Davam-se principalmente sob a forma de poesias, crônicas, e contos, em que era possível às mulheres se expressarem, provocando reflexões acerca do universo feminino. Suas escritas, portanto, muito contribuíram para a construção e a afirmação da mulher na sociedade, pois fizeram com que seu papel fosse aos poucos repensado. Para ilustrar o caráter por vezes feminista presente nesses discursos, propomo-nos a analisar na apresentação da ABRALIC alguns desses textos, de modo que seja possível pensar, entre outros aspectos, as estratégias literárias utilizadas pelas autoras em seus discursos. Assim, ao explorar os assuntos retratados, sem desconsiderar o contexto social em que estavam inseridas as mulheres na época em questão, a intenção é de que seja possível resgatar e reforçar a voz dessas mulheres, que também por meio da Literatura, em muito contribuíram para a luta pelos direitos femininos e suas eventuais conquistas. Dessa forma, esta pesquisa visa a resgatar produções literárias presentes na imprensa periódica nos primeiros anos do século XX, principalmente. Assim, acredita-se ser possível contribuir para o estudo da escrita feminina, oferecendo uma nova perspectiva sobre sua atuação na literatura e na sociedade, além de propor uma revisão da história da literatura ao resgatar autoras que foram silenciadas ao longo dos anos, muitas vezes apenas por serem mulheres.

Palavras-chave: Imprensa periódica. Escrita feminina. Relações luso-brasileiras.

Quincas Borba, livro e filme: o processo de transposição midiática em questão

Autora: Bruna Canellas de Freitas

Orientadora: Maria Cristina Cardoso Ribas

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Este trabalho pretende-se empreender uma análise comparativa do romance machadiano *Quincas Borba* com a sua adaptação cinematográfica (*Quincas Borba*, direção de Roberto Santos, 1987). Nossa proposta é pensar que a adaptação de uma obra deve ser pensada a partir da necessidade do deslocamento da narrativa para uma nova mídia. O processo a que estamos nos referindo, conforme Irina Rajewsky (apud Clüver, 2011: 18), trata-se da transposição midiática, subcategoria da Intermedialidade. Este processo vai se preocupar com as possibilidades materiais e as convenções vigentes para promover a adaptação do texto literário para o cinema. A transposição midiática é, portanto, um processo alinhado ao processo da adaptação, uma vez que se volta à reconfiguração das estruturas textuais dentro de determinado contexto, a fim de que atenda a finalidade da mídia a que se quer adaptar; exemplos comuns de tais processos que se conjugam – transposição midiática-adaptação – são frequentes ao migrar uma narrativa do suporte livro para um filme ou peça teatral, em que técnicas e linguagens são demandadas para que o público alvo da mídia em questão seja um destinatário que consiga usufruir do conteúdo e efeitos de sentido daquilo que lhe é comunicado/mediado. O romance *Quincas Borba*, ao ser transposto para a nova mídia (cinema), contém, ainda, elementos do chamado texto-fonte, que por nós é chamado preferencialmente texto de partida. Considerar o texto literário ‘fonte’ demanda a seguinte ressalva: a matéria que inspira não é um único ponto de origem a ser fielmente seguido pela sua releitura. Podemos dizer que a transposição midiática, portanto, não necessariamente segue a hierarquia e o compromisso de fidelidade entre a obra escolhida como fonte e a respectiva obra derivada; mas entende-se que se trata de um processo de iluminação mútua em que os textos entram em diálogo, considerando a dinâmica da articulação em função dos meios - suportes, contextos, ideologias e múltiplos efeitos de sentido. O resultado da transposição entre mídias distintas não reproduz, mas mantém força significativa diversa da obra de partida – conforme será estudado em *Quincas Borba*, romance de Machado, na adaptação de Roberto Santos.

Palavras-chave: *Quincas Borba*. Transposição Midiática. Adaptação. Literatura e Cinema.

Travessia: o sertão é (mar) quando menos se espera

Autora: Bruna Freitas Figueiredo

Orientadora: Danusa Depes Portas
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: A partir da leitura do filme *A História da eternidade* (2014), de Camilo Cavalcante, procurase realçar o tema da desrazão como forma de extrapolar os limites impostos pelas relações patriarcais que catalogam os indivíduos, aprisionando-os e limitando seus espaços de flutuação. Trata-se de uma travessia em que se destaca o artista-criador não só como um disparador, mas também mediador da tecitura narrativa; que afeta e impulsiona o deslocamento dos indivíduos submetidos a relações opressivas, aprisionados, assim, pelas limitações da moral religiosa e dos laços familiares. Os afetos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra, escreve Deleuze (2012). O que está em risco nessa(s) travessia(s)? A partir disso, objetiva-se nesse trabalho analisar as estratégias de montagem do filme homólogas à estrutura do romance, dividido em três capítulos, de modo a relacionar as narrativas de três personagens femininas de diferentes gerações situadas no aprisionamento do sertão. Tendo em vista a ambiguidade contida no ambiente - limitador, mas que guarda a potência dos desejos -, cabe indagar como é aberta a possibilidade de atravessamento das fronteiras de lugares estáveis para espaços em que os territórios tremem ou as arquiteturas desmoronam (DELEUZE, 2013). Desse questionamento surge então a figura do artista desviante presente no filme como agenciador das possibilidades de vida, que desestabiliza a realidade propondo outro olhar para ela. Será interessante perceber a imagem do artista-criador como operador de heterotopia (FOUCAULT, 1984), já que ao relacionar-se com os lugares a sua volta, os denuncia, pondo em destaque além das ilusões neles contidas, as forças que compartimentalizam a vida humana, como enfatiza Foucault. É importante, ainda, observar a maneira performática do corpo-coador, corpo-tela (PÁL PELBART, 1989), que esse expoente apresenta de modo a suspender o espaço-tempo para remodelar as noções pré-estabelecidas de Sujeito, Identidade e Origem e que poderia ser lido junto aos parangolés de Hélio Oiticica (“asa-delta para o êxtase”) como também as criações do artista-louco Arthur Bispo do Rosário. Por meio da travessia das fronteiras tênues delimitadas na forma social e disciplinar, o constante embate contra essas posições fixas, essas clausuras é visto como possibilidade de resistência à violência instaurada em lugares coercitivos – a casa de

família, as regras existentes nas instituições, até a própria figura do Estado. O artista-criador, portanto, atinente à necessidade do deslocamento e da impossibilidade de permanência, em uma relação de alteridade em que a estranheza inerente ao outro é central para desencadear a percepção e estados intensivos, suscita não só a abertura do pensamento potente, assim como a das sensações na tecitura narrativa.

Palavras-chave: Travessia. Artista-criador. Afeto.

O teatro moderno de Racine: Resistência e Trauma nas traduções de Phèdre.

Autor: Caio Mendes Aparício Fernandes

Orientador: Carlos Augusto Nascimento Sarmento-Pantoja

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: O seguinte Pôster visa apresentar a obra moderna Phèdre de Racine, baseada nas traduções de Almeida Prado Kelly (1985), e Mendo Trigoso (1950), a partir do conceito de resistência desenvolvidos pelos teóricos Alfredo Bosi (2002), Federico Lorenz (2015) e Augusto SarmentoPantoja (2014). Além de tal conceito nos utilizamos do conceito de trauma, pautados nos estudos Sigmund Freud (1998) e na análise de Maldonado & Cardoso (2009), sobre a presença da memória traumática. A peça de Racine, baseada na obra Hipólito de Eurípedes, relata a história de Hipólito, jovem filho de Teseu e da amazona Antíope ou Hipólita, apaixonado pela jovem Arícia, por conta de sua beleza. Mas a princesa pertence a um reino inimigo, o que desencadeia um importante conflito dramático na peça. Sua devoção à deusa Diana (Ártemis), conhecida como a deusa da castidade o impede de se entregar aos amores juvenis e o atormenta. Por isso, o jovem deseja fugir ao perceber que seu sentimento por Arícia cresce a cada dia, a forma que encontrou para realizar esse afastamento de Arícia, foi ir à procurar do seu pai Teseu, até então desaparecido. O conflito principal da obra se instala em Fedra, esposa de Teseu e madrasta de Hipólito, que percebe estar apaixonada por seu jovem enteado, mesmo sabendo das implicações de um relacionamento entre eles, e influenciada pela Ama, a rainha de Trezena decide se arriscar em revelar seu amor pelo filho da amazona. Ao contar para Hipólito, percebe que o mesmo

está estarecido pelo que ouve e assim Fedra foge de sua presença envergonhada. A situação de Fedra acaba se tornando mais complicada com a notícia da volta de seu marido, o qual já era julgado como morto. A leituras das traduções possibilitaram comparar como os tradutores deram formas bem diferentes aos seus textos. Além de formalizarem a resistência e o trauma de maneira diferentes.

Palavras-chave: Resistência. Trauma. Teatro. Racine.

Literatura e técnica em João do Rio: O cinematógrafo de Letras

Autora: Camila de Souza Barros da Silva

Orientadora: Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Literatura e técnica em João do Rio: O cinematógrafo de Letras Considerando a transição do século XIX para o início do XX, o período conhecido como Belle Époque se caracteriza por rápidas e grandes transformações, sendo estas visíveis na grande reforma urbana feita pelo prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro, ao lado do surgimento de novos inventos tecnológicos, forte repressão à cultura popular e a adoção dos modelos civilizatórios parisienses. O trabalho pretende apresentar uma leitura crítica sobre as crônicas escolhidas do escritor e jornalista carioca João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) considerando o diálogo de seus textos com a técnica. João do Rio publica em 1909 uma coletânea de crônicas chamada Cinematógrafo. O dialogo das crônicas com as técnicas, como o cinema e a fotografia foi estudado pela crítica F. Sussekind (1987), que define esse processo no cronista, como uma “relação mimética”. Diante do exposto, nosso objetivo será a leitura crítica dos recursos estéticos apresentados nas crônicas de João do Rio, aprofundando as observações sobre a obra do cronista, no diálogo com o cinema, a fotografia, a velocidade, a imprensa e os diversos aspectos da experiência urbana. Os recursos estéticos presentes na sua obra se apresentam por meio de simultaneidade temporal através das sucessividades de emoções narradas, percepção em flashes das cenas do cotidiano urbano, ideia de movimento na narrativa e apresentação de temas relacionados à velocidade e ao moderno. As crônicas do Cinematógrafo de João do Rio, além de trazerem um panorama da tensão causada pela

modernidade, vão mostrar como esse processo e o diálogo com a técnica afetou a escrita. Serão utilizadas crônicas escolhidas do volume Cinematógrafo para discutir também como se manifestam as tensões entre antigo e moderno, novo e arcaico na escrita das crônicas. Esta pesquisa vincula-se ao LABELLE, Laboratório de estudos de literatura e cultura da Belle Époque, UERJ e foi realizada com o apoio da bolsa PIBICUerj. Referências: SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil. Companhia das Letras, 1987. Pg. 47

Palavras-chave: João do Rio. Crônica. Técnica. Modernidade.

A canção diz a sua meta: "Canção Amiga" e a metapoesia na vocoperformance

Autora: Camila Novaes Maia

Orientador: Leonardo Davino de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: “Canção Amiga” é o poema de abertura de Novos Poemas de Carlos Drummond de Andrade, e traz o espírito de engajamento e comunhão de seu livro antecessor, A Rosa do Povo; é engajado, porém, não de uma forma combativa, mas sim com um espírito de integração, comunhão e sobretudo paz. É uma metapoesia, pois se autoinvestiga através da íntima relação entre poesia e música. Em “Canção Amiga” temos a canção dizendo a sua meta, com um eu-lírico poeta-cantor nos descrevendo a preparação de sua canção, uma canção que unirá os povos, que trará paz. “Canção Amiga” foi musicada e gravada pelo grande cantor e compositor da MPB, Milton Nascimento, em 1978 no álbum Clube na Esquina nº 2, álbum que contemplava o movimento musical Clube da Esquina, grupo de músicos surgido em Minas Gerais, que tinham como referências, além da Bossa Nova e do jazz, músicas folclóricas mineiras. Em 2015 foi lançado a coletânea Mil Tom, com os novos nomes da música popular brasileira interpretando os grandes sucessos de Milton Nascimento; e entre eles está “Canção Amiga”, dessa vez interpretada pelo poeta, compositor e cantor pernambucano, Tibério Azul. A análise consiste em explorar e comparar as duas interpretações do poema musicado, e como cada uma trabalhou em sua performance a metalinguagem do poema. Utilizando como base para

reflexão as classificações de categorias utilizadas por Luiz Tatit em O cancionista: tematização, passionalização e figurativização. E utilizando também, o texto “ As ruas de Drummond” de Antônio Carlos Secchin.

Palavras-chave: Poesia. Canção. Drummond. Metapoesia.

Narrativas distópicas no processo de letramento literário de jovens leitores

Autora: Camila Pinhal do Nascimento

Orientador: Prof. Dr. Antonio Francisco de Andrade Jr.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: A grande circulação e adesão de conteúdos de caráter distópicos pelo público jovem atualmente ganha destaque. Este fenômeno contribuiu como ponto de partida para investigar a relação de um grupo de jovens do ensino médio de uma escola pública federal carioca, a fim de obter respostas para os seguintes questionamentos: que contatos os alunos do ensino médio têm com narrativas distópicas? De que modo estas narrativas influenciam as relações dos alunos brasileiros com culturas estrangeiras? Como os alunos do ensino médio interagem com uma narrativa literária distópica, tendo em vista suas experiências de literatura e sua memória discursiva? Em termos metodológicos, realiza-se um estudo de caso qualitativo pautado na etnografia da prática educacional (ANDRÉ 2005), utilizando como corpora questionários, observações de campo e grupo focal, dos quais participam alunos do segundo ano do ensino médio. Os dados serão analisados à luz de estudos centrados no conceito de letramento literário, sob a perspectiva discursiva. Embora a pesquisa ainda esteja no processo de geração de dados e, por isso, não há por ora resultados parciais ou finais concretizados, a hipótese em relação aos resultados a serem alcançados é que os jovens têm contato com as narrativas distópicas atuais, o que faz com que as diferenças socioculturais em relação ao modo de identificação em diversos quesitos (ROUXEL 2013) sejam percebidas e interpretadas criticamente, produzindo o movimento de diálogo entre o sujeito e o outro (CANDIDO 1989) e desestabilizando determinados regimes de verdade. Nesse sentido, discutiremos - a partir da perspectiva de um estudo de caso que toma em conta o papel do leitor jovem - a dissidência entre pontos de vista que se

encontram em tensão no campo da crítica (DALCASTAGNÈ 2017; PERRONE-MOYSÉS 2016) a respeito da produção literária contemporânea.

Palavras-chave: Letramento literário. Narrativas. Distopias.

As mulheres na visão de Charles Expilly - literatura de viagem - conexão França-Brasil

Autora: Camile Teixeira de Oliveira Ribeiro

Orientadora: Maria Elizabeth Chaves de Mello

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: O presente projeto de pesquisa propõe-se a desvelar a percepção de viajantes franceses em terras brasileiras no século XIX, tendo como ponto de partida a análise do olhar europeu sobre a condição feminina e os costumes do povo brasileiro representado no livro *Les femmes et les mœurs du Brésil*, de Charles Expilly. Sua estadia em território brasileiro de 1814 a 1886, o autor busca retratar o contexto social do país através da descrição das localidades visitadas, bem como do que observou no tratamento e comportamento das mulheres, fornecendo-nos muito material para reflexão sobre a identidade brasileira, bem como sobre a condição feminina, no nosso país. A questão da mulher no nosso país do século XIX, ainda hoje tão relevante, contribuirá para reflexões importantes, tanto nas questões literárias, quanto nas ciências sociais. A resultante desse recuo para o passado é fundamental à reflexão da construção identitária. Ele responde aos questionamentos e justificam a formação do processo contínuo do desenvolvimento da identidade nacional. A identidade social possibilita o reconhecimento de um indivíduo e fornece a sensação de pertencimento a uma coletividade, ou seja, fator de ligação de um indivíduo em sua singularidade com seu meio social, partilhando da mesma identidade histórica. A presença da mulher representada em seu texto não como pano de fundo desta sociedade, mas as destaca e as transforma em papéis importantes de seu romance, possibilitando a construção da identidade do gênero da mulher brasileira. Tendo como ponto de partida os estereótipos femininos presente na sociedade brasileira, o autor nos fornece riquíssimos dados para que possamos estabelecer interfaces dos estudos sobre as mulheres entre o passado e o presente, preenchendo as lacunas deixadas ao longo do tempo pelas poucas fontes sobre o tema. E por meio

dos recortes culturais e ideológicos chegaremos ao um entendimento final sobre o que é realmente o ser mulher. Com a reflexão do tratamento das mulheres no século XIX poderemos as emergir no cenário de um período histórico pouco preocupado com as diferenças sexuais. Charles Expilly apresenta o Brasil oitocentista como palco de oscilações em vários setores, desde o regime político ao comportamento cultural. Através do seu olhar e da literatura de viagem, poderemos dar voz ao grupo de mulheres presentes em *Les femmes et les mœurs du Brésil*, tais como Júlia, Manoela, Brígida, Cecília, Sancha, Miranha, Mãe-d'água, dentre outras e, de certa maneira, resgatá-las da exclusão e invisibilidade presente nesse contexto histórico brasileiro do século XIX. O universo feminino, em seus relatos, tem papel fundamental para o desenvolvimento de seu texto. Através das suas histórias, esculpiremos sua função social e familiar. Contar a história da mulher é também contar a história do Brasil.

Palavras-chave: Mulheres. Identidade Feminina. Século XIX. Charles Expilly.

O ser humano ciborgue e sua imersão na literatura

Autor: Carlos Augusto de Oliveira Ribeiro Junior

Orientadora: Danusa Depes Portas

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio)

Resumo: Para ser um ciborgue não são necessários chips, implantes ou cirurgias intervencionais na natureza humana. É preciso de bem menos: ser um ciborgue significa que somos capazes de transferir aquilo que está em nossas mentes para algo concreto e trabalhar com isso. É justamente por sermos naturalmente nascidos de tal forma, sempre prontos para fundir nossas atividades mentais com as operações da caneta, papel e eletrônicos, que somos capazes de entender o mundo como entendemos (CLARK, 2003). A nossa porta de entendimento do que nos cerca sempre é feita através de todos os componentes à nossa volta, sejam eles tradicionais ou recentes. Entretanto, ao tomarmos como ponto de partida os dispositivos informáticos, que atualmente se tornaram a nossa forma de ver o mundo, será possível perceber que dentro do virtual e o real, “os limites não são mais dados: os lugares e tempos se misturam e com isso, as fronteiras nítidas dão lugar a

uma fractalização das repartições ” (LÉVY, 2011). Quando os nossos mundos começam a ficar mais inteligentes e eles passam a nos conhecer cada vez mais, torna-se obscuro dizer onde começa o mundo e em que lugar começa a pessoa (CLARK, 2003). A visão do homem do século XXI perpassa em sua grande parte nos ambientes urbanos através de uma tela, de um dispositivo global com capacidade de conectar-se ao mundo em uma nuvem que existe, mas que também não existe. A sua noção de realidade passa pela ideia daquilo que é visto, mas que não pode ser tocável: sabemos da existência das estrelas, embora isso não determine que sejamos capazes de alcançá-las. Importante ressaltar que a folha de papel, a imagem e a escrita são tecnologias transparentes, isto é, elas já se tornaram tão adaptadas aos seres humanos e tão integradas que já são inconscientemente operadas sem esforços, assim como os celulares, computadores e inovações tecnológicas estão prestes a se tornar tão intrínsecos quanto, se é que já não podemos afirmar que isso aconteceu. Dessa forma, podemos dizer que se expande a literatura, as relações humanas e as artes visuais para o campo cibernético da internet. Ou seria mais sensato dizer o contrário? O intuito desse trabalho é, então, analisar e colocar em pauta a questão da possível inoperabilidade da dissociação da informática e do homem e a possível mudança da percepção sobre o que é a literatura no futuro. Partindo do episódio “Toda a sua história” da série Black Mirror, a intenção é trazer a possibilidade da reinvenção do olhar literário, através de novos aparatus, como o implante de memória, isto é, um implante que possui a capacidade de revisitar todas as suas memórias livremente e analisá-las, citado em tal episódio. O ponto é justamente atrair essa discussão, trazendo uma visão de que o ser humano não pode se dissolver daquilo que, através de habilidades cognitivas, acoplou a si as habilidades tecnológicas informacionais e criou uma nova forma de ver o mundo.

Palavras-chave: Ciborgue. Virtual. Real.

As mulheres da Belle Époque pelo olhar de Lima Barreto

Autora: Carolina Tiecher Leal

Orientadora: Carmem Lucia Negreiros de Figueiredo Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: A Belle Époque marcou uma série de transformações culturais na sociedade e o Brasil tentou acompanhar o ritmo europeu de modificações e modernização. A família, como instituição social, também se modificou. Essa alteração na organização familiar afetou diretamente a mulher. Vale ressaltar sua grande importância dentro da família, pela sua posição econômica e pelo seu papel social definido nos moldes patriarcais. A mulher sempre foi considerada como responsável pela casa, comprimida e enclausurada nos afazeres domésticos, além de depender de uma figura masculina, seja pai, irmão, marido ou tutor. Durante a época colonial ainda, toda a estrutura arquitetônica das casas contribuía para que esse confinamento se perpetuasse. Considerada uma pequena fábrica, onde ocorria o fabrico de pão, de roupas, entre outras atividades domésticas, a casa era, ao mesmo tempo, lugar de ócio e obrigações para a mulher. Não é de se estranhar que, numa época em que não se tinha saneamento básico nem para as classes mais abastadas, a situação das residências era completamente insalubre e desconfortável para as pessoas se acomodarem durante o dia inteiro. O homem, ao contrário, passava mais tempo fora de casa e tinha um contato maior com o mundo. A mudança na dinâmica dessa dona de casa – e na da família em geral – acontece com a intervenção médico-estatal, que visava a salubridade e o asseio das habitações. Esta intervenção estreitou a relação da mulher com o mundo exterior e também entre os familiares uns com os outros. A casa colonial era uma representação da pouca higiene e da pouca (ou nenhuma) intimidade parental. O progresso estava acontecendo e a família precisou subsistir de outra maneira. Na transição do século XIX para o XX, as mulheres passaram a procurar trabalho remunerado e, obviamente, fora do lar. Mas quando conseguiam um emprego, este não era suficiente para sua independência. Com salários inferiores pelo mesmo trabalho executado, a mulher continuava presa às amarras do sexo masculino. Rumo à modernidade, no final do século XIX e início do século XX, muitas foram também as transformações urbanas e seu modo de organização arquitetônica. Com novos recursos tecnológicos, até os materiais de construção foram aperfeiçoados. O avanço da indústria e as instalações hidráulicas moldaram uma nova cidade, tudo isso somado à força da medicina e da ciência como orientadora de um modo de vida moderno e, ao mesmo tempo, controladoras dos novos comportamentos. Diante desse cenário, a obra de Lima Barreto (1881-1922) apresenta uma visão interessante sobre a Belle

Époque e papel feminino na sociedade. O autor é considerado controverso quanto a abordagem desse tema, visto que ora afirma categoricamente a necessidade da emancipação do sexo feminino, ora apresenta opiniões contrárias a essa posição. Serão escolhidos contos e crônicas do escritor carioca para uma reflexão crítica sobre a tensão entre o papel da mulher na modernidade da Belle Époque, o intelectual e a literatura. Esta pesquisa vincula-se ao LABELLE- Laboratório de estudos de literatura e cultura da Belle Époque/Uerj.

Palavras-chave: Belle Époque. Lima Barreto. Emancipação feminina.

Ensaio pelo fragmento: leitura e escrita do Brasil em Caderno de Poesias, de Maria Bethânia

Autor: Everson Nicolau de Ameida

Orientadora: Prof^a Dr^a Roberta Guimarães Franco Faria de Assis

Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Resumo: A presente proposta de apresentação de poster enseja discutir alguns aspectos estruturais e temáticos do livro *Caderno de Poesias* (2015), de Maria Bethânia. Ao analisarmos a composição da obra, que se dá por meio da junção fragmentos literários e musicais, pode-se pensar na construção de uma escrita híbrida, que abarca elementos da cultura oral e escrita, na qual está inserida uma visão de Brasil por parte da autora. Tal ideia de constituição de um Brasil mestiço é construída através de uma composição literária em que estão presentes traços de um pensamento híbrido, que se materializa nas relações artísticas, culturais e históricas do nosso país. É através da junção de fragmentos que Bethânia mescla diversas formas de linguagem embricadas em seu livro e estabelece uma forma versátil de escrita que reorganiza os textos, a fim de que seja possível um reordenamento dos enunciados na composição de um novo texto. Tal junção não é um mero exercício de recorte do texto original e de redimensionamento em outro suporte ou meio de circulação, mas é um trabalho de tecitura autoral, elaborado de forma cuidadosa e subjetiva. Essa composição estrutural da obra, que engloba o seu caráter material enquanto suporte nos permite analisar os elementos que formam este eixo do livro *Caderno de Poesias*. A partir desses elementos estruturais que constituem uma forma de

ler e escrever os processos históricos do Brasil, temos um caráter ensaístico na escrita de Bethânia. Inserida em um contexto de prática cultural específica, a literatura, analisada pelo viés dos estudos culturais – perspectiva teórica na qual se fundamenta a presente proposta de apresentação – e ganha novas abordagens, pois é relacionada a outros discursos e seu estudo é encarado como um fenômeno complexo de intertextualidade. Percebemos assim, um diálogo entre a literatura e outras áreas do conhecimento, como a História, que nos ajuda na compreensão do país na sua dimensão étnica, cultural e identitária. Deste modo, as interfaces presentes neste modo de escrita que aparece na obra de Maria Bethânia e novas possibilidades de leitura sobre o Brasil e assim, cria novas experiências a serem vividas. Se econômica e politicamente há privação do acesso a leituras mais amplas da nossa história, é o cruzamento dos gêneros literários e musicais que irão proporcionar a criação de um dispositivo formal que atuarão no plano estético, inaugurando assim, uma obra que nos permitirá olhar para as ambiguidades e contradições que estruturam a sociedade brasileira. Este trabalho é orientado pela Prof^a. Dr^a. Roberta Guimarães Franco (DCH-UFLA) e é financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq), como parte do projeto intitulado "Brasilidade mestiça em fragmentos: uma análise do Caderno de Poesias, de Maria Bethânia" no âmbito do projeto "A pluralidade cultural brasileira para além do cânone". Autores como Barrento (2010), Benjamin (1984, 1987), Bourriaud (2009), Eagleton(2006), Eiras (2005), Gruzinski (2001, 2003) e Santiago (2000!) servem de base teórica ao nosso trabalho.

Palavras-chave: Maria Bethânia. Fragmento. Brasilidade. Mestiçagem.

Uma análise da obra Texaco, de Patrick Chamoiseau: a personagem Marie-Sophie Laborieux e suas estratégias – contradiscursivas e feministas

Autora: Fabiana Pereira de Assis

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Helena Valentim Duca Oyama

Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Resumo: Neste trabalho, analiso a obra Texaco, publicada em 1992, pelo romancista martinicano Patrick Chamoiseau. Meu objetivo é averiguar as estratégias contradiscursivas e comportamentos considerados feministas com

relação à protagonista, Marie-Sophie Laborieux. Para a realização deste trabalho utilizei os conceitos da teoria pós-colonial, relacionados às estratégias contradiscursivas chamadas de guerra de manobra, guerra de dupla agenda e guerra de posição propostas pelo sul africano Abdul Jan Mohamed, o guianense Wilson Harris e o indiano Homi Bhabha, respectivamente. Para analisar os comportamentos feministas, abordei os conceitos de Ricardo Azevedo Júnior, que diferencia o perfil de mulheres feministas em radical, narcisista e enrustida. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico.

Palavras-chave: Patrick Chamoiseau. Teoria pós-colonial. Estratégias Contradiscursivas. Feminismo

Projeto: Influência da literatura Picaresca no gênero Malandragem

Autor: Fabiano Henrique Rocha

Universidade Federal de Roraima

Resumo: Partindo do Renascimento, fortemente caracterizado pela reforma protestante que desencadeou novas ciências e formas de pensar sobre a vida, percorremos uma revisão historicocultural da figura do anti-herói na literatura, tomando por base Lázaro de Tormes da obra *El Lazarillo de Tormes*, de 1554 como primeiro Pícaro. Buscando traços de anti-herói na Literatura europeia até sua chegada à literatura brasileira, tratando da originalidade do personagem em meio a crítica social referenciando a análise de Antônio Candido (1970) da obra *Memórias de um sargento de milícias*, na qual defende que a Picaresca influenciou o gênero Malandragem no Brasil e que os dois são gênero amplos de personagens aventureiros e astutos presente em tudo os folclores.

Palavras-chave: Literatura. Picaresca. Malandragem.

A loucura das borboletas: fracassam-se as palavras, arruína-se o desejo

Autor: Fabio Gustavo Romero Simeão

Orientador: Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Resumo: Os discursos dominantes, que estabelecem arbitrariamente as fronteiras entre o normal e o patológico, ainda encaram a homossexualidade como algo ignominioso e abjeto, uma “maldição” capaz de sorver a humanidade, transformando sujeitos em monstros. O homossexual é, muitas vezes, colocado às margens da sociedade, num entre-lugar cujas coordenadas obstaculizam a compreensão sobre si mesmo, sobre o outro, de modo que, com frequência, a vítima, face ao espelho da vida, mune-se das armas do algoz. Tal conjectura irrompe-se nas territorialidades literárias, onde o amor entre iguais dilui-se em representações plásticas, ora sedutoras e rarefeitas, ora letárgicas e resistentes. Defrontamo-nos, assim, com as idiosincrasias da literatura homoerótica, as quais compõem um quadro, nem sempre harmonioso, de resistência e contestação às normas que sufocam e violentam o diferente. Um de seus representantes mais expressivos, em se tratando de Brasil, é Caio Fernando Abreu (1948–1996), detentor de uma vasta produção, que inclui contos, romances e textos teatrais. Num tom sutil e, ao mesmo tempo ácido, o escritor gaúcho contrapôs-se à repressão sexual e aos códigos heteronormativos, deixando, às escâncaras, a complexa realidade homossexual no contemporâneo. No conto *Uma história de borboletas*, publicado na coletânea *Pedras de Calcutá*, em 1977, entramos em contato com uma crítica aos pseudopadrões de normalidade, presente no drama lúgubre vivido pelo narrador-protagonista e seu parceiro André, vítimas de um sistema que os condena à incompreensão, por serem diferentes. Os amantes, náufragos em seus desejos, errantes em seus destinos, confrontam-se com a “loucura” um do outro, e, para sobreviverem ao colapso subjetivo, recorrem a alucinações, habitadas por borboletas, a fim de suportar aquilo que não conseguem nomear. Percebemos, nesse laço, a dificuldade de ambos em lidar com a angústia proveniente do olhar (des)estruturante do Outro, aquele olhar que os convoca a assumirem a diferenciação e a diferença, a enfrentar os medos e as fraquezas. A loucura, aqui, é “trans-in-lúcida”, na medida em que evoca, no amante e no amado, uma série de sensações que põem, nas fissuras do corpo, os fragmentos de sentidos foracluídos. Nossa pesquisa, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base (pós)freudiana e a literatura, entendida esta como ambiente favorável à profusão do inconsciente, procura elucidar, na narrativa em questão, os mecanismos de defesa acionados pelos personagens principais, diante da

irrupção da culpa, da angústia e do remorso, quando são impelidos a reconhecer, um no outro, as similitudes que os tornam contíguos e, concomitantemente, distantes. Quiçá as borboletas, em suas cores perturbadoras, sejam uma manifestação inconsciente de uma batalha rumo à aceitação de si mesmo, bem como da percepção da aspereza exterior que impõe à homossexualidade o claustro do hospício e do desamparo.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Homoerotismo.

Santo Inácio sob a ótica vieiriana: O lugar da Companhia de Jesus no panorama retóricopolítico-teológico do século XVII

Autor: Fernando Barboza de Carvalho

Orientadora: Ana Lúcia Machado de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O presente trabalho busca analisar, sob o aspecto do tabuleiro retórico-político-teológico da Península Ibérica do século XVII, o “Sermão de Santo Inácio”, pregado pelo Padre Antônio Vieira, no ano de 1669. O sermão foi pregado em Lisboa, no Real Colégio de Santo Antão, a professores e alunos jesuítas. Esta análise parte da premissa de que, neste sermão, a imagem do Santo e a imagem da Companhia são indissociáveis; portanto, haveria nas palavras de Vieira uma questão de causalidade: se Inácio é grande, a Companhia também seria. O hermeneuta expõe a vida do Santo como um exemplo a ser seguido, de modo a estimular o orgulho por Inácio e, conseqüentemente, pela Ordem dos jesuítas, além de exaltar sua própria imagem como pregador. Esta abordagem focará, primordialmente, em dois pontos que podem ser observados na pregação: 1) A engenhosidade retórica utilizada por Vieira para plasmar a imagem de Santo Inácio; nessa perspectiva, os principais tópicos abordados são as comparações feitas pelo hermeneuta, nas quais são expostas semelhanças alegóricas que modelam o Patriarca da Companhia de Jesus como, entre os santos, exemplo máximo de *Imitatio Sanctorum*; 2) O panorama político-teológico em que o sermão se insere, pois a oratória jesuítica buscará sempre manter o decoro referente às questões políticas do Estado de Portugal. Estes dois pontos expostos são primordiais para a abordagem de qualquer texto da produção letrada do século XVII. Na análise proposta, os tópicos mencionados fazem com que haja um enfoque maior na questão da valorização da Companhia de Jesus,

pois o sermão está sendo pregado para novos integrantes da Ordem dos jesuítas. Além disso, Vieira acreditava que Portugal era o Império escolhido para plasmar na terra o reino de Deus. Portanto, há o interesse de valorização da companhia como exemplo para os novos jesuítas e também, dentro no panorama político-teológico, como única instituição capaz de guiar Portugal em sua missão.

Palavras-chave: Santo Inácio. Companhia de Jesus. Semelhança. Retórica.

Os paradoxos da mulher da Belle Époque sob a ótica da Literatura

Autora: Flávia Marçal Meslin Pires

Orientadora: Carmem Lucia Negreiros de Figueiredo Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: No final do século XIX e início do século XX o mundo experimentava, assombrado, os avanços técnicos da modernidade. A mulher começou a ter a possibilidade de exercer novas funções no contexto familiar e social. O mercado começou a visá-la e valorizá-la, sugerindo uma ideia de sensualidade. Enquanto a permanência da mulher no interior do ambiente doméstico no Brasil Colônia traduzia o reflexo da submissão da cidade à família, na virada do século XIX para o XX, com a urbanização e a penetração do capitalismo industrial europeu, a vida tornou-se mais dinâmica e a família mais integrada à cidade. Esse período é marcado pelo surgimento de novas tecnologias: o cinema foi a grande invenção da época, através da qual o brasileiro recebia diretamente influências estrangeiras. Além do cinema, a evolução da fotografia, dos meios de transporte (como bondes, trens e navios a vapor) e dos meios de comunicação contribuíram para dinamizar o ambiente e a convivência social, contribuindo para a redefinição de funções e papéis. O Rio de Janeiro, como capital, era o centro irradiador de todas essas novidades e cenário para reformas urbanísticas e higienistas. As ruas tornavam-se mais amplas e a cidade tornava-se mais arejada, dentro do modelo europeu de civilização. A medicina higienista teve um papel importante para corroborar a tese de que a mulher deveria dedicar-se à maternidade e à amamentação e, ao mesmo tempo, ir às ruas e desenvolver maior sociabilidade. A mulher da elite passava a frequentar salões de chá, saía às ruas para fazer compras e precisava aprender a se portar para receber

bem os convidados do marido nas inúmeras recepções. Com isso, foi abandonando seus antigos hábitos de reclusão e aproximando-se das novidades europeias. A medicina higienista, ao mesmo tempo em que retirava a mulher do seu confinamento doméstico e estimulava a modernização dos costumes, condenava os riscos dos excessos da moda e das vitrines, reproduzindo formas de controle e pressão sobre a figura feminina. O médico, com sua autoridade inquestionável, mostrava o mundo como fascinante, mas condenava a moda como uma “infecção moral” que poderia tornar as mulheres fúteis e irresponsáveis, fazendo com que se desviassem de seus deveres. Ser mãe era praticamente uma obrigação: a mulher deveria dedicar-se a educar seus filhos para que se tornassem homens úteis à nação. Mesmo diante de todas essas pressões, a mulher foi tendo cada vez mais acesso à educação e tomando contato com um novo padrão de comportamento feminino. Diante desse quadro, o trabalho pretende apresentar as diferentes formas de abordagem do papel da mulher, seus dilemas e tensões, na sociedade da Belle Époque em textos escolhidos de Benjamin Costallat, Lima Barreto, João do Rio, Olavo Bilac e Narcisa Amália. Esta pesquisa vincula-se ao LABELLE/Uerj- Laboratório de estudos de literatura e cultura da Belle Époque.

Palavras-chave: Mulher. Belle Époque. Paradoxos. Literatura.

Crônicas de uma cidade na Belle Époque: entre salões e avessos

Autor: Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza

Orientadora: Luciana Marino do Nascimento

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo: A experiência urbana e a modernidade são fatores essenciais para compreender os séculos XIX e XX. O discurso literário, nesse panorama, é um importante aspecto na construção dos imaginários culturais e horizontes citadinos. Por isso, este projeto tem como base a obra *Diário íntimo*, de Lima Barreto e, sob esse prisma, pretende-se investigar as relações entre ficção, história e memória. Ademais, serão enfocados os avessos da Belle époque carioca, assim como a marginalização representada e denunciada na escrita de Lima Barreto. Dessa maneira, trata-se de um trabalho de cunho

bibliográfico aliado à consulta e cotejo às fontes primárias pertencentes ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: Modernidade. Lima Barreto. Crônica. Belle Époque.

A sociedade francesa da Belle Époque através da tradução e da correspondência proustiana: prelúdios de um mundo em mutação

Autora: Gabrielle Pereira Coelho

Orientadora: Luciana Persice Nogueira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: A seguinte pesquisa, que se vincula a um fecundo trabalho desenvolvido no seio do Departamento de Literatura Francesa do Instituto de Letras da UERJ, intitulado “Relevância e recepção da tradução junto ao meio intelectual francês da Belle Époque”, tem por objetivo apresentar de que maneira o debate em torno do cosmopolitismo, importante disseminador de manifestações literárias e culturais estrangeiras na França, se incorporou no ambiente intelectual local na virada do século XIX, através da tradução, atividade cuja recepção, ora bem-vinda, ora rechaçada, se impôs como uma discussão incontornável nos meios letrados e literatos franceses do período. Pretende-se, com o presente trabalho, lançar um olhar especial sobre a repercussão do trabalho de Marcel Proust, nome canônico da Literatura Francesa, como tradutor e crítico literário de obras estrangeiras, especialmente inglesas, durante a Belle Époque. A pesquisa repousa essencialmente sobre o acolhimento dos romances *La Bible d’Amiens* e *Sésame et les Lys* pelas autoridades ilustradas, publicadas em inglês pelo esteta John Ruskin e traduzidas, após sua morte, pelo renomado escritor francês, cujos méritos enquanto tradutor são colocados em questão, engendrando vivas discussões acerca da qualidade de suas produções com demais tradutores, quando não completamente desconhecidos do grande público até hoje. Além disso, as relações tecidas entre Proust, outros intelectuais e o círculo editorial do contexto, sobretudo no que tange à recepção crítica de suas traduções, ganham um espaço privilegiado nesta comunicação graças ao rastreamento de um precioso banco de dados: a correspondência proustiana, vasto acervo organizado em 21 tomos por Philip Kolb. Partindo desse corpus, constata-se a presença de rivalidades e

divergências de pontos de vista entre os expoentes intelectuais do momento, o que contribuiu, indubitavelmente, para desenhar o perfil dinâmico e inovador característico da sociedade francesa do avant-guerre. Assim sendo, a seleção de cartas enviadas ou recebidas por Proust atua como uma ferramenta fundamental para a identificação de seus principais correspondentes, bem como o efeito que suas traduções suscitavam nas esferas literárias e editoriais de seu tempo, permitindo depreender o caráter multifacetado de um corpo social em transformação. Por intermédio do enfoque atribuído à correspondência de Marcel Proust, a pesquisa se alicerça sobre bases concretas, garantindo uma melhor compreensão da mentalidade francesa durante a fase de ouro que o país conheceu, não só no âmbito da produção intelectual, como também nas dimensões econômica, política e tecnológica. Enfim, a correspondência proustiana, em torno da qual se depreende o comportamento de uma sociedade envolvida por uma atmosfera de inovações, progresso e dinamismo, fornece pistas que traçam a postura da França em relação à aceitação de obras oriundas de culturas estrangeiras, à maneira segundo a qual a tradução era vista na época, e, conseqüentemente, ao status de que gozava o tradutor, profissional que, geralmente, não era enxergado como um agente constitutivo da frutuosa produção artístico-literária da Belle Époque.

Palavras-chave: Correspondência proustiana. Tradução. Literaturas estrangeiras. Belle Époque.

A Importância da Literatura Surda no Desenvolvimento de Materiais Didáticos Relacionados à Língua Portuguesa como segunda língua (LP2)

Autoras: Gabrielli Afonso Serafim e Vanessa dos Santos Galvão Noronha

Orientadora: Angela Correia Ferreira Baalbaki

Univerdidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir e analisar aspectos fundamentais na elaboração de materiais didáticos relacionados à Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (LP2) para a comunidade surda e o uso da literatura como parte constituinte dos materiais elaborados, passando a ter importância como recurso pedagógico na educação desses discentes. O material faz parte do Projeto de Extensão Recursos e materiais para o ensino

de Português para alunos surdos, que busca o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (LP2) para os alunos surdos de uma turma de 6º ano. É um material feito especialmente para os discentes surdos visando atender as suas necessidades e abrangendo a identidade dessa comunidade. Durante a pesquisa para a produção do material didático, observou-se que existe pouca produção literária voltada para a comunidade surda, assim como a baixa publicação de obras de artistas pertencentes a essa comunidade, que são pouco conhecidos e valorizados pelo grande público e, inclusive, pela própria comunidade surda. Entretanto, cresce-se o mercado de digitalização visual em LIBRAS de obras já consagradas na sociedade. Há, também, a adaptação de histórias conhecidas, como Cinderela surda, feita em LIBRAS, em que ocorre um ajustamento entre uma obra conhecida e a realidade da comunidade surda, aproximando-os. E com o auxílio das novas mídias digitais, escritores surdos encontram um aliado para a disseminação do seu trabalho, através de plataformas como o Youtube e outras redes sociais. Com isso, busca-se fazer uma pesquisa sobre as razões da baixa produção de literatura para esse público, as obras existentes já publicadas e a aceitação delas por parte dos seus leitores. Além, de utilizar a literatura surda como incentivo para a formação, desenvolvendo a capacidade e as habilidades dos alunos através do reconhecimento de uma literatura voltada para ele e sua realidade, visto que, a literatura é uma parte importante na representação cultural do seu povo. Dessa maneira, ao aliar literatura surda e ensino, cria-se um impasse, pois como produzir material didático de qualidade, quando não se encontra recursos para compô-lo? A partir desse impasse, buscamos preparar um material didático que contemple as especificidades desses aprendizes e desperte neles uma procura pela literatura surda e, conseqüentemente, pela história do seu próprio povo e, talvez, desperte também, nesses discentes, o interesse em produzir literatura. O material didático, no momento, encontra-se em fase de finalização, com o objetivo de ser testado no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) durante o ano de 2017.

Palavras-chave: Literatura surda. Produção de material didático. LIBRAS. Língua Portuguesa como LP2

As margens que os comprimem: teatro brechtiano e literatura brasileira na sala de aula

Autor: Gauthier Figueiredo Netto

Orientadora: Denise Brasil

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: O teatro é um importante recurso didático para o ensino/aprendizagem. Embora pouco praticado como atividade interdisciplinar nas disciplinas obrigatórias do currículo mínimo como afirma Cunha (2009), ele pode elucidar uma “nova forma” de aquisição do conhecimento. O projeto baseia-se principalmente no estudo e elaboração de experiências individuais de Koudela (2007). Visa um teatro além das palavras, que objetiva contribuir para uma formação mais humanizada dos conhecimentos propostos e elevar o aluno como protagonista de sua própria realidade como propõe Moraes (1996). Dramatizar textos e poemas da literatura brasileira com um reforço do teatro político do dramaturgo alemão, Bertolt Brecht, poderá fortalecer o senso crítico por parte do alunado, possibilitando antes de qualquer coisa, o conhecimento de si mesmo, fazendo com que o ensino/aprendizagem da literatura seja algo além de um simples conteúdo obrigatório preestabelecido. Leituras de poetas e escritores como Castro Alves, José de Alencar, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães e Manoel Antônio de Almeida farão parte do cronograma do projeto. Jogos teatrais, jogos de cena e criação de personagens serão as metodologias empregadas. A leitura de obras dos escritores citados e também as releituras dessas obras (dependendo da vontade e necessidade das turmas) serão dramatizadas pelos alunos. O produto final do projeto será uma apresentação, que será filmada, no LIS – Laboratório de Imagem e Som da UFF e compartilhada no Facebook. O presente projeto é desenvolvido com o apoio da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, através do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (Língua portuguesa) da UFF – Universidade Federal Fluminense para os alunos do segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Raul Vidal localizado no município de Niterói – RJ. Bibliografia 1: CUNHA, Ademilson Henrique. Teatro na escola: proposta para a educação moderna. Disponível em: [HTTP://www.fapa.com.br/monographia](http://www.fapa.com.br/monographia). Acessado em: 2017 Bibliografia 2: KOUDELA, I.D. Brecht: um jogo de Aprendizagem. São Paulo:

Perspectiva, 2007 Bibliografia 3: MORAIS, J. A arte de ler. São Paulo, Ed. UNESP, 1996.

Palavras-chave: Teatro. Literatura. Educação.

Presença, sentido: violências na/da montagem

Autora: Giovanna de Souza Corbucci

Orientadora: Danusa Depes Portas

Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio)

Resumo: No objeto-livro “Os anões” (2010), da escritora-artista visual Verônica Stigger, é possível ler/ver seu gesto de montagem, que implica a presença e o agenciamento de textos-imagens provenientes de diversas temporalidades: há diálogos com os “anões”, personagens conceituais de Walter Benjamin; os “canibais” de Montaigne; fragmentos de textos publicitários e até mesmo bilhetes íntimos. A materialidade dessas textualidades – provenientes da modernidade, mas ainda nossas contemporâneas – quando lançada e pensada em conjunto, compõe uma potência imagética que, ainda que a partir de gestos inerentes a contextos de produção de sentido, consegue formar momentos de “cintilação” ou de “imaginação dialética” (BENJAMIN, 2013) em que a presença e o sentido (GUMBRECHT, 2010) se “chocam”. O agenciamento proposto por Stigger, assim, produz presença, a partir da composição de um mosaico, que coloca textos distantes estilística e historicamente lado a lado. Considerando esse gesto, “Os anões” pode ser lido, a partir das evidências da montagem deixadas pela escritora, como um ato de resistência e, ao mesmo tempo, de inscrição nos dispositivos de poder (FOUCAULT, 1984) que ela mesma parece criticar. Ora, as tecnologias de produção de imagens a que nos habituamos no decorrer da história têm íntima relação com a maneira pela qual escolhemos subvertê-las: se o cinema age, desde o século XIX, como (con)formador de modos de vida, a partir de uma ideia de imagem vinculada ao perspectivismo cartesiano, de que maneira é possível desarmá-lo? Stigger age nesse sentido: sua montagem – procedimento próprio da linguagem cinematográfica –, evidenciada aos olhos do observador, impacta-o pela violência que expõe, proveniente dos dispositivos de poder contemporâneos, os quais nos inscrevem, ainda, sob a condição de modernos. Tal violência me

parece ser um ponto central em seu agenciamento. Gumbrecht alega que a produção de violência, em uma "cultura de sentido", se dá por meio da "transformação dessa em poder, o que poderemos definir como o potencial para ocupar ou bloquear espaços com corpos" (GUMBRECHT, 2010). Em "Os anões", há uma tensão constante entre esta violência oculta – enquanto potencial e fundadora de ordens de discursos e visibilidades – e a violência "corpo-a-corpo" entre os fragmentos, própria da produção de presença, a qual funciona como um entre-lugar, um tempo aberto, em que convivem os textos provenientes de contextos diversos. É interessante pensar, assim, a violência inerente ao próprio procedimento da montagem: o "choque" entre uma imagem e outra a fim de simular um movimento – que muito se assemelha ao agenciamento textual de Stigger. Além disso, há violência na montagem que a artista propõe. Os fragmentos que reúne provêm de momentos em que a nossa cultura ocidental, moderna e calcada na produção de sentido, passa por disputas de poder entre modos de vida e de imaginação distintos, que se manifestam por meio da materialidade da comunicação, através de aparatos técnicos e pelos discursos provenientes da circulação desses, proliferados no sentido de criar estatutos do (in)visível e do (in)dizível – disperso entre contos, peças publicitárias, bilhetes, curta-metragens e anotações.

Palavras-chave: Violência. Imagem dialética. Montagem. Visibilidade.

Leituras de Maruo Suehiro: de uma Escrita para seus Corpos

Autor: Guilherme Conde Moura Pereira

Orientador: Marcelo dos Santos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio)

Resumo: A pesquisa se debruça principalmente sobre os mangás de Maruo Suehiro, identificando neles a elaboração de relações entre o corpo, a imagem e a linguagem. Tais propostas de leitura surgem a partir do livro "O Império dos signos" de Roland Barthes, através de sua percepção do ambiente japonês como uma outra ordenação dos signos, diferente da ocidental, um recuo dos significados, uma suspensão onde "texto e imagens, em seus entrelaçamentos, querem garantir a circulação, a troca destes significantes: o corpo, o rosto, a escrita." (BARTHES, 2007: p. 5). Dessas percepções, chega-se

aos questionamentos que guiam as principais reflexões motivadas pelos mangás: de que maneira é possível pensar um contato entre palavra, corpo e imagem? Como o corpo se mobiliza na escrita, a escrita no corpo, a imagem no corpo, a imagem na palavra, etc.? Para refletir sobre tais questões, parte-se de duas manifestações de uma relação entre corpo e linguagem. A primeira a de um “corpo que escreve”, pensando ativamente em movimentos caligráficos e vocálicos e nos seus entrelaçamentos. Já a segunda, investiga as representações do corpo, designado como escrito – visto que durante toda a pesquisa procura-se estreitar os limites entre a escrita e a imagem –, e suas relações com a linguagem e o simbólico. No percurso, foram estudados, paralelamente aos mangás, diversos elementos culturais que trabalham dentro dessas tensões, como os ideogramas, as pinturas (emakimono e Ukiyo-e), a caligrafia, os teatros de marionete (bunraku), as pichações, entre outros, assim como inúmeros autores como Uno Kuniichi, Kato Suichi, Georges Bataille, José Gil, Usui Chisato, Ludwig Wittgenstein, Christine Greiner, que contribuem para um diálogo extenso e em constante movimento. O que está em jogo é uma outra relação com os signos, portanto com a linguagem, e se a linguagem é o corpo e a matéria do pensamento, um abalo nela também afeta às convenções e lógicas do próprio pensamento. Esse contato com manifestações desse sistema simbólico inédito que abre a uma posição de escritura gera uma mutação no corpo do pensamento que encontra novas possibilidades. Torna-se possível uma transformação na matéria de sentidos e significados convencionados, estabelecidos e dominantes, através de uma penetração do corpo, seu erotismo, desejos, forças e afetos. Logo, a pesquisa trabalha com mangás para pensar modos de vida outros e/ou possíveis.

Palavras-chave: Mangá. Linguagem. Corpo. Signo.

Acervo Digital Interativo de Literatura e Imagem da Belle Époque

Autor: Igor França Cordeiro

Orientadora: Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Nós do LABELLE, Uerj, – Laboratório de estudos de literatura e cultura da Belle Époque pretendemos divulgar o processo de criação do

Acervo Digital Interativo de Literatura e Imagem. O Acervo Digital do LABELLE é um projeto de pesquisa interdisciplinar desenvolvido a partir da integração de pesquisadores da Belle Époque de diferentes instituições de ensino e pesquisa. Com a intenção de aprofundar estudos sobre um momento tratado superficialmente pelos manuais, o final do século XIX e fim da segunda década do século XX – período também conhecido como Primeira República e Pré-Modernismo – o Laboratório de Estudos de literatura e cultura da Belle Époque procura incentivar o estudo do contexto cultural da modernidade na cidade do Rio de Janeiro. Desde as mudanças ocorridas na arquitetura da cidade através da reforma Pereira-Passos e os problemas sociais que a circundam, até a forma com que os autores colocaram em suas obras as discussões acerca desses problemas, sem deixar de expor as mudanças na escrita para exprimir os efeitos das inovações tecnológicas e científicas. O período entre 1890-1930 é considerado baliza temporal. Pretende-se, então, construir um painel integrado de obras literárias e imagens artísticas, representativas da Belle Époque, que se façam acompanhar de estudos teórico-críticos, documentos e imagens com possibilidade de interação com o público que visite o Acervo na web. Além de disponibilizar obras acompanhadas de discussão e crítica, o Acervo permitirá delinear o perfil do leitor brasileiro, no período em estudo, considerando o número expressivo das tiragens de livros, a profissionalização do escritor e o mercado, a modernização da percepção e sua relação com a escrita. Em primeiro momento, pretende-se apresentar os resultados das primeiras etapas do projeto como a digitalização de obras para o Acervo Digital, estudo de aspectos significativos do contexto histórico-cultural da Belle Époque carioca, uma vez que a cidade do Rio de Janeiro protagonizava as novidades técnicas, estéticas e arquitetônicas por ser a capital do país, para, assim, construir um panorama inicial da vida literária e cultural no período estudado, concomitante a essas etapas observamos as condições de produção, circulação e recepção das obras no começo do século XX. O trabalho representa uma grande contribuição aos estudos literários pela seleção variada e de qualidade das obras de referência em Literatura Brasileira não mais editadas. A criação do acervo no site LABELLE representará uma oportunidade única para estudantes e pesquisadores de diferentes níveis da área de Letras e afins, pois permitirá além de encontrar, em um único lugar, grande quantidade de informações,

documentos e imagens, de forma objetiva e condensada sobre o início do século XX, o visitante poderá interagir com pesquisadores.

Palavras-chave: Belle Époque. Acervo Digital. LABELLE. Pré-Modernismo.

Tradução literária e variação linguística no conto "*One Christmas Eve*", de Langston Hughes

Autora: Isadora Moreira Fortunato

Orientadora: Carolina Geaquinto Paganine

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo propor uma tradução comentada do conto "*One Christmas Eve*" (1934), de Langston Hughes (1902-1967), a partir de um embasamento teórico que considera a tradução de marcas de oralidade e de estilo (Pym, 2000; Britto, 2012; Costa, 2012; Bandia, 2015; Rosa, 2012; 2015). Apresentamos também uma análise do movimento cultural conhecido como Harlem Renaissance (Renascença do Harlem, 1917 - 1935), ao qual a obra em questão e o autor estão inseridos, e um estudo comparado entre o sistema-fonte e o sistema-alvo (Lefevere, 2007; Lambert e Van Gorp, 1985) para embasar os comentários sobre a tradução. Segundo Rosa (2015), a representação da oralidade está relacionada à criação de variedades linguísticas ficcionais que, por sua vez, figuram como o discurso não-padrão na literatura (Taavitsainen and Melchers 1999, 13 apud Rosa, 2015, 212). Nos contos da obra *The Ways of White Folks* (1934), da qual o conto em questão faz parte, é possível perceber traços da linguagem falada do inglês americano (menos monitorada em relação à escrita), como, por exemplo, expressões fixas e supressões fonológicas que indicam marcas de oralidade. Além disso, mais especificamente em relação aos personagens afroamericanos, é possível perceber elementos gramaticais pertencentes ao dialeto afro-americano, relacionado ao grupo social e racial ao qual pertencem. Alguns exemplos seriam: a presença da dupla negativa, o uso de "ain't" e a não-concordância verbal. Alguns objetivos norteiam este projeto. O primeiro deles é pensar a questão do African American Vernacular English, o dialeto da comunidade afro-americana, no contexto- fonte e em sua tradução para o contexto linguístico brasileiro, refletindo sobre as possíveis equivalências linguísticas e históricas entre ambos. Como traduzir um dialeto, com suas marcas

linguísticas específicas para o sistema-literário brasileiro, dotado de sua própria historicidade linguística e social? De acordo com Lucchesi, em seu texto *A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica* (2011, p. 2), no processo de formação da sociedade brasileira ocorreu um conjunto de alterações na língua originadas em sua aquisição defectiva por índios aculturados e povos africanos escravizados. Este cenário possibilitou o surgimento de variedades da língua portuguesa entre os descendentes desses povos, o que resultou, atualmente, nas variedades populares do português brasileiro. Logo, discute-se neste projeto a existência e possibilidade de tradução do African American Vernacular English para uma variedade vernacular no português brasileiro. ‘Vernacular’ no sentido que Bagno (2007) estabelece: um “estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (p. 51). Parte-se, portanto, do pressuposto de que o vernáculo do texto-fonte está relacionado a uma comunidade racial; já no contexto brasileiro, retomando a citação de Lucchesi, o vernáculo poderia ser parte da variedade popular do português no Brasil.

Palavras-chave: Oralidade. Variação linguística. Tradução comentada. Estudos da tradução.

Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra: a busca pelo resgate da identidade cultural de um país

Autora: Jaqueline da Silva Oliveira

Orientador: Isaac Newton Almeida Ramos

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise crítica e literária do romance *Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra*, de Mia Couto, na tentativa de compreender os conflitos sociais apresentados pelo autor em torno da obra. Os conflitos familiares e a perda de identidade cultural dos personagens expõe uma realidade vivida por Moçambique, nos anos seguintes à sua independência e a uma guerra civil, que durou cerca de dezesseis anos e que se perpetua até os dias de hoje. A maneira como os personagens vivenciam os acontecimentos em torno de uma situação de pós-colonialismo nos leva a uma realidade de um povo que vive uma frustração de não conseguir enxergar as mudanças esperadas pelo seu país. Um país

pobre governado por ricos que obriga muitos de seus habitantes a imigrarem para outros países em busca de uma vida melhor, como é o caso do personagem principal. Moçambique continuava mergulhada em uma pobreza extrema, onde muitos enriqueciam e rendendo-se ao capitalismo tornavam-se insensíveis aos problemas sócias consequentes das guerras. Mia Couto em sua obra leva o leitor a um olhar sensível à situação daquele povo, que depois de enfrentar grandes lutas para conseguir sua liberdade, vive preso a uma ideologia deixada pelos seus colonizadores. A proposta do seguinte trabalho é mostrar essa relação que Mia Couto faz da história vivenciada pelo personagem Marianinho e sua família, toda a busca pelo resgate de sua identidade perdida, com o Moçambique dos dias atuais que, mesmo depois de conquistar sua independência e varrer de seu território os dominadores, encontram dificuldades em superar os impactos da violência colonial que sofreu, além de reencontrar e rever seus princípios identitários.

Palavras-chave: Identidade. Resgate. Moçambique. Cultural.

De Portugal ao Brasil: uma viagem através da obra de Joaquim de Paço d'Arcos.

Autora: Jessica Caroline Pessoa dos Santos

Orientador: Dr. Carlos Eduardo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Esta pesquisa procura, em primeira instância, buscar semelhanças e diferenças na visão de um autor imigrante português que vai em busca de melhoria de vida em outros lugares como o Brasil no século XX. A visão de um imigrante que trilha um caminho com o objetivo de mudança de vida transforma as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo em verdadeiros espaços cambiantes e incertos. Através deste estudo comparativo nota-se como era a cidade do Rio de Janeiro: boêmia, mas ao mesmo tempo, tradicional, moderna, mas ainda, pequena economicamente falando, quando comparada a grandes cidades europeias. E a grande e crescente São Paulo, palco de grandes acontecimentos na vida de Pedro Manuel, seu principal personagem-narrador. Este estudo é estabelecido através da autoria do romancista português Joaquim Paço d'Arcos (1908- 1979) filho e neto de condes portugueses que viveu em vários países dentre eles, o Brasil (1928 –

1930). A sua obra foi premiada diversas vezes, recebendo o Prêmio Eça de Queiróz (1936), Prêmio Gil Vicente (1944) , foi um dos autores portugueses mais traduzidos do século XX. Contudo, essa notoriedade termina com a sua morte em 1979. Sendo assim, pretende-se nesta pesquisa resgatar estudos sobre um autor hoje pouco conhecido nos meios acadêmicos brasileiros e analisar a sua visão sobre as cidades brasileiras a partir de sua rica produção literária, relativizando assim estudos sobre a relação da literatura com a paisagem em seus romances, Serão analisadas as seguintes obras literárias: uma coletânea de contos de temas de literatura de viagem, Amores e Viagens de Pedro Manuel (1935) e um romance em forma de diário, Diário dum Emigrante (1936). Pedro Manuel, protagonista de da coletânea de contos, ressurgue como autor do Diário dum emigrante, relativizado assim o seu cosmopolitismo, já que ambas as obras tratam das peripécias deste personagem viajante. As duas obras são escritas em primeira pessoa, demonstrando possivelmente um caráter autobiográfico. A composição da paisagem nos romances do autor pode ser reconhecida como um elemento próprio da tentativa do mesmo de construir uma literatura próxima do leitor, mas ao mesmo tempo impactante e misteriosa. Estes e outros aspectos podem facilmente ser conhecidos ao longo de suas obras. E para examinar a paisagem como um conceito fundamental da cultura, uma questão na linguagem e um pensamento de uma visão de mundo norteadora, propôs-se a leitura das obras já descritas e outros escritos do autor encontrados no vasto acervo do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Dado a exposição da leitura das referidas obras pretende-se avaliar em uma perspectiva interdisciplinar e articulação de diferentes trajetos de investigação a respeito da paisagem na obra do autor em um estudo sistemático da produção literária do autor em língua portuguesa possibilitando diálogos temporais e comparativos a fim de compreender como essas paisagens de um sujeito muito viajado em terras lusófonas analisando-a como uma estrutura de sentido problematizadora das culturas de língua portuguesa e assim que contribuirá para os estudos entre literatura comparada e paisagem.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Literatura Comparada. Estudos de paisagem. Joaquim Paço d’Arcos.

J. Carlos, Olavo Bilac e os traços *Art Nouveau*

Autor: João Cláudio Martins Araújo de Barros

Orientador: Armando Ferreira Gens

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: A revista *Careta* foi fundada no início do século XX. Em suas páginas, o leitor podia encontrar o retrato dos acontecimentos políticos nacionais e internacionais, assuntos históricos, propagandas comerciais e temas relacionados ao cotidiano da sociedade do início do século XX, bem como contos, poemas e crônicas. No ano de lançamento da revista *Careta*, em 1908, vários artistas estavam ligados a um movimento artístico que investia na linearidade orgânica, recriando aspectos subjetivos da natureza e apropriando-se de recursos fitomórficos, biomórficos e linhas coleantes. Era o *Art Nouveau* se impondo nas artes gráficas. A *Careta*, como tantas outras revistas ilustradas do início do século, adotou o estilo da *Arte Nova* para marcar a sua identidade gráfica. Desse modo, a identidade do referido periódico fluminense se apoderou de um movimento artístico que lhe era contemporâneo e que se fez presente desde capa até o interior do veículo. Tratava-se de uma época marcada por um crescente desenvolvimento industrial e comercial que via no *Art Nouveau* uma saída para atrair leitores, conferindo beleza, graça e dinamismo às suas páginas. O investimento certo no *Art Nouveau* fez com que a *Careta* caísse no gosto do público. Não seria demais atribuir tal sucesso ao ilustrador J. Carlos que esteve à frente das ilustrações da revista desde seu aparecimento. Importante designer gráfico, J. Carlos trabalhou na revista *Careta* entre 1908 e 1922, quando dela se afastou para colaborar em outra revista da época — *O Malho*. Porém, J. Carlos vai retornar à *Careta* em 1935 e ali permanece até 1950. Foi justamente neste periódico que célebres sonetos de Olavo Bilac foram ilustrados pelo designer gráfico J. Carlos, entre 1912 e 1914. J. Carlos foi de grande importância para artes gráficas no início do século XX. Em seu trabalho, encontra-se uma estreita aproximação entre tecnologias gráficas e fotografia, como bem demonstram os desenhos de vinhetas, charges, capas, frisos, adornos, logotipos, e publicidade, entre outros, que o designer produziu para a revista *Careta*. O objetivo deste estudo visa a discutir o trabalho inovador de J. Carlos que colocou o desenho quase em pé de igualdade com a fotografia, que, àquela época, desfrutava de largo emprego

nas páginas de revistas ilustradas. Além do mais, cabe, também, destacar, ainda no objetivo deste estudo, o traço pioneiro do ilustrador nas diagramações das páginas e no investimendo das semitonalidades do cinza nas ilustrações que guarneciam os sonetos de Olavo Bilac. J. Calor questionou, em momentos precisos, a naturalização do seu excessivo emprego no registro documental, adornando as fotografias com molduras no estilo Art Nouveau. Desse modo, o estilo de traços coleantes concedeu dinamismo e beleza quando desenhadas nas páginas da Careta.

Palavras-chave: Poesia brasileira. Art Nouveau. Artes gráficas. Revista ilustrada.

Trabalhando com a Literatura Infantojuvenil

Autora: Karine Sant' Anna de Andrade

Orientadora: Regina Michelli

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Apesar de a literatura para crianças e jovens estar ocupando espaços no meio acadêmico, salienta-se a preocupação com seu carecimento nos cursos de Letras. Nos contos de fadas, o jogo de linguagem construído pelo autor centra-se na fantasia e no maravilhoso, constituindo-se assim no instrumento ideal para conduzir a mensagem até os pequenos. É de se destacar que o público adulto também acabe se identificando com este mundo fantástico devido à percepção que se dá através da alma (onde estão as emoções), daí ser a fantasia uma forma mais atraente de conhecimento de mundo. À vista disso, o vigente projeto promovido pelo EIC consiste em providenciar o acesso a obras voltadas à temática infantojuvenil, de domínio público, por meio de espaço virtual disponível na UERJ, produzindo assim material fidedigno a ser utilizado em trabalhos acadêmicos e docentes. Em desenvolvimento avançado, o trabalho debruça-se sobre os contos de Charles Perrault, importante escritor francês da alta burguesia do séc. XVII, que formou a literatura infantil ocidental sob o viés da escrita, publicando sua coleção de contos de fada, *Histórias ou Contos do Tempo Passado*, com *Moralidades*, em 1697. O escritor francês registrou as histórias via transmissão oral de contadores advindo das classes populares e passou para a forma escrita, o que de certa forma alterou a recolha original,

enriquecendo- a literariamente. O enfoque central deste projeto de EIC reside na parte de tradução comentada de seus contos, com o objetivo de produção de material utilizado em seminários e eventos de ID, numa parceria entre esses dois objetos, sendo acessível online. A estrutura baseia-se na fundamentação teórico-metodológica comparatista, com pesquisa bibliográfica. Para o estabelecimento do texto literário, parte-se da estratégia de ler o texto na língua original em foi escrito, traduzi-lo e comparar diferentes edições de uma mesma obra em português, realizando-se, sobretudo, o levantamento da análise crítica existente acerca das narrativas relacionadas. Já foram traduzidos até agora os contos em prosa de Barba Azul, A Bela Adormecida, O Gato de Botas, Cinderela, e Pequeno Polegar, mas ainda precisam de uma revisão final e da pesquisa dos comentários explicativos para a publicação. Os que se encontram finalizados são, com tradução e revisão prontas, os contos As Fadas e Chapeuzinho Vermelho. Os progressos já obtidos demonstram claramente a relevância que o projeto tem para com o curso de Letras e o meio acadêmico em geral. Por conseguinte, a confiança e entusiasmo seguem cada vez mais consolidados e revigorados, contribuindo para o prosseguimento do que já foi feito e o que há ainda por fazer.

Armadilhas do ficcional: a reconfiguração histórica dos judeus na narrativa *Deixa Ir Meu Povo*, de Luzilá Gonçalves Ferreira

Autora: Karla Vivianne Oliveira Santos

Orientadora: Prof. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Resumo: A relação entre Literatura e História possui uma antiga trajetória, que vem desde quando ambas eram consideradas ramos de conhecimento da mesma árvore do saber. A partir disso, houve a preocupação em separar estas ciências distintas, o que ocasionou a atual discrepância entre duas disciplinas. No entanto, as constantes pesquisas entre o literário e o histórico têm revelado leituras críticas concentradas mais em suas semelhanças do que em suas diferenças. Conforme os referidos estudos, a realidade estética da Literatura tem se confundido com a realidade científica da História, pelo fato de apresentarem o mesmo ideal: ambas se preocupam em narrar os

acontecimentos em abordagens distintas; o ficcionista “recria” suas histórias a partir de outras, ao passo que o historiador arranja e organiza os eventos identificados no passado como eles realmente ocorreram. Tanto o texto literário quanto o histórico possuem formas transparentes, no que diz respeito à linguagem ou à estrutura, uma vez que se revelam igualmente intertextuais, encadeando os textos do passado com suas autênticas e complexas textualidades. Sob essa mesma ótica estão convencionadas as contribuições dos estudos de metaficção historiográfica. Nesta pesquisa, nosso objetivo geral é investigar as estratégias narrativas utilizadas pela autora Luzilá Gonçalves Ferreira em sua obra *Deixa ir meu povo* (2010), à luz dos teóricos que versam sobre a presença dos discursos históricos e do fictício no texto ficcional, e; de objetivos específicos, buscamos contemplar as artimanhas metanarrativas das quais a autora lançou mão em seu romance, pautadas sob o viés da metaficção historiográfica, de modo a explicitar como a história do povo judeu pode ser reconfigurada através de personagens e acontecimentos históricos elucidados em nosso corpus de análise. Propomos a discussão das perspectivas teóricas de Hayden White (1991), Peter Burke (2011), Luís Costa Lima (1989) e Wolfgang Iser (2002), no que tange aos aspectos das narrativas históricas e literárias, como também as ficcionais e os aspectos que descrevem o fictício na literatura; bem como a contribuição teórica de Linda Hutcheon sobre o estudo da metaficção historiográfica. Como resultado, identificamos que a escrita da obra de Ferreira (2010) se constitui, ao mesmo tempo, da ficção, da história e dos discursos por elas promovidos e, por esta razão, é considerada metaficcional. A partir deste estudo, também foi possível verificar ainda que a realidade retratada em *Deixa ir meu povo* (2010) se constrói no próprio discurso e na historiografia, tendo em vista que revela o real a partir de discursos passados.

Palavras-chave: Literatura. História. Ficção. Metaficção Historiográfica.

O pixo, a escrita, o espaço: poesia e intervenções urbanas

Autora: Laura Gabino Canesso Moreira

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silveira Ribeiro

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo: É notório o crescente interesse, no campo de Estudos Literários, em se estudar e tentar compreender a literatura que vem sendo produzida na contemporaneidade. Série de reflexões teóricas vem, assim, construindo elaboração conceitual em torno ao fenômeno de transformação dos sentidos e dos limites da noção tradicional de literatura, que nessas novas abordagens tem recebido nomes como “literatura expandida” (PATO, 2012), “escrita fora de si” (KIFFER, 2014) e “apoesia contemporânea” (PUCHEU, 2014). Tais conceitos apontam para a inespecificidade, a desterritorialização da literatura contemporânea, que apresenta novas texturas, suportes e fronteiras ampliadas. A literatura, tal como a arte contemporânea, passa a ser do campo do inespecífico, deixa de ter uma essência, que a defina ou a particularize, questionando-se, assim, o estatuto do que é literário. Isto é, manifestações e gestos literários se dão para além dos lugares e das formas de organização e visibilidade convencionalmente associadas à Literatura. Paralelamente a isso, cresce, também, o interesse da Universidade e dos centros produtores de conhecimento pela pichação e as demais formas de intervenção urbana – o grafite, as performances, as colagens. A Teoria da Arte, a Antropologia Urbana e mesmo as Ciências Sociais desenvolvem pesquisas nesse sentido, atestando a importância do fenômeno para a vida e a cultura das grandes cidades. O vasto campo dos estudos da linguagem, os Estudos Literários em particular, apenas timidamente adentraram essa discussão, abordando poucas vezes, e de modo enviesado, a questão. Dada a presença da palavra em todas essas manifestações culturais (escrita, falada, feita imagem), acreditamos que há, inescapavelmente, uma zona de interseção entre a Literatura e tais modos de expressão, sendo relevante estudar, de modo sistemático, as possibilidades formais e os sentidos mobilizados aí. A proposta desse projeto é pensar como o trabalho com a linguagem, com a palavra escrita aparece nos trabalhos do coletivo de arte urbana da cidade de Belo Horizonte, o 4e25, que além de espalhar inscrições pela superfície da cidade, como pichações e grafites, também cria, produz livros e objetos literários, na editora de publicações independentes, sobretudo de poesia, que também tem como projeto. Estudaremos, a partir dos instrumentos conceituais da Teoria da Literatura e da Literatura Comparada, a produção artística e poética desse coletivo, mapeando as intervenções urbanas que realizou (apropriando-se da palavra escrita) pela cidade e analisando os livros que produziu, dando enfoque ao *Par Certa Ímpar* e ao *O Trocador*.

Além disso, procuramos, também, compreender e delinear as relações entre a pichação (seus correlatos) e a poesia visual produzida agora no país, comparando o trabalho do 4E25 aos livros do poeta Reuben da Rocha, (Cavalo, + realidades q canais de TV e Siga os sinais da brasa longa do haxixe). Nesse sentido, é nessa zona de interface entre livro, arte visual e palavra poética, ao mesmo tempo de contaminação e alargamento do conceito de poesia, e também de literatura, que o projeto se inscreve, buscando instrumentos com que lidar com as intervenções urbanas, sobretudo a pichação.

Palavras-chave: Poesia contemporânea. Literatura expandida. Pichação. Coletivo 4e25.

A escrita negra feminina

Autora: Layse Grazielle Rodrigues Rodrigues
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: Neste trabalho, adentra-se no sistema literário com o anseio de fazer uma abordagem problematizando a produção de textos de autoria feminina negra. Esse assunto desperta interesse, pois muito preocupa e entristece que dentre os livros lidos e utilizados na escola, raras são as obras de escritores negros, principalmente de escritoras negras. Objetiva-se nessa pesquisa, investigar e falar sobre escrita negra feminina, com o intuito de conhecer esse universo literário, mostrar suas riquezas e particularidades, assim como também as dificuldades e impêncios encontrados na promoção de seu reconhecimento e valorização. Busca-se ainda, pesquisar nomes de autoras que constroem o universo literário negro, compreender o papel da escrita negra feminina na construção da literatura brasileira e identificar o conteúdo das obras produzidas pelas autoras negras. A realização e construção do presente trabalho dá-se através de uma pesquisa bibliográfica tendo como principais suportes, os livros Vozes Literárias de Escritoras Negras, de SANTIAGO (2012) e Raça & cor na literatura brasileira de BROOKSHAW (1983) e o texto de EVARISTO (2009) Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Também se mostram importantes para essa pesquisa esclarecendo dúvidas e inquietudes relacionadas a esse assunto, outros artigos, dissertações e monografias, revistas eletrônicas e sites que tem

se dedicado e exercem um grande papel na divulgação de obras literárias femininas. De acordo com as leituras realizadas, identifica-se um grande número de escritoras negras e obras por elas produzidas, assim como também, algumas falhas no sistema literário, como por exemplo a insistência em priorizar e valorizar uma literatura culta, desvalorizando assim a escrita negra, principalmente a feminina, que traz em si vivências e experiências diversas, tanto em seu conteúdo quanto nas maneiras de utilizar a língua. Vale ressaltar segundo Santiago (2012), que as escritoras negras, em particular, têm sido subrepresentadas nas histórias e críticas literárias, os seus textos, na maioria das vezes são ignorados ou tidos como literatura de “inferior qualidade”, foram vários e eficientes os recursos utilizados pelos “donos” do campo literário para, através do silenciamento, tornar inaudíveis as vozes de mulheres negras que tentavam reescrever suas histórias e inseri-las na produção textual brasileira. Com essa pesquisa percebe-se quão necessário é que cada vez mais se promova discussões acerca desse assunto, para que as tantas escritoras e as tantas vozes que se encontram ainda desconhecidas possam enfim serem ouvidas, afinal em si carregam toda uma história de um passado manchado por dor, humilhação e sofrimento e que ainda hoje, no presente sofrem com a cultura do preconceito que se construiu e que tenta mantê-las desconhecidas e/ou ignoradas, quando na verdade essas deveriam ser cultivadas e retiradas da invisibilidade, com toda sua força, resistências e potencialidades.

Palavras-chave: Escritoras. Negras. Literatura. Valorização.

Aviso de incêndio: crítica da modernidade e estética em Franz Kafka

Autor: Leandro Silva Onofre Júnior

Orientadora: Ana Lorym Soares

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo estudar o projeto estético do escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924) a partir da relação com o contexto de crítica da modernidade na primeira metade do século XX europeu, na medida em que essa experiência crítica se aproxima do universo estético compartilhado por escritores de literatura distópica, como Eugene Zamiatin (1884-1937), Audous Huxley (1894-1963) e George Orwell (1903-1950), que escreveram,

respectivamente, os romances distópicos “Nós” (1924), “Admirável mundo novo” (1932) e “1984” (1949). As narrativas literárias distópicas surgem na primeira metade do século XX caracterizadas por tramas permeadas por estados repressores, presença controversa da ciência e da tecnologia, controle excessivo sobre o indivíduo e certa rebeldia por parte dos protagonistas. Elas seriam, segundo Rudinei Kopp, “[...] uma história intencional de advertência – que se refere a uma sociedade imaginada e projetada no futuro – que deve causar assombro aos leitores.” (2011, p. 62). Embora nem todas as características das narrativas distópicas estejam presentes na obra de Kafka (como a projeção futurista), como registra Michael Löwy, sua escrita seria marcada pela “denúncia” e pela “crítica da modernidade” que podem ser lidas, tais como na literatura distópica, como uma espécie de “aviso de incêndio” (LÖWY, 2005a), um alerta aos contemporâneos em relação às potencialidades sinistras dos estados totalitários europeus, conforme se apresentavam naquele momento. Para Michael Löwy, os romances kafkianos, especialmente, *Amerika* (1924), *O processo* (1925) e *O castelo* (1926), constituem um contributo à captação e à crítica dos meandros burocráticos (e potencialmente totalitários) do capitalismo moderno, ao evidenciar esteticamente um aspecto da realidade: “[...] a opressão e o absurdo da reificação burocrática tal como são vividos pelas pessoas comuns” (LÖWY, 2005b, p. 204). A estética de Kafka seria marcada, entre outras, por uma espécie de “utopia negativa”, em que a ausência de redenção “positiva” combina-se à ausência de liberdade no “universo sufocante do arbítrio burocrático” (LÖWY, 2005b, p. 132). Esta pesquisa parte de uma abordagem teórica orientada por uma “história literária”, em que se aproximam crítica literária e investigação história (COSTA LIMA, 1983, 1989 e 2007), ao ver a literatura não apenas como fonte para a história, por supostamente espelhar os contextos nos quais foi elaborada. O objetivo é ir além desse pressuposto, considerando a capacidade propositiva da literatura para a história. Isso porque a literatura não apenas reage aos influxos da sua conjuntura histórica, mas pode agir decisivamente sobre a dinâmica dos fenômenos históricos e sobre a compreensão que as pessoas podem ter acerca dos fenômenos socioculturais e da ideia de historicidade. Os materiais utilizados para a realização desta pesquisa serão os próprios romances kafkianos e distópicos, reconhecidos simultaneamente como fonte e objeto de investigação. Para este estudo utilizaremos, sobretudo, *Amerika* (1924), *O*

processo (1925) e O castelo (1926). Paralelamente, analisaremos alguns dos romances distópicos considerados clássicos e que serviram de modelo de narrativa para os que lhes sucederam, como: “Nós” (1924), Admirável mundo novo (1932), e “1984” (1949), respectivamente de autoria de Eugene Zamiatin, Aldous Huxley e George Orwell.

Palavras-chave: Franz Kafka. Modernidade. Distopia. História e Literatura.

Vocabulário bilíngue, português-inglês, na série *Hell on Wheels*

Autora: Lídia Franco Silva

Orientador: Marcio Issamu Yamamoto

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Vocabulário bilíngue, português-inglês, na série *Hell on Wheels*. O objetivo deste trabalho é apresentar o processo de construção de um vocabulário bilíngue, português-inglês, da série americana *Hell on Wheels*. Este projeto foi desenvolvido como parte da Prática como Componente Curricular na Universidade Federal de Goiás, intitulado Terminologia e fraseologia em *Hell on Wheels*. A série, de gênero drama, conta a história da primeira ferrovia transcontinental em direção ao oeste das grandes planícies, incorporado aos Estados Unidos nos anos 1860. *Hell on Wheels* narra a vida de Cullen Bohannon, ex-soldado confederado (Anson Mount) que, enquanto trabalha na ferrovia (capataz), tenta encontrar os soldados da união para vingar a morte de sua esposa e filho, mortos durante a Guerra Civil americana. A série foi criada e produzida por Joe e Tony Gayton; no Brasil e na América Latina é exibida pela HBO, cuja *première* foi ao ar no dia 6 de novembro de 2011. Nosso objetivo foi explorar o uso dos termos e fraseologias contidos na série. De acordo com a Terminologia tradicional, termos existem em contextos técnico-científicos de uso de língua. Contudo, para explorar sua existência em obras ficcionais, baseamo-nos na Etnoterminologia (BARBOSA, 2005, 2006, 2007, 2010), uma subárea do grande domínio coberto pela Terminologia, que estuda as regras correspondentes ao estudo semântico, sintático e funcional do conjunto das unidades lexicais característicos do universo etno-literário, da cultura linguajar, contendo conjuntos de sememas incluídos em unidades específicas dos termos. A metodologia utilizada foi a Linguística de Corpus, e a

ferramenta escolhida foi o programa Wordsmith Tools- WST, versão 6.0. O WST é um conjunto integrado de programas que mostra como as palavras se comportam em seu contexto de uso e permite a análise de dados quantitativos do corpus. O corpus é de aproximadamente 1000 palavras/tokens e foi organizado em duas listas: (i) a lista de palavras e (ii) a lista de palavras-chave. Posterior à construção das listas, foram selecionados os candidatos a termos e os termos. Esses termos foram cadastrados no site do VoTec - Vocabulário técnico online-, para criação de um vocabulário bilíngue da série. Portanto, escolhemos somente os substantivos, pois estes são capazes de designar ideias. Esses substantivos, em seus contextos de uso, inseridos em uma explicação ou um contexto definitório, foram analisados como palavras-chave e as definições foram criadas. Ao final do trabalho, definimos dois termos: Ferrovia/Railroad e chineses/chinamen, cadastrados com seus contextos e posteriormente definidos na plataforma do Votec. Essa plataforma on-line permite a organização e ordenação dos dados terminológicos em inglês e português, com informações extraídas do corpus, para compor o vocabulário bilíngue, com as entradas e suas definições.

Palavras-chave: Etnoterminologia. Linguística de Corpus. Hell on wheels. Fraseologia.

Bastidores da revista Estética: Reverberações e ruídos na circulação dos periódicos modernistas.

Autora: Lizandra Perobelli

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Gaiotto de Moraes.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Resumo: Este estudo propõe análise da repercussão da revista modernista brasileira *Estética*, que foi editada por Prudente de Moraes, neto, e Sérgio Buarque de Holanda com a proposta de divulgar as ideias modernistas, e circulou entre setembro de 1924 e junho de 1925. Diversos estudos analisaram os artigos e o alcance das propostas modernistas, no entanto, nesta pesquisa almeja-se focalizar a repercussão da revista *Estética* a partir do cruzamento de menções em várias fontes como artigos publicados em outros periódicos (*Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio*) e correspondências pessoal (sobretudo aquela entre Mário de Andrade,

assíduo articulista de *Estética*, e os diretores e outros colaboradores da revista), selecionando informações que possibilitem uma leitura mais ampla envolvendo, além da revista, seus bastidores. Tal pesquisa proporcionará, a partir leitura nova da “vida” da revista *Estética*, a partir de um recorte de reconstituição da histórica artística do período em questão.

Palavras-chave: *Revistas Literárias do Modernismo Brasileiro*. Mário de Andrade. Sérgio Buarque de Holanda.

Game of Thrones: vocabulário terminológico em ficção baseado em corpus

Autora: Lorena Salles Dos Santos

Orientador: Marcio Issamu Yamamoto

Universidade Federal de Goiás

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a construção do vocabulário terminológico bilíngue, português-inglês, proveniente da série *Game of Thrones*, de origem norte-americana, baseada nas obras de George R. R. Martin, *A song of Ice and Fire*. Ela foi criada por David Benioff e D. B. Weiss para a HBO e o seu nome vem do título do primeiro livro, sendo filmada, principalmente, em Paint Hall Studios, em Belfast, e em outras localizações na Irlanda do Norte, Espanha, Marrocos, Malta, Croácia e Islândia. A série já conquistou telespectadores pelo mundo todo, ultrapassando os livros que lhe deram origem. A obra pertence aos gêneros ficcionais de fantasia, aventura e drama, sendo predominante o gênero fantasia. O gênero fantasia diz respeito àquilo que transcende o mundo real, no qual o espectador é apresentado às criaturas e mundos fantásticos, possibilitando que ele experiencie um universo diferente daquele no qual ele está inserido. Este trabalho foi fruto da Prática como Componente Curricular do Curso de Letras – Inglês da UFG Regional Jataí. A fundamentação teórica utilizada foi a Etnoterminologia (BARBOSA, 2005, 2006, 2007, 2010), subárea da terminologia que estuda aspectos etnoliterários, como: mitos, lendas, literatura oral, literatura popular, fábulas, folclore e discursos das linguagens especiais com um pequeno grau de tecnicidade e de cientificidade. Neste caso, ela se aplica ao trabalho pelo fato de usarmos uma obra ficcional para servir como corpus de coleta de termos e expressões em um contexto fictício. A metodologia adotada foi a Linguística de Corpus (VIANA, 2010). O corpus usado para a

elaboração desse vocabulário foram as legendas da série televisiva *Game of Thrones*, em formato texto. Depois desse levantamento, o corpus foi processado pelo WordSmith Tools 6.0 (SCOTT, 2012), doravante WST 6.0, console para a elaboração de uma lista de palavras (wordlist) em média de 586 mil tokens. Feita a lista de palavras-chave (Keywords) de 500 palavras, usamos o concordanciador (concordance) para explorar os contextos de cada termo. Dessas listas foram extraídos os 40 candidatos a termos e, delas, escolhemos 9 palavras que foram selecionadas como termo para construção das definições. Depois de examinados os contextos definitórios, os dados que compõem a ficha terminológica foram lançados na plataforma do VoTec para que as definições fossem disponibilizadas para o público no site http://webdev.ileel.ufu.br/votec/votec_ic/. Nesta apresentação, apresentaremos os passos deste processo, seus procedimentos e as dificuldades encontradas com os termos. Finalmente, este projeto tem por finalidade auxiliar os profissionais da área da linguística, tradutores ou qualquer pessoa interessada em tradução ou em obras literárias bilíngues. Palavras-chave: *Game of Thrones*; Etnoterminologia; Linguística de Corpus; vocabulário bilíngue português-inglês

Palavras-chave: *Game of Thrones*. Etnoterminologia. Linguística de corpus. Vocabulário bilíngue português – inglês.

A poética de expressão amazônica de Adalcinda Camarão e Max Martins sob a perspectiva da literatura comparada

Autor: Luan do Lago Duarte

Orientador: Francisco Pereira Smith Júnior

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: O presente estudo tem como finalidade analisar comparativamente os traços de semelhança e dessemelhanças entre as obras: *Estranho*, *Aquela terra*; *aquele orgulho*, *Muaná da Beira do Rio* e *Paisagem Marajoara*. Obras essas de cunho poético-literárias de expressão amazônica, pelos quais os autores Max Martins e Adalcinda Camarão contextualizam e mostram como se dá o processo de linguagem interno e externo sob a perspectiva da Literatura Comparada. Esta análise tem por objetivo compreender o homem amazônico, ser social enquanto cidadão que muitas vezes não sabe

compreender o lugar, os seres e a cultura local. Atentando-se a esse aspecto, Max Martins e Adalcinda Camarão reiteram em seus trabalhos os costumes, modos, cultura e todo um conjunto de saberes. Max Martins em “O Estranho” ressalta bem tudo isso, em 1952 e, a partir daí, dedicou toda sua vida à poesia, sendo incorporado aos grandes nomes da vanguarda literária e tendo produzido contundentes versos de rara beleza na poesia contemporânea. Percebe-se a incompreensão do dialeto e a não identificação do costume local, porém a familiarização das canções amazônicas. Apresentam-se as semelhanças que se correlacionam à estética e descrição, as divergências que foram desenvolvidas em aspectos de vidas diferentes de cada escritor e para compreender um pouco do processo poético que regeu a expressão literária da Amazônia, enfatizando, a produzida no Pará, escrita de forma peculiar por esses autores, seja de uma literatura apresentada em uma linguagem que conflui em textos. Adalcinda (Adalcinda Magno Camarão Luxardo – Mauná, Ilha do Marajó, 1924 – Belém, 2005) estudou em Belém no Colégio Pedro II e no Instituto de Educação. Escreveu para rádio, teatro e todas as revistas da Amazônia desde os dez anos de idade. No ano de 1938, Cléo Bernardo e um grupo de colegas da Faculdade de Direito fundaram Terra Imatura, revista mensal de estudantes, cujo título foi buscar em um romance regionalista de Alfredo Ladislau. Terra Imatura ganhou importância nas letras paraenses, em que despontavam Adalcinda e sua irmã Celeste Camarão, Dulcinéa Paraense, Mirian Moraes, Paulo Plínio Abreu, Ruy Barata e outros mais, na poesia, alguns formando a redação da revista. Em seu trabalho “Paisagem Marajoara” cita os aspectos naturais da Amazônia, valorizando-a e contemplando-a em vida. Com base nessas perspectivas busca-se entender a importância da produção poética paraense em que é necessário que a leitura literária tenha um significado para o leitor, pois ela, muitas vezes, permite identificação, Loureiro (2000). Busca-se então abarcar em nossa prática de leitura literária tanto a forma, quanto a temática presente nos textos fazendo-se uso das obras de Candido (2006) e Carvalhal (2001).

Palavras-chave: Expressão Amazônica. Poética. Literatura Comparada. Poesia.

A figurativização do amor na obra *A Paixão Medida*, de Carlos Drummond de Andrade

Autora: Lysllayne Pryscylla Tavela

Orientadora: Prof^a Dr^a Fabiane Renata Borsato

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

Resumo: A presente pesquisa, financiada pela Fapesp, tem por objeto a obra *A Paixão Medida*, de 1980, do poeta Carlos Drummond de Andrade. Dentre os diversos temas dessa obra, o amor interessou à pesquisa pela relação que estabelece com o título paradoxal do livro e seu poema homônimo “*A Paixão Medida*”. A pesquisa objetivou primeiramente a análise individual de sete poemas de temática amorosa, para compreensão das variâncias e invariâncias expressivas e dos sentidos que o amor assume na poética drummondiana, especificamente em *A Paixão Medida* (1980). O corpus da pesquisa compreende aos poemas: “*Confronto*”; “*A Paixão Medida*”; “*A Festa do Manguê*”; “*História, Coração, Linguagem*”; “*Declaração de Amor*”; “*Nascer de Novo*” e “*O Nome*”. Para realizar as análises, o método utilizado foi o proposto por Antonio Candido, em *O Estudo Analítico do Poema* (2006), sendo suas etapas o comentário, a análise e a interpretação. No soneto “*Confronto*” temos a personificação do Amor e da Loucura, que dão teor dramático ao poema. O amor é abandonado pela própria Loucura que se mostra mais sensata. Há a construção de um amor desiludido, solitário, melancólico e desprovido de sua essência natural, a de amar. Situação similar ocorre no poema “*O Nome*”, quando o amor perde sua essência. Um nome é ouvido e se propaga, gerando um revolto universo para o eu-lírico, a perda do amor ocasiona certa disforia universal. Já no poema homônimo, “*A Paixão Medida*”, surge a reminiscência de um coito, expresso pelo uso da terminologia da versificação greco-latina. O amor é um tema tabu e o ato sexual é poetizado por construção retórica metafórica. A solidão se faz presente, junto de um tom nostálgico, marcado pela saudade. A passagem temporal também pode ser notada em “*Declaração de Amor*”, mas de maneira gradual. O eu poético inicia sua enumeração de flores com os amores joviais, passa pelos amores da maturidade, culmina no amor-mais-que-perfeito, ápice do sentimento amoroso, para alcançar a separação amorosa causada pela morte. “*A Festa do Manguê*” denuncia a falta de amor no universo da prostituição, o amor é comercializável, e a solidão está

relacionada ao preconceito sofrido pelas prostitutas. Nesses cinco poemas, a construção do amor está no plano do existencialismo, evidenciando a relação de implicação entre amor e solidão, melancolia, nostalgia e desamor. Por outro lado, o poema “Nascer de Novo” destoa das concepções de amor, elencadas acima, apesar do eu lúcido e reflexivo, o nascer de novo revela-se na descoberta do Amor, sentimento capaz de instaurar um momento epifânico, sendo o amor um sentimento de magnitude e plenitude. Por fim o poema encomiástico “História, Coração, Linguagem” elogia a poesia camonianiana e a reconhece como uma das mais belas e perfeitas obras poéticas. A relação Drummond-Camões, que se faz explícita em *A paixão Medida*, será objeto de estudo de um novo projeto que objetiva compreender o intertexto com o vate lusitano existente em vários outros poemas de Drummond.

Palavras-chave: Figuras e temas. Carlos Drummond de Andrade. *A paixão medida*. Teorias da poesia.

Análise do grotesco nas obras *A Paz* e *Dom Quixote*

Autora: Manuela Maria Campos Sales

Orientadora: Ana Maria César Pompeu

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Resumo: Por muitos séculos, o belo teve uma definição própria, enquanto que o feio era tomado apenas como sua oposição. O grotesco sempre esteve presentes nas Artes e na Literatura; a Mitologia Grega está repleta de acontecimentos com situações e figuras disformes e deformadas (o Polifemo, por exemplo, é terrível: um gigante com somente um olho no meio da testa). O belo e o feio eram “desenhados” e analisados quanto à estética, a arte, e só posteriormente é que essas definições tiveram que se estender, se adaptar, ao que é belo e feio moralmente; observou-se que alguns seres não eram horrendos por seus traços físicos, mas por seus atributos; o belo não é mais definido simplesmente como bonito, atraente ou harmonioso, mas como agradável, leve, admirável, fantástico, sublime; por sua vez, o feio que era asqueroso, horrendo, deformado e assustador, passou a ser nomeado também por desprezível, sujo, obscuro, indecente, desagradável; o feio não era observado apenas na assimetria ou deformidade, mas também o feio

espiritual e o feio na arte. Há outro período da história da literatura em que o grotesco predominou sobre o sublime tornando-se uma das maiores belezas no drama. Partindo dessa ideia do grotesco, o presente trabalho aborda cenas e aspectos de torpeza em duas obras (A Paz, de Aristófanes, e Dom Quixote, de Cervantes), mas não somente isso, também se propõe a levantar semelhanças entre seus personagens principais e busca neles algo além do ridículo e do risível; busca mostrar que os dois feios querem, por meio de suas torpezas, alcançar algo nobre. O artifício utilizado tanto por Aristófanes quanto por Miguel de Cervantes para criticar algum aspecto da sociedade é o mesmo: o cômico. A peça A Paz encenada em 421 a.C. apresenta Trigueiro (um velho lavrador ateniense) que decide subir até a morada dos deuses com a finalidade de negociar a paz com Zeus e salvar a Grécia; para subir ao Olimpo ele monta em um escaravelho (besouro que se alimenta de fezes) como se fosse o próprio Pégaso. A obra O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha, escrita por Miguel de Cervantes (1ª parte publicada em 1605 e a 2ª em 1615) trata-se da história de um fidalgo castelhano beirando os cinquenta que começou a ler demasiadamente romances de cavalaria a tal ponto que perdeu o juízo; acreditando ser também um herói, abandona sua casa e sai como um cavaleiro andante em busca de aventuras, duelos, amores, batalhas, desfazendo afrontas e metendo-se em diversas situações de perigo e um tanto hilárias. Dom Quixote oscila entre a loucura e lucidez juntamente com seu escudeiro (ora tolo, ora sábio), e é nesses lapsos que eles conseguem por vezes, mesmo que indiretamente, harmonizar a vida dos que estão ao seu redor. O riso nos distancia daquilo que é feio e, portanto, permite-nos extrair dele o prazer e benefício terapêutico paradoxais.

Palavras-chave: Grotesco. Paz. Dom Quixote. Belo.

A canção de Peter Doherty atravessada pela poética dickinsoniana

Autora: Marcela Santos Brigida

Orientador: Davi Ferreira de Pinho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: A poesia foi entendida por alguns pensadores do século XX como lugar de um silenciamento subjetivo e possibilidade de criação de um sujeito textual que serve de espelho para as múltiplas individualidades dos leitores

(cf. WOOLF, *A Room of One's Own*, 1929 & SARTRE, *Que é a literatura?*, 1948). Esse entendimento pode ser identificado como elemento central de uma poética dickinsoniana se lembrarmos de seu famoso "I'm Nobody! Who are you?", verso introdutório de seu poema 288, que desvela a sugestão de que ser poeta é exercitar o lugar de um Ninguém, de uma voz que existe com um outro Ninguém invisível: o leitor. Sua pergunta subsequente, "Are you – Nobody – too?", nos interessa como método de investigação de uma poética que é legada por Dickinson aos modernistas e herdada por artistas contemporâneos, especialmente, no escopo deste projeto, Peter Doherty. Nesse sentido, esta pesquisa se debruça sobre atravessamentos da poética de Emily Dickinson na canção de Peter Doherty, tanto em referências diretas, como na canção *At the Flophouse*, quanto em outras mais sutis, tais como a pontuação e o ritmo da frase dickinsoniana na canção do compositor inglês. Partimos também da proposição sartriana de que a poesia estaria lado a lado com a pintura, a escultura e a música (cf. SARTRE, 1948, p. 13), um entendimento que imagina essas manifestações artísticas como intrinsecamente dirigidas ao atemporal, verdadeiros espaços de quebra com o engajamento do presente enquanto lugar ilusoriamente separado do passado e futuro. Nossa abordagem da poética dickensoniana, portanto, pensa para além do contexto puritano estadunidense do século XIX e aborda Emily Dickinson como anunciadora de uma questão que ainda se quer contemporânea: qual é o lugar de quem escreve no que é escrito. Uma primeira pergunta que marca nossa investigação objetiva delimitar de que maneira Doherty parece atender ao chamado da poeta de Amherst, não somente em suas letras, mas também em sua própria performance – seja no papel de músico no palco, seja na sua recusa de todos os nomes estabelecidos para definir sua posição como artista, já que não acolhe os títulos que a mídia continua a usar em referência ao seu trabalho. É interessante aqui pensar a frase de Doherty como algo que confunde as possibilidades linguísticas da poesia com as performances acessíveis para o ser humano, o que Virginia Woolf chamou de "sentença" – algo entre materialidade do texto e veredito para identidades que não se querem fixas desde seu tempo (cf. PINHO, *Imagens do feminino na obra e vida de Virginia Woolf*, 2015). Tal curto-circuito teórico parece dar ao cantor inglês a possibilidade de um lugar de enunciação que quer ultrapassar o contexto social imediato para chegar ao lugar de ninguém, da voz "desubjetivada" da poesia, convite de Dickinson.

Se na poeta estadunidense a poesia aparece como possibilidade de ocupar o lugar de neutralização da escrita, um escape das “sentenças” de seu mundo para uma sentença de ninguém, resta investigar de que forma esse fenômeno ocorre na poética e na performance de Peter Doherty.

Palavras-chave: Emily Dickinson. Peter Doherty. Poesia. Canção.

Construção de vocabulário terminológico baseado em obras ficcionais e seriados televisivos

Autor: Márcio Issamu Yamamoto

Orientador: Guilherme Fromm

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: Seriados televisivos e obras literárias têm se popularizado atualmente por meio de sua difusão via internet e têm conquistado fãs em várias esferas da sociedade. Diante disso, propomos a exploração dessas obras pelo viés da Linguística de Corpus (VIANA, 2010) e da Etnoterminologia (BARBOSA, 2005, 2006, 2007, 2010) para construção de um vocabulário bilíngue baseado em corpus, metodologicamente embasado em princípios da Linguística de Corpus, doravante LC. A LC é uma subárea da Linguística que permite o processamento de dados linguísticos servindo a objetivos didático-pedagógicos e científicos, por meio do uso de computadores. O objetivo deste trabalho é apresentar a Etnoterminologia e os passos metodológicos da LC que podem ser usados para construção de vocabulários bilíngues e para corpora úteis às aulas de literatura e língua estrangeira. Ademais, apresentaremos os resultados obtidos nos projetos de Prática como Componente Curricular – PCC- conduzidos com alunos de graduação do Curso de Letras Inglês, da UFG, Regional Jataí. Nesses PCCs foram trabalhados seriados como Game of Thrones, Hell on Wheels e Orange is the New Black. Algumas vantagens do uso da LC como abordagem e metodologia são: despertar o interesse do público-alvo para a Literatura e línguas, uso de materiais autênticos, disponibilização dos dados via internet de forma gratuita no site do VoTec – Vocabulário Técnico, disponível em: < http://web-dev.ileel.ufu.br/votec/votec_ic/ >, dentre outros. O vocabulário ou glossário pode ser construído a partir de obras digitalizadas ou legendas de filmes e séries, processadas pelo conjunto de ferramentas do WordSmith

Tools (SCOTT, 2012), doravante WST, e disponibilizadas na internet, de forma gratuita, para o público em geral. O primeiro passo para execução do projeto é a seleção da obra, que deve ser disponibilizada em formato txt, quer sejam legendas ou obras literárias. O segundo passo é o processamento desses dados linguísticos pelo WST, com o uso das ferramentas de Lista de Palavras (Wordlist) e Listas de Palavras-chave (Keywords). Para que se chegue às palavras-chave da obra, é necessário o uso de um corpus de referência cinco vezes maior que o corpus analisado. Confeccionada a lista de palavras-chave, como terceiro passo, selecionamos os itens que podem compor a lista de candidatos a termos para a posterior seleção dos termos em si. O fator determinante para a escolha dos termos será a presença ou ausência de contextos definitórios ou explicativos (AUBERT, 1996) que servirão como fontes de traços conceituais ou semânticos, usados para a construção da definição na plataforma do VoTec. O quarto passo será a análise qualitativa do corpus, por meio da ferramenta concordanciador (Concordance), que disponibiliza os contextos nos quais os candidatos a termos aparecem nas obras. O quinto passo será a disponibilização desses traços e outros dados como informações enciclopédicas, ontologia, dentre outros nas fichas terminográficas do VoTec. Isto é feito em inglês e em português. Finalmente, aprovados os dados na plataforma, eles são disponibilizados ao público para acesso gratuito servindo a um público variado, incluindo estudantes de Letras, profissionais da tradução, pesquisadores brasileiros e estrangeiros e o público em geral.

Palavras-chave: Etnoterminologia. Obras ficcionais. Linguística de Corpus. Vocabulário bilíngue português-inglês.

Irrupções Insólitas em Vergílio Ferreira: Alegria Breve, Estrela Polar e os mecanismos de produção do insólito ficcional

Autor: Marcus Vinícius Lessa de Lima

Orientadora: Prof^a Dr^a. Marisa Martins Gama-Khalil

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo: Apresentaremos adiante um panorama dos estudos realizados no âmbito de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq) em andamento – Irrupções Insólitas em Vergílio Ferreira: Alegria breve, Estrela Polar e os

mecanismos de produção do insólito ficcional –, cujo principal objetivo tem sido identificar e analisar ocorrências em que se manifesta o insólito ficcional (compreendido aqui segundo a definição de Lenira Marques Covizzi), nos dois romances referidos acima, ambos significativos na produção do português Vergílio Ferreira e na literatura portuguesa contemporânea, em geral. Para tal, coube-nos, de início, compreender a produtividade do conceito de insólito ficcional para os estudos em Literatura Fantástica, bem como adotar a perspectiva – encontrada em Filipe Furtado e, menos explicitamente, em Irène Bessière – de que o Fantástico corresponderia antes a um modo narrativo que a um gênero literário estruturalmente cerrado e pouco variável, como pretendia Tzvetan Todorov. Deste modo, operando na amplitude que diz respeito ao Modo Fantástico, identificamos distinta produção e distinto funcionamento das ocorrências insólitas para cada romance. Em *Estrela polar*, o insólito ficcional nos parece decorrer diretamente do Duplo ficcional, ali representado sob a figura de duas supostas irmãs gêmeas confundindo-se permanentemente ao olhar do narrador autodiegético, estando, pois, o insólito vinculado à incapacidade de veridicção, à ambiguidade e à suspensão da correção racional de fenômenos perceptivos. Em contrapartida, salvo uma ocorrência bastante localizada em que diversas cenas e planos da narrativa se pervadem e se imbricam constituindo uma espacialidade incoerente (quer segundo uma suposta coerência interna do romance, quer segundo a verificação empírica e extraliterária), em *Alegria breve* o insólito ficcional parece projetar-se de duas maneiras: discursiva e alegoricamente. É representado, de um lado, pela constituição elíptica e ambígua do discurso, bem como pela invocação discursiva de temas metafísicos, que acabam por produzir efeitos constantes de ambiguidade e incerteza intelectual, decorrendo em uma recorrente apresentação de possíveis limites para a razão humana. De outro lado, o romance efetua a projeção intertextual de um mito grego – manifesto em dois versos do primeiro estásimo da *Antígona*, de Sófocles, que epigrafam o romance –, para corroborar a tese (de aparente ressonância heideggeriana) de que, na totalidade da natureza, é o ser humano que caracteriza o elemento deslocado, absurdo, estranho, incoerente – insólito, portanto –, de modo que todos os elementos da narrativa parecem confluír à exemplificação dessa tese: de fato, as páginas finais de *Alegria breve* serão ocupadas por um estatuto ontológico de si escrito pelo narrador autodiegético, estatuto que

discursivamente funciona em direção à totalização, compondo, assim, um estatuto ontológico do ser humano em geral, segundo a ótica descrita acima. A partir dessas análises, podemos apresentar, até o momento, como principais conclusões parciais e diretivas para pesquisas futuras, as duas observações seguintes: nos romances em questão, o insólito ficcional depende mais da constituição discursiva da obra em si, que das condições de verificação empíricas externas à obra; a recolocação em jogo de teses e perquirições metafísicas pode fazer irromper, no texto literário, elementos insólitos, tendo novamente em vista a não necessidade de verificação empírica externa.

Palavras-chave: Vergílio Ferreira. Insólito Ficcional. Estrela Polar. Alegria Breve.

O melodrama e a metaficção na narrativa fílmica *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen

Autora: Mariana Alice de Souza Miranda

Orientador: Prof. Dr. Volmir Cardoso Pereira

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Resumo: Este trabalho pretende apresentar uma breve reflexão sobre o filme *A rosa púrpura do Cairo* (1985), de Woody Allen, destacando a construção metaficcional que coloca em questão a representação melodramática no cinema. De modo geral, o enredo do filme tem como protagonista a personagem Cecília, uma mulher norte-americana que trabalha como garçonne, vive um casamento fracassado, sendo vítima de um marido opressor e de uma árdua realidade, uma vez que a trama se passa no período da Grande Depressão dos Estados Unidos, na década de 1930. Para escapar da dura realidade, Cecília, apaixonada por musicais e filmes, fica obcecada pela exibição do filme “*A Rosa Púrpura do Cairo*” (um melodrama ao estilo clássico que se firmara naquele período) e, especialmente, pelo herói Tom Baxter, comparecendo ao cinema todos os dias da semana. A partir dessa obsessão, ocorre algo inusitado: o herói consegue sair da tela, declara seu amor à Cecília e os dois passam a viver, literalmente, um melodrama. Assim, Tom fica maravilhado com o mundo real percebendo que pode ter a liberdade de tomar suas próprias decisões e não aceita retornar ao filme.

Enquanto isso, Gil Shepard, o ator que interpretara o herói Tom Baxter, tenta resolver o impasse de seu personagem estar fora da tela. Começa, assim, o conflito entre o “mundo real” da personagem e o mundo ficcional que lhe servia como válvula de escape em uma situação opressora. É a partir desta proposta que Woody Allen consegue estabelecer uma reflexão sobre a potência do cinema exercida no imaginário contemporâneo, valendo-se de um emolduramento narrativo que, ao inserir o filme dentro do filme, desencadeia um processo metaficcional inusitado. Assim, para a apresentação no evento, será feito um recorte da pesquisa dando ênfase ao conceito de melodrama e o seu papel na consolidação do cinema clássico/hollywoodiano, no qual age como base das narrativas cinematográficas comerciais do século XX, sendo importante destacar que as teorias da narrativa e da literatura, aliadas ao estudo específico da linguagem cinematográfica, têm produzido bons resultados na compreensão das obras contemporâneas. Cabe destacar, ainda, que este trabalho vincula-se ao projeto de Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Unidade de Campo Grande) “Literatura, Cinema e Sociedade: diálogos críticos sobre o contemporâneo”, coordenado pelo Prof. Dr. Volmir Cardoso Pereira, no qual se busca analisar obras literárias e fílmicas que contribuam para compreender melhor os fenômenos culturais e as expressões estéticas que se configuram enquanto narrativas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Crítica materialista. Melodrama. Cinema. Metaficção.

William Blake - O Diálogo das Artes e a Abertura da Percepção

Autora: Mariana dos Reis Palieraqui

Orientador: Wellington Furtado Ramos

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Resumo: Tomando como pressuposto a noção neoclássica da arte como imitação do belo, que reitera a noção da arte enquanto mimese, este trabalho visa a discutir algumas obras do poeta inglês William Blake, à luz da tensão imanente à dicotomia que hierarquiza, historicamente, a arte pictórica com a arte literária. A obra do poeta tem como base a produção de poemas narrativos feitos em placas de cobre trabalhados por meio do processo de tipografia. Por meio das placas, ou “iluminuras”, percebe-se a coabitação

entre texto e imagem, de forma a tecerem um amplo sistema de dispositivos interpretativos. É, portanto, através desse sistema emancipador das “minúcias” que diferentes instâncias interpretativas são acionadas, de modo a desarticular/deslocar a noção do sentido. É a percepção imaginativa do leitor/observador que definirá o campo interpretativo das placas, no seio das tensões “mentais” que se estabelecem na (des) articulação entre as porções materiais e as imaginativas, de modo a formular os “estados eternos ou de existência”. Essa desconstrução ocorre mediante o questionamento do real/verdade, sendo que essa desconstrução só pode encontrar-se na instância imaginativa e não ao seu exterior. Logo, Blake desarticula a noção de identidade fixa mediante as diferentes dimensões do pensamento humano associados aos “estados eternos”. Além dos aspectos de ressignificação das instâncias interpretativas entre letra e imagem, a poesia vislumbra várias releituras que abarcam o contexto do poeta; da Gênese bíblica à instauração de sua própria mitopoética, atravessadas pelas narrativas gregas e inglesas. Objetivo: Tomando como premissa as obras de William Blake, esta pesquisa tem como objetivo discutir algumas placas que compõem a narrativa poética “Milton”, assim como perceber a questão da articulação entre as linguagens textuais e pictóricas de modo a refletir sobre como essa articulação se constrói com base na coabitação dessas linguagens nas placas e compreender os processos desestabilizadores contidos na matéria literária no cerne da narrativa poética “Milton”. Metodologia: A metodologia do presente trabalho tem como base as pesquisas bibliográficas abarcadas pelos aspectos de análise das placas contemplando as concepções de produção, forma e conteúdo das “iluminuras” inseridas no cerne do diálogo entre a linguagem verbal e pictórica. Resultados: O presente trabalho visa ampliar o entendimento acerca do questionamento dos conceitos neoclássicos da arte inseridos no contexto do poeta e mediante a apresentação das abordagens teóricas, refletir e compreender o mecanismo desarticulador e de ressignificação inerente à relação entre a arte textual e pictórica e propor como resultado esperado a análise sobre o modo de percepção a respeito dessa coabitação das linguagens textuais e pictóricas e como dialogam em relação a construção poética narrativa no cerne da obra “Milton” de William Blake.

Palavras-chave: Percepção. Imaginação. William Blake. Diálogo das Artes.

Alguns apontamentos sobre práticas de leitura em A Borboleta (1857)

Autora: Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

Orientadora: Luciana Marino do Nascimento

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo: O presente estudo busca realizar alguns apontamentos relevantes em torno das práticas de leitura associados ao periódico intitulado A Borboleta. O periódico começou a circular, no Rio de Janeiro, em 22 de março de 1857 e se direcionava, em larga medida, ao público feminino. Tal direcionamento ao público feminino pode ser identificado, por exemplo, em passagens de crônicas que defendiam que a literatura – em especial A Borboleta – consistia em material educativo, principalmente para as suas leitoras, o qual as guiaria pelo caminho do bem, de acordo com a moral defendida à época. Ademais à questão de gênero e à função educativa da literatura, A Borboleta ajuda a problematizar a constituição do que se compreende por periódico literário, por vezes educativo, por vezes jocoso. A Borboleta pode ser compreendido como periódico literário uma vez que contava com conteúdo de cunho literário, tais como crônicas, histórias em folhetim, poemas, prosas e anedotas. Como se tratava de um periódico que circulava no período marcado pelo Império, intentar-se-á pensar, igualmente, as práticas de leitura no oitocentos, com especial enfoque para o ano em destaque (1857), haja vista os limites deste estudo. De maneira geral, a chegada da Corte ao Rio de Janeiro em 1808 modificou de forma significativa a paisagem econômico-político-social e cultural do Brasil, e de modo especial à última, Dom João VI estimulou o seu desenvolvimento em nosso país, criando o Museu Nacional, a Biblioteca Nacional, a Escola Real de Artes e o Observatório Astronômico. Além disso, vários cursos foram criados (agricultura, cirurgia, química, desenho técnico, etc) nos estados da Bahia e do Rio de Janeiro. Tais modificações serão bastante ricas para este trabalho, uma vez que será à luz desses processos de desenvolvimentos que A Borboleta será vislumbrado, como será possível perceber. Por fim, no que concerne às referências bibliográficas, Lajolo e Zilberman (1998) ajudam a pensar a formação da leitura e da literatura no Brasil, a partir de uma guinada histórica; Hallewell (1985) contribui para problematizar a questão da história do livro no Brasil; Chartier (2011) é fundamental para se pensar as

práticas de leitura, a relação entre Leitor Ideal x Leitor Real, que também poderá ser problematizado, uma vez que o periódico indica quais seriam os leitores ideais do material, dentre outras formulações do autor. Outrossim, Bakhtin (2014) disserta acerca do processo de interação verbal que se dá na relação autor-leitor e trabalha com os conceitos de enunciado e enunciação, que serão importantes para este estudo. Além desses autores seminais para a área da leitura, Darnton (1986), Gomes (2009) e Pinho (1942) também ajudarão a pensar, de maneiras diferenciadas, impressões de leitura a partir do periódico *A Borboleta*.

Palavras-chave: Práticas de leitura. *A Borboleta*. Literatura. Periódico Literário.

O [in]visível: tecituras híbridas

Autora: Mariana Perelló Lopes de Azevedo

Orientador: Grupo de Pesquisa do Diretório do CNPq "A literatura brasileira contemporânea e sua crítica"

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo: A partir do ensaio visual "Sopro" (2000) de Cao Guimarães e Rivane Neuenschwander, este trabalho pretende pensar sobre como e por que um fazer artístico "flanêur" desreferencializa o espectador, desafiando um dispositivo vigoroso configurador de práticas do ver. Ao utilizarem dois procedimentos, que chamarei de "entranheza" e "estranheza", os artistas lançam mão de uma imagem em suspensão: a bolha derivante que nos coloca imersos em um estrato do espaço-tempo. Guimarães direciona seu olhar para um ponto-cego da imagem, instaurando, com a bolha, uma tecitura híbrida bastante correlata com as práticas narrativas contemporâneas, que lançam o desafio e o convite ao espectador – tão acostumado com os grandes enredos – de experimentar seus sentidos, sobretudo o da visão, por meio de uma forma distinta de narrativa. O objetivo é pensar sobre a reconfiguração da relação espectador e obra, neste ensaio de Guimarães e Neuenschwander, uma vez que os artistas restauram uma poética molecular interessada nas minúcias da imagem e colocam o sopro do vento, visibilizado pelo corpo gelatinoso da bolha, como elemento visual mais importante. O observador, assim, desliza pelos limites de sua percepção sensível e transita pelos campo e contracampo da imagem, uma vez que é incrustado em suas vísceras como uma

corporeidade estranha. Por "estranheza", entenderei o deslocamento que se dá no lugar do olhar do espectador. Trazer a bolha derivante é negar um dispositivo vigoroso constituidor de “como vemos, como estamos aptos, autorizados, ou habilitados para ver” (FOSTER, 1988). Ao se deparar com um material declaradamente híbrido, que desliza entre os supostos limites da fotografia, do cinema e das novas textualidades (PARENTE, 2015); o espectador é elemento estranhado que suporta as novas regras do ver impostas pelos artistas. Para chegar a esse efeito, os artistas usam um segundo procedimento fundamental: a "entranheza". Disso, chamarei o gesto de sanfonamento do espaço-tempo de que querem tratar, inserindo, nas vísceras da disritmia mundana, o observador (CRARY, 1990) – na era Moderna, pressuposto como um olho fixo e incorpóreo, que tem autoridade para conhecer e nomear o mundo, mas que está, sempre, deslocado de sua carne (JAY, 1988). Embrenhando-se no ponto-cego da imagem, Guimarães goza do incômodo do espectador/leitor, ao não hesitar em restaurar o papel do "flanêur". Nas entranhas, é a materialidade da bolha que revela o fator escondido da imagem: o sopro do vento, que a delata como elemento estratégico usado para revela-lo. A bolha é campo, enquanto o vento é contracampo. Guimarães atira o observador a uma poética fractal, que provoca seu trânsito tanto entre essas duas dimensões quanto entre o “contínuo e o descontínuo, a ordem e a desordem, o local e o não local” (PARENTE, 2015). O que antes só poderia ser percebido de forma tátil se materializa na bolha, que é transformadora da ação invisível do vento. Por isso, ela é capaz de nos dar dimensão dos caminhos do vento que a regem e, ao mesmo tempo, por ser condição necessária de visibilização, também guia nossos deslizamentos, como observadores, pelos limites da percepção sensível da narrativa.

Palavras-chave: Visualidade. Observador. "Flanêur". Hibridação.

Sombras do gótico na literatura policial brasileira

Autora: Mariana Saba Warrak

Orientador: Júlio França

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O presente estudo tem como objetivo identificar e descrever as relações existentes entre a tradição literária do gótico e a da literatura policial, mostrando como elementos góticos podem estar presentes nas ficções de crime/detetivescas e vice-versa. Em meu trabalho, tratarei especificamente da literatura policial brasileira, partindo da análise de contos escritos por Patrícia Galvão. Para se entender as ligações existentes entre as duas poéticas, faz-se necessário explicitar as características de ambas. Segundo Júlio França (2016), as narrativas góticas podem ser caracterizadas, de maneira geral, por uma série de aspectos recorrentes, tais como: i) o passado fantasmagórico que retorna para assombrar o presente, ameaçando a integridade física e/ou psicológica das personagens; ii) a presença de personagens monstruosas, que possuem deformações físicas ou morais; iii) a produção do medo como efeito estético, tanto no plano da diegese como no da recepção; iv) a caracterização de espaços descritos como *loci horribiles*, ambientes opressores, que são fonte de ameaça para as personagens e que, frequentemente, assumem papel essencial na trama; v) a perpetração, por parte das personagens, de transgressões físicas e morais, como assassinatos, incestos, entre outros abusos – apenas para citar alguns aspectos. A estrutura narrativa das ficções policiais-detetivescas, por outro lado, caracteriza-se, substancialmente, pela sequência “crime-investigação-solução”. Segundo Richard Alewyn (1983), os elementos que definem a ficção detetivesca são: i) um assassinato ou uma série deles; ii) a solução dos crimes ao final da trama; iii) a presença de personagens essenciais como o suspeito inocente e o culpado acima de qualquer suspeita; iv) a elucidação do crime não pela polícia, mas por um dos personagens da trama. Além disso, a maior parte das narrativas policiais apresenta também elementos comuns às narrativas góticas, já citados no presente resumo, como o medo enquanto efeito estético, o mistério a ser revelado, o *locus horribilis* e o monstro – que, na literatura policial, é, na maioria das vezes, puramente humano. Baseando-me em tais aspectos de ambas as tradições, proponho, além de um breve estudo sobre as conexões existentes entre a literatura gótica e a policial, a análise do crime como principal elemento de convergência entre as duas poéticas. O crime, seja enquanto transgressão física ou moral, é o fator que motiva diversas narrativas, inclusive góticas. Por último, é importante ressaltar que as narrativas que serão discutidas no presente trabalho encontram-se na coletânea safra macabra (1998), assinada por King Shelter – pseudônimo de

Patrícia Galvão. As narrativas da coletânea foram escritas de acordo com as convenções da literatura policial-detetivesca, mas possuem também traços góticos. Buscarei, portanto, por meio de tais narrativas, exemplificar e embasar as propostas aqui apresentadas.

Palavras-chave: Literatura policial. Gótico. Literatura brasileira. Literatura de crime.

O periódico eletrônico Pensares em revista: impacto e relevância na área de letras

Autora: Mariane Ferrari Macabu

Orientadora: Maria Betânia Almeida Pereira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O periódico eletrônico Pensares em revista é vinculado à grande área de letras e integra o portal de publicações da UERJ, divulga trabalhos acadêmicos inéditos nas áreas de letras e linguística; literaturas; língua portuguesa; linguística e linguística aplicada; língua inglesa e ensino de línguas ou linguagens. O primeiro volume foi publicado em 2012 e, a partir de 2014, os volumes passaram a ser organizados no formato de dossiês. Nesse mesmo ano, do volume cinco em diante, a revista passou a fazer parte do programa de mestrado profissional em letras da FFP - o Profletras. Nesse sentido, o trabalho, “o periódico eletrônico pensares em revista: impacto e relevância na área de letras”, tem como objetivos: descrever as atividades principais que emolduram a publicação de um volume; demonstrar a importância do periódico no meio acadêmico e o seu impacto na sociedade científica; destacar a formação de um editor assistente, no decurso das atividades inerentes ao processo de editoração. A metodologia aplicada diz respeito às rotinas do processo de editoração da revista: chamada para os volumes em meios diversos; sua divulgação; encaminhamento dos artigos submetidos aos pareceristas; o contato com os autores para o *feedback*; a formatação dos artigos, respeitando as exigências tanto do periódico quanto do portal de publicações da UERJ. Nesse sentido, destaca-se a parceria dos editores-chefe, adjunto e assistente – numa rede mútua de aprendizagem e colaboração. Para o aluno bolsista que atua como editor-assistente, vale ressaltar não só o conhecimento técnico que aprende nas fases de

prépublicação e publicação do periódico, como também o conhecimento científico, a possibilidade de ampliar seu horizontes profissionais, incentivando-o a almejar mais de um tipo de cargo quando encerrar os estudos de graduação, como editor ou revisor. Acresce também a esse cabedal de aprimoramento, outras habilidades que o editor-assistente vai desenvolvendo em meio às atividades realizadas, como atenção redobrada, compromisso, ética, dinamismo e muita desenvoltura. Tais valores aprendidos fazem muita diferença tanto na formação profissional quanto na vida do estudante na sociedade. Desta maneira, um dos resultados do trabalho pode ser percebido no processo de formação do aluno enquanto editor-assistente descrito acima. Outros resultados obtidos constituem na produção dos artigos ao longo do percurso da *pensares*, como o volume sete publicado em 2016, “produções dos mestrados profissionais nas áreas de letras e educação”, com sete artigos, e iniciados os volumes oito, “o livro ilustrado para crianças e jovens”, com aproximadamente treze artigos e o volume nove, “novos estudos em morfossintaxe: abordagens e dinâmicas que viabilizem a prática do professor de língua portuguesa”, com seis artigos, em andamento. O periódico *pensares* em revista é um relevante veículo de difusão da pesquisa na área de ensino de linguagens, pois contribui para a divulgação de pesquisas, ampliando o conhecimento científico da rede nacional de mestrados profissionais em letras, além de promover o contato dos alunos bolsistas nas atividades inerentes ao processo de editoração.

Palavras-chave: Editoração. Revista. Periódico.

A metrificação como efeito de significância: o caso Emily Dickinson

Autor: Matheus Oliveira Paiva Curi

Orientadora: Carolina Paganine

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: A forma poética é reconhecida por apresentar aspectos singulares em relação a outros tipos textuais e a musicalidade seria o seu efeito mais evidente. Essa, por sua vez, é criada por diversas características ligadas ao ritmo, à rima e à métrica – tanto a presença como a ausência desses elementos podem criar efeitos poéticos. Emily Dickinson, por exemplo,

apresenta certo tipo de estrutura métrica recorrente em seus poemas: o metro de balada. No entanto, a polimetria presente neste tipo de verso não é, muitas vezes, vertida pelos tradutores que se dedicam a sua obra. Pensando nessa problemática, propõe-se apresentar aqui uma tradução do poema "*hope is the thing with feathers*" que leve em conta os aspectos métricos do texto-fonte. Propõe-se pensar também nas possíveis contribuições desses aspectos no processo de significação do poema, baseado no conceito de significância, de Mário Laranjeira, e as ideias de Paulo Henriques Britto sobre a tradução do metro de balada inglês. A significância, como postula Laranjeira, vai além do aspecto do conteúdo – envolve o texto inteiro. Em outras palavras, envolve também a forma e os "fatores de obliquidade" originados nesta relação. (p.83) o estudo que se faz aqui advoga pelo significado trazido pelos aspectos "intersemióticos" do poema e como a escolha do tradutor em preservá-los influencia a tradução. Chega-se a conclusão de que a tradição que determinado tipo de metro se vincula pode causar uma contradição entre a forma e o conteúdo do poema. Contradição essa que é benéfica ao aspecto de significância da tradução, já que também se apresenta no texto-fonte.

Palavras-chave: Emily Dickinson. Metrificação. Significância. Metro de balada.

Autoficção: um espelho ou um poço?

Autora: Natália Ferreira da Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O título escolhido para titular esta pesquisa, foi escolhido pelo seguinte motivo: quando se fala de autoficção, logo pensa-se em uma espécie de imagem projetada do autor na obra escrita, por isso a utilização da palavra ESPELHO. Já a palavra poço, foi escolhida para representar uma espécie de armadilha, em que o sujeito coloca o rosto diante do buraco do poço, tenta ver sua imagem, mas pode acabar caindo ou avistando sua imagem distorcida. Assim acontece no texto de autoficção: o escritor pode acabar distorcendo seu próprio conceito sobre o que acha de si, ou pode acabar se perdendo nessa autorreflexão de escrever e expor sobre sua própria vida. O presente trabalho consiste em apresentar as marcas de autoficção na

obra “o céu dos suicidas” do autor contemporâneo Ricardo Lísias. Serão abordados alguns conceitos literários para melhor compreensão do caminho da atual autoficção, além de comparações de diferentes tipos de vozes narrativas. A ênfase será dada aos limites entre realidade x ficção e a estratégia usada pelo escritor trabalhado no momento da escrita. Desde a antiguidade, tenta-se pensar sobre o suposto limite entre realidade x ficção. Platão, por exemplo, tratou de tentar explicar sobre esse tema tão pensado: para ele, o verdadeiro valor estaria no que é considerado real, ou seja, nessa visão, tudo o que enquadra o fictício é encarado como ‘sem valor. Estas ideias platônicas podem conversar com as de que a verdade que se tenta passar a partir da ficção, não são tão convincentes. Portanto, existe uma possibilidade de se fazer uma cópia do real. Já Aristóteles entendia o mundo como uma forma de representação da realidade. Lígia Militz da costa afirma que “para aristóteles a arte se afasta da ontologia e se transforma em fábulas. ‘Mímese’ e ‘mimesthoi’ deixam de significar imitação’ para significar tornar possível’, ‘mostrar’ não mais a verdade, o ser originário em seu caráter empenhativo, mas o possível, as possibilidades humanos” (costa, 1986, p. 78). O autor brasileiro e contemporâneo Ricardo Lísias brilhantemente utiliza redes sociais para divulgar boa parte de suas obras. O autor tenta a aproximação com o público através de meios usados na rotina da maioria dos leitores. As marcas de autoficção ao longo de suas obras, são explícitas. No século atual, os indivíduos em geral têm a necessidade de expor sua vida pessoal (exemplo disso são as redes sociais). A autoficção talvez seja um meio de divulgar, de forma artística a rotina, costumes, memórias do literato.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Romance de autoficção. Narrativa contemporânea. Ficção.

Literatura Infanto Juvenil em foco

Autor: Nathan Sousa de Sena

Orientadora: Regina Silva Michelli Perim

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: A literatura infanto juvenil em foco, título do nosso projeto, é direcionada para crianças, porém sofre de uma enorme carência no que se diz respeito à sua divulgação e seu acesso. No universo acadêmico o espaço

reservado para o estudo da literatura infanto juvenil ainda é mínimo, o que causa intensa preocupação, tendo vista a enorme utilidade do estudo e passagem dessa área, já que sua flexibilidade linguística permite estudos variados, diversas análises e um alcance de público extraordinário. À vista disso, nosso projeto de iniciação à docência busca formas de expandir o acesso a essa forma de expressão da literária e uma melhor distribuição de formas de passagem do conhecimento sobre essa modalidade. Sendo uma literatura imensamente rica, imbuída das maravilhas do fantástico mundo infantil, possui os mecanismos aptos e necessários à adaptação da linguagem aos pequenos e as maneiras de incitá-los a futuramente produzir literatura. Além disso, é um campo literário que não se limita, alcançando dessa maneira os mais amplos universos de cada um que venha a se debruçar sobre suas fascinas. No que se diz respeito ao material e método utilizamos como base histórica e teórica os contos originais como o de Charles Perrault, importante escritor francês da alta burguesia do séc. XVII, que formou a literatura infantil ocidental sob o viés da escrita, publicando sua coleção de contos de fato, Histórias ou Contos de tempo passado, com Moraldades, em 1697. Mesmo tendo perpassado grande conteúdo por via oral Perrault elaborou registros escritos e muitas das vezes eram versões enriquecidas de seu leque informal exposto oralmente. O escritor utiliza de sua expressão literária para efetuar críticas ao contexto social vigente em sua época e estimular reflexões a cerca de inúmeras questões sociais. O método histórico comparativo é por nós utilizado como forma de elaborar seminários, minicursos e palestras formativas, que tenham como base uma análise das obras originais, que são traduzidas pelo projeto de EIC, que em parceria conosco elabora o material didático a ser apresentado nessas atividades. A partir daí efetuamos uma comparação entre originais e suas releituras com todo o atual contexto social, de modo a pontuar diferenças e similaridades de diversas questões, como o papel feminino na sociedade. Mesmo tendo um foco infantil, a riqueza disponibilizada por essa literatura nos permite adentrar no universo universitário, com a finalidade de uma análise profunda de seu corpus, sem a menor dificuldade a não ser a baixa divulgação e o pouco espaço disponível para debates dessa natureza. Embora em fase relativamente inicial, já houve a realização de vários eventos de extensão, como os seminários “A Literatura Infanto-Juvenil e os Contos de Fadas”, 2010; “Literatura Infanto-Juvenil perspectivas de estudo”, 2011; “Os

Contos de Fadas, ainda uma vez...", 2013; "Os Contos de fadas e o maravilhoso na Literatura Infanto-Juvenil", 2015; e, em janeiro de 2017, no evento Vozes da Resistência, as oficinas "Leituras de Contos de Fadas" e "A (Sub)Missão do Feminino em histórias de Barba azul: Perrault, Marina Colasanti e Ângela Carter".

Palavras-chave: Literatura. Literatura Infanto-Juvenil. Charles Perrault.

Contos de fada.

A Hora da Estrela: ver com palavras, ler com imagens

Autor: Otávio Praseres Alves de Moura

Orientadora: Maria Cristina Cardoso Ribas

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: A partir da leitura de A hora da estrela (LISPECTOR, 1977) e com o apoio dos trabalhos de HELENA (2006), SANTOS (1987, 2002), LOBO (2007), LIMA (2009) e MOSER (2009), este estudo, que foi desenvolvido durante dois anos, representa um esforço para entender as vozes inscritas pela autora na novela em foco, em diálogo com o filme homônimo. Tal proposta implica minuciosa busca em torno de Clarice escrevendo Rodrigo SM escrevendo Macabéa, três personagens encadeados numa narrativa tridimensional, cujo enunciado evoca não apenas o nosso pensamento sobre eles, mas uma tentativa de construir reflexões deles sobre si mesmos – tanto no livro quanto no filme, modalizadas as diferentes mídias. Nosso olhar volta-se para entender por que o texto em foco costuma provocar, na recepção, sentimentos de desequilíbrio e perda, sobretudo quanto tal desconcerto estimula plurissignificações, confrontando o leitor com o que seria a qualidade da leitura do texto literário, a saber, a condição de produzir sentidos na leitura. Esta etapa prepara a posterior: examinar o diálogo do texto literário citado com o filme homônimo de Suzana Amaral (1985), para estudar os seus efeitos na recepção (JAUSS, 1994), sempre buscando relacionar as diferentes linguagens e suportes em foco. Vimos buscando, por um viés comparativista (CARVALHAL 2000), uma relação entre as linguagens e suportes analisados, para entender as suas diferentes condições de produção, estratégias e efeitos. Esta relação tem por finalidade apresentar outra visão sobre os pares literatura/cinema, leitor/espectador acerca da

pretensa fidelidade da releitura fílmica ao texto literário. Na interface de ambos os discursos pretendemos, a partir do conceito de leitura como interação (ORLANDI, 1988), fazer uma comparação entre as narrativas literária e fílmica (AZEREDO, 2012; RIBAS, 2014); descrever as releituras encadeadas que exemplarmente constituem o texto de Clarice, trazendo ao prosccênio os bastidores conflituosos da composição literária; no entanto, mediante a imersão em *A hora da estrela*, livro e filme, esperamos compreender como o discurso cinematográfico opera essa outra releitura, enfim, como a narrativa do cinema traduz/recria em imagem (STAM, 2008), as histórias entrelaçadas do texto de Clarice. É nesse caminho, portanto, que traremos à tona possibilidades intertextuais, nessas inúmeras vozes presentes no diálogo polifônico, onde investigamos a narrativa em cadeia presente também em *Mil e uma noites*, a morte de Macabéa como possível homenagem a um poema do escritor Manuel Bandeira, o texto bíblico sobre os Macabeus e a presença/ausência do narrador para Clarice Lispector e Suzana Amaral. Todos esses fatores fazem com que possamos traçar possíveis caminhos em torno de *A hora da estrela* para entrar em contato com a narrativa de Clarice e a releitura de Amaral. Espera-se que, com o desenvolvimento desse estudo, possamos compreender o novo produto construído a partir desse diálogo, não apenas rastrear semelhanças e diferenças entre ambas as mídias.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Suzana Amaral. Comparativismo. Releitura.

A boca que devora é também a que canta: o encontro verbivocal entre Oswald de Andrade e Elza Soares

Autor: Pablo Miranda de Paula

Orientador: Leonardo Davino de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de sugerir interpretações que aproximam a poesia escrita de Oswald de Andrade, notadamente presente no livro *"O santeiro do Mangue"* (1950), e a vocoperformance de Elza Soares que, através de poemas oswaldianos musicados por José Miguel Wisnik – *"Do cóccix até o pescoço"* (2002) e *"A mulher do fim do mundo"* (2015) –,

dramatiza a crítica ao patriarcado constituído por relações desiguais de poder, pela exploração sexual do corpo da mulher, pela predominância do capital sobre as relações humanas e pela ausência de leis que não sejam as divinas. O Santeiro do Mangue, “mistério gozoso em forma de ópera” (ANDRADE, 1991), é um texto de natureza híbrida, escrito para ser lido ou encenado. Esta hibridez também se verifica na estrutura interna: solos, cantatas, descrições de cenários, coros, lamentos e cenas rápidas compõem o cenário do Mangue. Ao musicar o poema de Oswald de Andrade, Wisnik faz recortes e altera algumas palavras. Por exemplo, é de salientar que a primeira modificação feita no texto vem já no título: no Santeiro do Mangue, o nome dado ao poema é "Oração do Mangue", e a canção de Wisnik chama-se "Flores Horizontais". Podemos pensar que, como Wisnik optou por recortes de versos para elaborar a letra, “Flores Horizontais” é um título mais adequado, uma vez que corrobora os versos selecionados para Elza cantar, os quais dizem mais sobre as contradições internas das mulheres desse lugar do que sobre o cenário do Mangue, este mais explorado pelo conjunto do poema de Oswald. Isso justifica a ausência de alguns trechos, como também evidencia o papel de Elza Soares, que não está no palco somente para cantar o Mangue, apesar de também fazê-lo em decorrência de seu grande talento de intérprete, mas, sobretudo, é motivada a cantar a violência contra as mulheres. Essa predominância da imagem da violência é refletida nas variações de voz que Soares faz quando os dilemas e os sofrimentos “da vida rubra de bordel” ocupam os registros mais altos, em uma pungente descrição da violência sofrida por mulheres “carbonizadas de remédios”, “tapas”, “pontapeis” e que, em um só tempo, são descritas por antíteses, como “puras” e “putas”, “suicidas” e “sentimentais”. A pesquisa faz parte do projeto de Iniciação Científica “Poesia e Transdisciplinaridade: a vocoperformance”, que pretende mapear e analisar a constante demanda pela voz no âmbito da poesia brasileira. Nesse sentido, buscamos apreender e significar os modos como Elza Soares interpreta a dimensão vocal guardada na poesia escrita de Oswald de Andrade. Destacaremos a potência poética com que as mulheres do Mangue – “o desafogo dos machos, válvula de garantia das famílias e gáudio honesto dos imperialistas em trânsito” (ANDRADE, p.34, 1991) – surgem nas interpretações de Elza Soares, essa cantora em que vida e obra se misturam de forma tão intensa.

Palavras-chave: Oswald de Andrade. Elza Soares. Poesia. Vocoperformance.

Narrativas da violência: imagens do Brasil contemporâneo

Autor: Pedro Rena Todeschi

Orientador: Frederico Canuto e Gustavo Silveira Ribeiro

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo: A presente investigação em desenvolvimento, financiada pela FAPEMIG dentro do edital Demanda Universal 01/2016, ocorre dentro do grupo de pesquisa Narrativas Topológicas e analisa narrativas fílmicas construídas em torno da questão da violência e o espaço globalizado brasileiro atual, considerando-as como dispositivos que permitem repensar o país a partir de suas ficcionalizações e documentações arquivísticas. Nosso objetivo é discutir como alguns filmes do cinema brasileiro contemporâneo (como por exemplo 'Branco sai, preto fica' e 'A cidade é uma só?', de Adirley Queirós, 'Avenida Brasília Formosa', de Gabriel Mascaro e 'Vizinhança do tigre', de Affonso Uchoa) lidam com importantes questões sociais e históricas do país – a violência urbana, a segregação das cidades, a vida das populações marginalizadas – e, ao mesmo tempo, criam estratégias cinematográficas inventivas para abordar seus temas, construir seus personagens, criar narrativas em que elementos documentais se imbricam com ficcionais e vice e versa. A análise aqui proposta pretende também comparar estes filmes com outros exemplares de diretores consagrados do cinema brasileiro, como 'Boca do lixo', de Eduardo Coutinho e 'Abc da greve', de Leon Hirszman, observando nas obras: 1) a aparição das pessoas ordinárias; 2) a mediação entre o cineasta e os personagens; 3) a reconfiguração do vivido no filme; 4) a partilha de sua criação; 5) a relação dos filmes com a história do país. A ideia é menos analisar os filmes detidamente do que traçar em linhas gerais suas semelhanças e diferenças formais, pensando como o cinema se relaciona com a política, com as formas de vida, com a criação de mundos ficcionais, com a interferência no debate público sobre as questões políticas do país. Atualmente, no estágio inicial da pesquisa, estamos: 1) discutindo a bibliografia que será utilizada, lendo autores de diversos campos disciplinares como o Comitê Invisível, Didi-Huberman, Jacques Rancière

Cezar Migliorin, André Brasil, Angela Prysthon, dentre outros; 2) criando uma metodologia para cartografar e construir um mapa das comunidades cinematográficas contemporâneas e os espaços onde os filmes e vídeos estão sendo realizados, ou seja, quem são os coletivos e autores/as que estão produzindo filmes e vídeos que abordam as questões propostas e os territórios construídos pelas narrativas, respectivamente; 3) utilizando de um site como plataforma para a pesquisa, criando pontes de contato com outros campos disciplinares a partir das imagens de diversos registros como a fotografia e as artes visuais, assim como a partir da formulação de um glossário de conceitos-chave da pesquisa; 4) elaborando uma disciplina experimental em parceria com os programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo (NPGAU) e de estudos literários (Pós-LIT) cujo objetivo é discutir exemplares fílmicos e editar uma futura publicação.

Palavras-chave: Cinema Brasileiro. Estética. Política.

Local sagrado: dentro e fora do corpo que dança

Autor: Philippe de Avellar Dias Pinto

Orientadora: Maria Bernadette Thereza Velloso Porto

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: Dança e música são onipresença em todo desdobramento de cultura, unidas como irmãs em nascimento remoto, longe de serem idênticas, carregando para qualquer povo densa carga identitária. A presente pesquisa, ligada ao projeto desenvolvido pela Prof^a Dr^a Maria Bernadette Thereza Velloso Porto “Representações imaginárias do lugar: práticas, invenções e apropriações”, vem traçar reflexões acerca da relação da dança com o lugar. Este espaço pode ser o local onde a dança é realizada, e é transformado pela performance em algo totalmente novo; gesto e movimentos de interpretação podem emprestar ao lugar uma identidade nova alimentada pelo imaginário de quem dança e de quem assiste, e até o palco, lugar de devir por excelência, e que carrega a enorme reunião de expectativas do público sobre “o que será e virá a seguir” é transmutado a cada instante, de forma irreversível e irrepetível em plenitude. Este “lugar” da dança é ainda o corpo dançante, o universo do bailarino do qual não se vê exceto a superfície mais extrema, e é justamente seu único objeto, meio e resultado de trabalho. Toda a ação

acumulada desde o processo criativo, passando pelo aperfeiçoamento e repetições infindas, é manifestada em breves instantes eternizados pela memória – não raro, anônima, e sempre limitada e contingente – do público. Outro jogo duplo se dá no confronto entre o espaço transformado pela dança e o espaço natural, cotidiano, cujas funções são distintas e raramente incluem “chamar a atenção dos indivíduos sobre si”. Aqui se dá outra transformação que parece obedecer à ordem do sagrado. Não se invade o espaço onde se realiza a dança; ele é para os iniciados. Em geral, não é a qualquer momento que se dança; algo especial ocorre para que o processo comece, seja da ordem de um planejamento prévio, um local e hora marcados. O corpus escolhido é orientado principalmente em torno da literatura francófona, com autores selecionados entre publicações do Quebec, como Nancy Huston, e das Antilhas, como Ernest Pépin; como suporte teórico foram escolhidos livros e artigos, sobretudo em língua francesa, que tratam dos autores escolhidos, da ligação temática entre dança-localidade, ou da relação da dança com o corpo. Finalmente, curta-metragens de Norman McLaren deram vida àquilo que fora apresentado pela teoria, ou aludido na literatura. O evento da dança é rico pela multiplicidade de forças transformadoras que ocorrem simultaneamente. O movimento de dentro para fora, do interior do corpo dançante, e que pode trazer em erupção uma identidade singular e coletiva, íntima e alegórica, espontânea ou coreografada. Recaindo sobre este ente em performance está um público (real? leitor? projetado?) que joga sobre ele uma trama de expectativas e noções de mundo que compõem julgamentos e interpretações. Esses universos, obrigatoriamente diferentes, entram em contato de maneira mais ou menos fácil; e a força interior do corpo que dança só tem espaço real e condição de existir justamente porque o ato de dançar cria este espaço no mundo físico, durante sua execução, como também cria este espaço no próprio corpo dançante, por onde se manifesta.

Palavras-chave: Literaturas francófonas. Identidade. Lugar. Dança.

Breves reflexões sobre a mulher e maternidade na poesia de Paula Tavares

Autora: Rafaela Santos do Nascimento

Orientadora: Tatiana Pequeno da Silva

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as possíveis representações da mulher e da maternidade na poesia da escritora angolana Paula Tavares. Esta análise será realizada a partir da leitura dos poemas “Otyotto – o altar da família”, “A mãe” e “O cercado”, nos quais comparecem críticas à temática tradicional e paradigmática da maternidade. É importante mencionar que, no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa, a mãe, muitas vezes, evoca imagens da própria integridade do continente africano, desempenhando uma função sagrada que foi, inclusive, operacionalizada pelas lutas de independência e ganhou, por fim, relevância fundamental para a construção de uma nova sociedade. Se, com efeito, verificamos que Paula Tavares é uma mulher-escritora que participou do processo de independência de Angola, sua produção também deve ser analisada a partir daquilo que sugere Inocência Matta, em prefácio à edição brasileira e portuguesa de *Amargos como os frutos* (2011) sobre o sujeito poético de tal arte ser aquele que “recusa a sua subserviência a determinadas formas sociais e à uniformidade inscrita nos códigos dos deveres”, concordando com aquilo que diz Laura Padilha, no artigo “Como uma segunda pele ou poesia feminina africana, em expansão” (2002), quando se refere à poesia de Paula Tavares como “insubordinação temática”. Se, por vezes, ser mãe impõe-se quase como uma obrigação, um elemento definidor, por excelência, do corpo da mulher e do feminino, verifica-se que esse corpo é coletivizado pelo Outro, e também expressão de um povo e que essa obrigação foi colocada como prioridade na lista daquilo que dignificará a mulher angolana. Neste sentido, o corpo deverá ser transformado (metaforizado, inclusive) “em leite/Para a fome das crianças”, enquanto “Ficam os sonhos a voar/Pássaros na boca do vento.”. Assim, a poesia de Paula Tavares esmiúça a condição da mulher, revelando outras possibilidades e alternativas, de onde irromperá a voz poética de um sujeito dignificado pela possibilidade de amar sem que a maternidade funcione (necessariamente) como cláusula fundamente do contrato amoroso, o que potencializa e alarga as previsões para a mulher e para o feminino. Com efeito, a pensadora feminista americana bell hooks, em *O amor como prática da liberdade* (2006), mostra-nos que num contexto no qual a luta pela liberdade significa a luta pelo poder, uma “abordagem misógina sobre as mulheres naturaliza-se”, em função da associação da masculinidade com as armas de dominação, e se considerarmos que os modos de dominação

racistas dos Estados Unidos são muito semelhantes aos projetos coloniais praticados em Angola, podemos perceber um paralelo desenhado entre esses universos tão distintos, visto que as mulheres angolanas lutaram pela independência de seu país, mas permaneceram com seus corpos colonizados. Parece-nos, conseqüentemente, que ao subjetivizar o corpo feminino através, sobretudo, da expressão amorosa, Paula Tavares atualiza as previsões culturais e sociais para a mulher negra, uma vez que cede espaço, em sua poesia, para o amor como exercício de uma prática da liberdade, permitindo à mulher uma existência livre da maternidade compulsória.

Palavras-chave: Paula Tavares. Maternidade. Mulher. Literatura.

Da ornamentação verbal ao *self-fashioning*: Shakespeare e a cultura retórica

Autora: Raquel Cristina do Nascimento Pinho

Orientadora: Raquel Cristina do Nascimento Pinho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Uma das formas de entendermos o período elisabetano-jaimesco é atribuindo-lhe uma dominante cultural que alguns críticos, como Peter G. Platt e Stephen Greenblatt, denominam de “cultura retórica”. E não é por acaso. O momento é marcado por um imenso interesse pela linguagem, evidente nas discussões calorosas sobre a língua vernácula e na coexistência da visão da retórica como uma arte produtora de discursos falaciosos com a admiração concedida à eloquência da fala ornamentada. Dedicadas a ensinar latim e literatura latina a meninos a partir dos 7 anos de idade, as escolas do período – grammar schools – aparecem como peças-chave nesse contexto. Situadas sob a égide do grande projeto pedagógico que é o movimento humanista, essas escolas apresentam currículos ancorados em preceitos retóricos e repletos de exercícios focados na repetição e na tradução de textos canônicos da literatura clássica. Com o intuito de formar sujeitos morais aptos para trabalhos burocráticos e para a vida política, o ensino escolar não tarda em influenciar a maneira como o indivíduo percebe a realidade, fazendo com que ele desenvolva uma afinidade com a representação e a teatralidade, já que toda sua produção escrita e oral será necessariamente composta a partir de compilações de ideias dos autores estudados. A visão

retórica da linguagem termina por influenciar os próprios processos cognitivos, como vemos com a prática da *disputatio in utramque partem*, exercício da argumentação pelos dois lados de uma questão, que obriga que diferentes assuntos sejam analisados e investigados por uma pluralidade de perspectivas. Em “*Shakespeare and Rhetorical Culture*”, Platt afirma que “as regras dos manuais de retórica podiam ser aplicadas à maneira como os indivíduos se apresentavam ao mundo” (1999, p. 287). Já Greenblatt descreve, em *Renaissance Self-Fashioning from More to Shakespeare*, “um aumento da autoconsciência sobre a criação da identidade humana como um processo manipulável e engenhoso” (1980, p. 2). O *homo rhetoricus*, ser proteiforme capaz de vislumbrar e concretizar inúmeras maneiras de ser no mundo, é o ponto máximo dessa cultura, em que o próprio corpo atua como uma ferramenta retórica, repleta de potência e fluidez. As obras de William Shakespeare (1564-1616) surgem em diálogo direto com esse contexto, apresentando um universo povoado por ambivalências e uma consciência metadiscursiva. Seja com personagens que esbanjam discursos pomposos, trocam flertes com articulados jogos verbais, propõem usos conscientes para o talento com as palavras ou se inventam e reinventam com o auxílio da linguagem, a obra do bardo é repleta de marcas da cultura retórica em suas diversas facetas. Este verdadeiro “banquete de linguagem” (*Trabalhos de Amor Perdidos*, ato V, cena I) se apresenta como um material capaz de ampliar o conhecimento sobre a relação da obra shakespeariana com seu contexto e de trazer à tona importantes questões filosóficas e culturais.

Palavras-chave: William Shakespeare. Cultura retórica. Humanismo.

Desconstruções do Amor no Chamado do Cego

Autora: Rebeca Cacho de Souza

Orientador: Rony Márcio Cardoso Ferreira

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Resumo: O presente trabalho busca realizar uma reflexão baseada na área da literatura, e a partir de inquietações não somente pessoais, como também, científicas, saltou-nos aos olhos elementos que entrelaçavam dois objetos que em muito apeteceu a vontade de pesquisa-los. No decorrer de algumas leituras, descobriu-se que, em 2012, Silviano Santiago faz uma (re)leitura do

conto “Amor” (1961) de Clarice Lispector, em “O Chamado do Cego”. Para tanto, decidiu-se examinar a maneira a partir da qual Santiago reescreve e reatualiza o conto de Lispector. Esta comunicação visa apresentar uma leitura comparatista dos contos supracitados. Para isso, valeremo-nos dos pressupostos da literatura comparada, e do conceito de tradição literária, que é pensado / desenvolvido por Leyla Perrone-Moisés (1990), José Luís Borges (1941), Tânia Carvalhal (2006) e Sandra Nitrini (2010), em que há uma preocupação em demonstrar que sempre existiu diálogo entre textos, fazendo com que seja possível uma literatura que nasça da própria literatura a partir de continuação, consentimento ou contestação de obras e autores já existentes e significativos no cenário literário. Existe também a preocupação com a reflexão acerca da proposta de Jacques Derrida no que se diz respeito à desconstrução e ressignificação de textos pelo receptor, conceitos esses que permearão também a construção da leitura comparatista entre ambos os textos. A leitura e literatura comparada não podem ser descritas apenas como técnica que observa as diferenças e semelhanças dos objetos propostos, mas, deve ser enxergada também como parte de um processo da relação autor – leitor em que há a percepção e transformação da leitura em outra obra, isso é percebido devido à profundidade que a literatura possui, pois, a mesma perpassa não somente os campos da linguagem, como também, repousa e representa de certa forma, as leituras que em forma de tradição sedimenta-se de escritor em escritor, criando uma pluralidade que encontramos quase que, exclusivamente, na figura da mesma, sem contar, que a literatura consegue de forma proficiente resgatar elementos históricos e sociais trazendo-os a baila, e permitindo que nós, no tocante de analisá-la por suas várias facetas, enxerguemos outras realidades da qual a nossa é derivada, e, claro, para compreendermos a nos mesmo dentro do processo transformador que passa as sociedades modernas, e, os inúmeros tracejados em forma de linguagem que se completam dentro do universo da literatura. Nesse sentido, evidenciaremos que o conto de Silviano Santiago é um texto considerado contemporâneo, que reatualiza o drama da linguagem inaugurado por Clarice Lispector no contexto e cenário da literatura brasileira.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Silviano Santiago. Clarice Lispector.

"*Quid gloriosius, honores adipisci, an promereri.*" do padre jesuíta Francisco Mendonça e o diálogo com os autores anteriores

Autora: Rebeca Garcia Tostes

Universidade DO Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O padre Francisco de Mendonça foi um jesuíta do século XVI, pertencente ao que entendemos por "Renascimento Português", vemos no Problema XV – "*Quid gloriosius, honores adipisci, an promereri.*" a influência do Humanismo, não só pelo fato de sua formatação e seu tema ser uma forma de entender melhor o mundo, mas também pelo uso que faz da literatura clássica para alcançar este aspecto (ainda, reforça um pensamento comum do Humanismo: a ideia de que tudo que poderia ser dito, já tivera sido – "*nihil novi sub sole*" em Eclesiastes 1:9). O texto em questão faz referência a uma grande variedade de autores (Plutarco, Plauto, Sílio Itálico, Claudiano, Sêneca, Estobeu e João de Barros), e para sua melhor compreensão faz-se necessária a abordagem destes e de suas obras, ou seja, para entender este temos que compará-lo a outros, por exemplo: • Os versos 648, 652 e 653, do Ato II da obra *Amphitruo*, de Plauto, foram originalmente escritos em versos de pés báquicos – constantemente utilizados em lamentos para expressar sofrimento e dor ou para exprimir a *grauitas* e a *dignitas romanas* –, referindo-se a uma forma de elogio à Virtude feito pela personagem Alcmena. O padre, em seu texto, considera somente a palavra utilizada na obra*, se analisarmos todo o monólogo de Alcmena, vemos que a repetição das palavras *uirtus* (v. 648, 649, 652 e 653) e *uoluptas* (v. 633, 635, 637 e 641) faz ressoar nela uma nota de apelo sexual. Visto que *uirtus* ("virtude"), por ter a mesma raiz de *uir* ("homem, varão"), também traz em si o sentido de "virilidade"; a repetição de *uoluptas* ("prazer, volúpia"), na mesma proporção e no mesmo contexto de *uirtus*, acaba destacando essa possível ambiguidade presente no discurso. Sendo assim, essa ambiguidade serve, no texto-fonte, para acentuar a ironia cômica do assunto da fala (exaltação da virtude) ser proferido de uma adúltera, e perde o sentido quando a construção é transferida para o texto-base. Além disso, é possível fazermos uma associação mais estreita com o *Amphitruo*, a cena II começa com um monólogo de Alcmena e apresenta uma interrogativa, levando o público a situar-se no problema que será apresentado em seguida. Posto isto,

é interessante chamarmos a atenção ao uso da interrogativa no início ** tanto em Plauto quanto em Mendonça como inserção do interlocutor - ou seja, aquele que fez a pergunta ou que se interessa pela resposta -. *Até os meados do século XX, os estudos clássicos não possuíam muito clara a percepção de que, além do texto, havia muitos outros elementos teatrais. ** Em Plauto: "Satin parua res est uoluptatum in uita atque in aetate agunda praequam quod molestum est? " (633-4), Em Francisco: " Quid gloriosius, honores adipisci, an promereri. ".

Palavras-chave: Francisco Mendonça. Renascimento. Latim. Problema XV.

"Dodecassílabos de Plauto": uma tradução do senário iâmbico

Autor: Renan de Castro Rodriguez

Orientador: Beethoven Barreto Alvarez

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: O presente trabalho, fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica, na área de Latim/Tradução, em fase de finalização, busca investigar as possibilidades e as impossibilidades da tradução do verso dramático da comédia romana antiga, mais precisamente do verso chamado "senário iâmbico", do comediógrafo republicano Titus Maccius Plautus (c. 254-184 a.C.), na comédia *Asinaria* (ou "A Comédia dos Asnos", encenada originalmente por volta de 207 a.C, em Roma). O senário iâmbico foi um dos principais versos utilizados na composição das peças plautinas e da comédia *palliata* (*fabula palliata*) como um todo, em Roma, e contabiliza, em todo o corpus plautino que nos foi legado, cerca de 8200 ocorrências. Além disso, ele se configura como um verso de variadas possibilidades rítmicas e rica tessitura métrica, bem os *innumeri numeri* da comédia de Plauto. Ao pensarmos na estrutura de composição das peças do dramaturgo sarsinate, é fundamental destacarmos o papel do senário no contexto cômico: sendo um verso composto para ser encenado sem o acompanhamento musical (em passagens que posteriormente foram chamadas de *diverbia*, diferente dos versos presentes nos *cantica*, que eram destinados à encenação acompanhada por música no palco). Mesmo sem a intervenção musical, cenas em senários iâmbicos deveriam ser ricas em expressividade, dada a variedade métrica possibilitada por esse verso, que evoca diferentes efeitos expressivos nas

peças. À luz de estudos sobre tradução, como os de Ezra Pound (1882-1972), Haroldo de Campos (1929-2003) e ainda Friedrich Schleiermacher (1768-1834), entenderemos o processo tradutório poético não como a "reconstituição da mensagem", mas a "reconstituição do sistema de signos em que está incorporada esta mensagem, da informação estética, não da informação meramente semântica", a partir do que emerge uma grande importância conferida à sonoridade e ao ritmo. A partir disso, os conceitos de Pound (de melopeia, fonopeia e logopeia); de Campos (da tradução como criação e crítica; da transcrição do texto); e de Schleiermacher (de fidelidade rítmica e melódica) serão evocados para dialogarem de forma oportuna e balisarem nossas escolhas tradutórias. Desse modo, por fim, objetivamos fornecer uma nova proposta de tradução vernácula para o senário iâmbico plautino, não em prosa, mas em verso métrico. Em especial, neste pôster, apresentaremos uma pequena seleção de cenas da peça *Asinaria*, originalmente compostas em senários iâmbicos, agora numa tradução em dodecassílabos (versos de doze sílabas métricas) para o português. Assim, pretendemos resgatar efeitos da expressão poética do texto teatral arcaico através da atenção aos procedimentos tradutórios, destacando características sonoras e sintático-semânticas.

Palavras-chave: Plauto. Comédia Paliata. Tradução Poética. Senário Iâmbico.

A intertextualidade como ferramenta de resistência na literatura: uma análise do romance contemporâneo *Vigília del Almirante*.

Autora: Rosalia dos Santos Albuquerque

Orientador: Prof^o Dr^o Carlos Henrique Lopes de Almeida

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: Este trabalho tem como proposta analisar a presença e as marcas da intertextualidade dentro do romance contemporâneo *Vigília del Almirante* (Augusto Roa Bastos, 1992). Uma obra subdividida em 53 partes e que narra o “descobrimento” da América de maneira singular. No romance, além do narrador principal, vozes de outros narradores surgem no desenrolar da história provocando o que se chama de onisciência múltipla. O narrador de maneira sutil, nesta obra dá ênfase em relação à forma de vida e a maneira

como se fala dela. O que faz do romance, uma obra nitidamente crítica. Para a construção do que se vê como posicionamento crítico, o narrador se permitiu dar lugar a associações do que ele diz com o que já foi dito antes, por outras fontes no discurso oficial. Desse modo, encontra-se no decorrer de uma leitura mais aprofundada a presença da intertextualidade, agindo como uma ferramenta que pode construir uma nova visão sobre a homilia tradicional. Sendo assim o autor traz a ideia de história e literatura em uma nova perspectiva, ou seja, questiona as afirmações e se opõe a historiografia tradicional. Em linhas gerais as reflexões pretendidas com este estudo, estão relacionadas à busca pela funcionalidade da intertextualidade neste romance com base nas pressuposições de Flaircough (2001), onde o autor define esse recurso como meio no qual um texto possa apresentar fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados ou mesclados e que tem basicamente a função de: “contradizer, assimilar, ecoar ironicamente e assim por diante” (Flaircough, 2001, p.114). Partindo desse pressuposto, o estudo também faz considerações ao pensamento pósmoderno de Hutcheon (1991), em que a ideia não é esquecer o passado e sim questionar a maneira como este é apresentado. É exatamente essa abordagem que Roa apresenta em seu romance, a possibilidade de comparações irônicas entre a realidade dita e outras obras. Com isso, ele tenta dismitificar paradigmas conservadores e no caso, Don Quijote é uma das interrelações usadas pelo narrador. Em suma, outra consideração que se apresenta neste trabalho é acerca do questionamento sobre a “descoberta” da América através da obra de Menton (1992), e Augusto Roa Bastos é integrante de um mosaico de novelas extremamente relevantes para pesquisas relacionadas à história do descobrimento das Américas.

Palavras-chave: Literatura. Intertextualidade. Questionamento. Resistência.

Imagem/texto: olhar como um ato de escolha

Autora: Samyres Amaral Freitas

Orientadora: Danusa Depes Portas

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo: Olhar é um ato de escolha. O objetivo deste trabalho é olhar a obra de Rosângela Rennó como uma escavação arqueológica para compreendê-la

como ruína do tempo, e a reconstituição deste lugar arruinado como uma imagem dialética do passado. Ao longo do século XIX, novos processos de percepção se impuseram ao observador, com a modernização dos sentidos, e foram sinalizados por Walter Benjamin: a reprodução técnica da arte; a fragmentação na sua experiência; a perda da aura; a relação dialética com a história. Assim, para Benjamin, as imagens se colocam em um momento único onde são indícios do passado e vislumbres do futuro na figura do seu Anjo da História (BENJAMIN, 1940). As ruínas são convertidas por ele em uma alegoria da presença de algo que está vivo no morto. A proposta desse trabalho portanto objetiva abordar, a partir desses operadores conceituais benjaminianos, a obra dessa artista brasileira contemporânea, “Círculo Mágico”. A obra é uma instalação homônima apresentada na Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, em que a artista torna objetos antigos protagonistas de um monólogo, refletindo uma poética contemporânea ao colocar em jogo a funcionalidade de sua existência dialética no passado e no presente. Trata-se de um agenciamento em que promove a passagem da (as imagens) desses objetos de imóvel à móvel, e, assim, dissolve a dicotomia da complexa relação espaço-tempo, como propõe as formulações de Benjamin. A mistura de efeitos de luz, objetos e texto, em uma instalação, estabelece um espaço imersivo que recria o circuito imagético de uma imagem-texto. O conjunto de imagem-texto de Rennó são marginalizadas pela sua banalidade e simplicidade, e desafiam a autoridade visual de nosso mundo. O Anjo da História, ao olhar para o passado, vê uma catástrofe de ruínas acumuladas. A tempestade o impede de acordar os mortos e juntar os fragmentos que são recuperados por Rennó e contam algo sobre si próprios para o espectador, refletem sobre sua posição simbólica no passado e como ela se alterou a partir do momento que ganharam o status de “obra de arte”. Esse exercício reflexivo, que traz ao espectador as próprias memórias do objeto, desperta essa memória de seu passado e as inscreve diretamente em sua atualidade. A iluminação especial dos objetos simula o relâmpago que os trouxe do já ocorrido, para o agora, na intenção de traduzir esse momento único de passado e presente em uma imagem dialética. A tecitura narrativa proposta na instalação de Rennó ao mesmo tempo que presentifica tal processo, reflete sobre ele, fechando assim o “círculo mágico”.

Palavras-chave: Ruína. Imagem dialética. Aura. Arqueologia.

Ma: corpo e(m) poema

Autor: Seiji Rocha Watanabe

Orientadora: Danusa Depes Portas

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: Ma é um ideograma da estética japonesa que designa um espaço vazio ao qual se lança uma luz. Este mesmo ideograma é o ponto de partida para a dança butô e para a obtenção dos aforismos expostos pelo livro-diário de Kazuo Ohno, *Treino em Poema* (Kazuo Ohno, 2016). A partir disso, este trabalho tem como um dos objetivos refletir sobre de que forma as interseções entre as práticas de nomeação e de representação irremediavelmente atravessam as questões de gênero no Ocidente. Desse ponto decorrem dois problemas sobre o dilema dos atuais movimentos de gênero: estabelecer uma atitude nominativa abordada pela identidade de gênero em relação à performance deste não seria uma ação necessária. Apesar de a Modernidade ter instaurado o disciplinamento do papel do corpo no espaço social, na medida em que a racionalidade cartesiana florescia, legitimarse-ia a separação entre as práticas de ser homem e de ser mulher. Em efetivo, como segundo problema, graças às novas tecnologias de visualidade implementadas no século XIX, esta separação se tornou mandatória, uma vez que a fotografia serviria como advento categorizador, a fim de conformar a massa social. No Ocidente, portanto, fomentou-se uma ideia de subjetivação à qual se encaixaria no paradigma homem e mulher, tendo como princípio a relação entre se identificar e se tornar visível. Embora, no presente, seja possível encontrar uma resistência a esse binômio homem/mulher - o movimento queer - este ainda opera de forma similar ao pensamento hegemônico, pois induz uma relação necessária entre identidade de gênero, a nomeação, e a performance, a visualidade representada. No Japão pós-guerra, o butô, cuja principal figura é Kazuo Ohno, surge como exaltação e manifestação da tradição oriental em contraponto à reprodutibilidade da lógica moderna, racional-cartesiana. Ao ler *Treino e(m) poema* (Kazuo Ohno, 2016) é possível denotar que a performance teatral de Ohno excede esta intermediação entre se nomear e se representar. O corpo é um para-além da concepção moderna. Não se estabelece uma relação comparativa entre identificação e representação corpórea. Além disso, esta

concepção pressupõe um vazio em cuja potência se revela uma luz guiadora, a própria noção do Ma. A primeira etapa para adentrar o espírito da dança butô é de ser uma concha vazia. Ohno nos diz, em um dos seus aforismos-poemas, que o som adquire vida na dissonância, não na sintonia. Dito isto, consideramos relevante enfrentar a disputa na atualidade, a saber, a da necessidade de estabelecer uma relação firme entre nome e gênero, na qual um sujeito coloniza uma identidade para si a após a nomeia como aspecto de representatividade. Tal fato ainda estaria subscrito em uma lógica representativa da Modernidade? Esse trabalho, portanto, objetiva indagar a respeito do regime representativo moderno a partir da alternativa alçada pelo livro de Kazuo Ohno.

Palavras-chave: Visualidade. Representação. Corpo. Gênero.

Da alquimia poética: a transmutação visual de Arcimboldo

Autor: Sergio Alexandre Novo Silva

Orientadora: Andrea Lombardi

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo: Giuseppe Arcimboldo (1527-1593) é uma figura, por si só, anacrônica. Frutos de seu trabalho como retratista oficial da corte dos Habsburgos, uma corte extremamente oculta, onde se encontravam todos os alquimistas e cabalistas da Europa do século XVI, suas pinturas evocam questões contemporâneas acerca da relação entre linguagem e pintura – e do fazer artístico em geral: paradoxos, ironia, trompe l'oeil etc. Não é à toa que sua obra foi resgatada em discussões sobre as artes de vanguarda do século XX, quando seus quadros serão postos em meio a outras obras de surrealistas e dadaístas (1936). O lúdico e o irônico imediatamente percebido no vislumbre dos quadros de arcimboldescos (tanto os que foram feitos por ele, quanto os seus pastiches de vanguarda) são produto do jogo de linguagem – demonstração de sua faceta retórica, como afirma Roland Barthes – e revelam influência da alquimia e da cabala – a permutação alfabética e um tipo de poética da transmutação. A estética maneirista, o método alquímico e a operação lúdica da linguagem podem ser associados ao fazer artístico de Arcimboldo, sem esgotá-lo. Pois sua arte lida, justamente, com o ambíguo e o irônico; ou seja, o indecível – o inefável. A presente pesquisa é fruto de um

estudo que pretende ser, já de início, interdisciplinar e lidar tanto com o aporte teórico da arte quanto o da literatura; considerando que se trata de disciplinas em choque e, ao mesmo tempo, em relação interativa. É perfeitamente pertinente considerar Arcimboldo um pintor precursor na adoção de uma perspectiva intersemiótica – ou transmutativa, a partir de seu sinônimo definido por Roman Jakobson e que evoca um lado alquimista de uma busca por transformação. Há, portanto, uma poética que caracteriza seu estilo e que depois se refletirá em seus poemas, desconhecidos pelo grande público. Esses poemas podem ser considerados o principal objetivo desse trabalho. De qualquer forma, é impossível afirmar certezas na definição da poética de Arcimboldo. Interessa-nos buscar os reflexos – os fragmentos de reflexão – de uma poética da transmutação, da magia, do ambíguo de uma linguagem que seja no plano da produção literária quanto da artística é repleta de significância. Trata-se, portanto, de poesia e outras artes comparadas; de poesia e outras artes em diálogo e postas em combate (paragone) produtivo: ou seja, o “ut pictura poesis” definido, a partir de uma citação de Horácio. “Reino triunfante da metáfora”, como o chama Barthes, Arcimboldo e suas obras podem ser metáforas para o entrelaçamento de épocas, culturas e artes em contato.

Palavras-chave: Arcimboldo. Século XVI. Surrealismo. Paradoxo.

A escrita de Sei Shonagon: uma voz feminina na corte Heian

Autora: Sthefany Rosa Ferreira dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Sei Shonagon foi uma das figuras femininas mais importantes da história japonesa do período Heian (794 a 1185). Dama de companhia da Imperatriz Teishi, foi durante seu trabalho na corte que Shonagon escreveu a clássica obra O livro do travesseiro (Makura no souchi), aproximadamente entre os anos de 994 e 1001. Hoje, compilada em livro, a obra que, originalmente, era apenas uma série de folhas avulsas e sem uma organização específica, apresenta textos de diferentes tamanhos e vão de uma anotação da sua cor preferida para ornamentação de um leque, à longuíssimas e detalhadas descrições carregadas de opiniões acerca de um acontecimento especial por ela vivenciado. Embora se aproxime muito de um

diário, na verdade, pelas mãos da dama de companhia Sei Shonagon inaugurou-se um gênero literário genuinamente japonês: o Zuihitsu (que pode ser literalmente traduzido como “ao correr do pincel”) e começou a dar voz a uma classe praticamente invisível até o momento: as mulheres. Relatos históricos apontam que homens e mulheres possuíam maneiras bastante distintas de atuação social na corte do período Heian. Enquanto os homens exerciam cargos políticos e administrativos e atuavam como protagonistas na sociedade, das mulheres não era esperado muito mais do que servir como um instrumento de ascensão social através do casamento e, pelo viés estético, possuíam o papel de refletir um caráter divinal na corte. Por esse motivo, O livro do travesseiro é geralmente associado a uma observação pura do belo e considerado uma obra que serviria como exemplar da estética literária japonesa. Entretanto, mesmo confinadas a ficar atrás de cortinas que escondiam seus rostos, as mulheres da corte Heian viam o tédio de sua privacidade como oportunidade de apreciação da beleza e efemeridade da vida. Nesses momentos, elas desenvolviam suas habilidades de escrita e, através dela, mostravam, da maneira possível à época, que o sexo feminino não estava totalmente à parte do ambiente político instável do período Heian. Esse cenário aponta-nos, por um lado, que naturaliza-se o fato da idealização da mulher na sociedade japonesa moderna ter suas bases construídas desde os primórdios das narrativas históricas daquele país. Por outro, que do “diário feminino” de Sei Shonagon, transformado em obra literária, podem ser extraídas algumas chaves que permitem divisar uma figura feminina mais próxima da contemporaneidade, personagens cujas estratégias de busca de avanço em questões de igualdade de gênero divergem da imagem tradicional da mulher japonesa submissa comumente disseminada no que diz respeito à época. Neste trabalho pretendemos levantar alguns pontos que indiquem algumas dessas chaves no romance O livro de travesseiro.

Palavras-chave: Japão. Feminino. Heian. Diário.

Mulher ao mar à luz das novas cartas portuguesas

Autora: Susanna Dias de Faria

Orientadora: Tatiana Pequeno da Silva

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de ler analiticamente os poemas “Glosa da Nau Catrineta” e “Mulher ao Mar”, da obra *Mulher ao Mar* (2010), da escritora, tradutora professora portuguesa Margarida Vale de Gato. Para Isabel Pires Lima, ensaísta portuguesa, no livro *Vozes e Olhares no Feminino*, a voz de autoria feminina, até hoje, é ouvida e apresentada como uma voz secundária. Para referendar tal perspectiva, foi considerada a ideia de segundo sexo – a de que a mulher e o feminino constituem sempre um Outro -, que nomeia um dos livros de base teórica utilizados, escrito por Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*. Neste sentido, é importante observar que os poemas apresentados fazem referência ao lugar esvaziado da mulher no contexto das grandes navegações. Margarida Vale de Gato parece se aproveitar desse esvaziamento para construir sua poética visceral e feminina. Com efeito, é possível sugerir, de antemão, que a poesia de Gato em *Mulher ao Mar* procura ressignificar a mulher não apenas no espaço marítimo, mas, sobretudo, colocar em questão e realocar a condição feminina na própria tradição. Considerando, sobretudo, que a obra *Novas Cartas Portuguesas*, publicada em 1972 e escrita a seis mãos por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, funciona, praticamente, como uma matriz teórica para se pensar as questões relativas ao feminino e ao lugar da mulher na sociedade a partir da segunda metade do século XX, compreendemos ser fundamental o referido texto como porto e ponto de partida para acessar aquilo que fundamenta e estrutura o livro *Mulher ao Mar* de Margarida Vale de Gato. Não obstante, ao tomarmos o primeiro e o segundo poema do livro de Gato, “Glosa da Nau Catrineta” e “Mulher ao Mar” para uma análise mais profunda, perceberemos como a figura da mulher trava uma guerra constante para estabelecer seu lugar, controlar seu próprio destino na cultura e se opor à realidade imposta pela lógica androcêntrica (Cf. Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*). Além disso, Gato sinaliza, através de seu sujeito lírico, que a união das mulheres é necessária a fim de conquistar tal posição. Também à luz das *Novas Cartas Portuguesas*, constatamos que o ato de costurar está sempre presente no cotidiano da mulher – ora fiando, ora bordando –, entretanto, a partir desse ato, ocorre uma oposição de perspectivas entre a “Glosa da Nau Catrineta” e “Mulher ao Mar”. No primeiro, poema cheio de referências históricas, as três irmãs mouras se unem com o objetivo de costurarem os seus próprios

destinos para, enfim, emanciparem-se em relação ao seu pai, figura que representa o patriarcado, enquanto que, no segundo poema, é constituído o tecido de que a mulher (solitária) se veste e acaba, com isso, apresentando sua própria costura (igualmente sua escrita) e sua própria mortalha.

Palavras-chave: Poesia portuguesa. Margarida Vale de Gato. Estudos Feministas e de Gênero.

O enlace insólito entre imagem e palavra nas obras de Frida Kahlo

Autora: Tamira Fernandes Pimenta

Orientadora: Marisa Martins Gama khalil

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo: O presente trabalho faz parte de um capítulo da minha iniciação científica, que está vinculada ao PIVIC / CNPQ, cujo objetivo é aproximar dois fenômenos - linguagem e imagem -, que se mostram, a princípio, como opostos e dificilmente comparáveis. Para isso será observado o contraste entre as visões estruturalista e wittgensteiniana, a fim de que haja uma reflexão sobre os jogos de linguagem contidos nas obras de Frida Kahlo e a demonstração da construção simbólica nas pinturas dessa autora. Segundo LACAN(2001), o inconsciente é estruturado como uma linguagem, seguindo tal afirmação as pinturas: “Recordação de uma ferida aberta”, “Autorretrato com cabelos cortados”, “A coluna partida” e “O pequeno cervo”, serão analisados através da proposta lacaniana, juntamente com a perspectiva de Merleau-Ponty sobre questões relacionadas à percepção e a expressão demonstrando como o olhar humano faz todas essas construções. Esse enlace entre imagem e palavra procurará ressaltar como a obra de Frida Kahlo constrói-se sempre a partir de imagens insólitas. Para o tratamento do insólito, a base serão os estudos de Lenira Covizzi e Flavio García.

Palavras-chave: Imagens insólitas. Pintura. Construção simbólica. Frida Kahlo.

Estudos Narrativos: armação de mundos possíveis no universo do insólito ficcional

Autora: Tatiane dos Santos Magalhães

Orientador: Flávio Garcia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Toda narrativa corresponde à armação arquitetural de mundos possíveis, implicando intensionalidade interna e extensionalidade referencial, a partir de relações comunicantes entre o mundo textual armado e os mundos de base acessados. Nesses mundos referenciais, buscam-se elementos para a composição macroestrutural do texto: tempo, espaço, personagens e suas implicações acionais.

Qualquer texto comunica, apenas, fatias seletivas e possíveis dos mundos exteriores a que recorre. Os mundos possíveis armados são, sempre, composições sobrepostas de seções de mundos e submundos, subordinados às personagens que os habitam, considerando-se os papéis que desempenham e os tempos e espaços em que atuam.

Os mundos possíveis ficcionais podem estar comprometidos com uma *mimesis* realista, reprodutiva das imagens apreendidas nos mundos referenciais de base, e ter, por produto, um texto que se pode dizer realista. Ou podem, ao contrário, descompromissados com essa *mimesis* reiterativa da realidade exterior, arranhar, fissurar, fraturar ou romper o imaginário referencial e instaurar um universo textual em que se manifeste o insólito.

Os mundos possíveis do insólito ficcional englobam variadas manifestações literárias correlacionadas com o Maravilhoso, Fantástico, Estranho, Sobrenatural, Gótico, a Ficção Científica e, ainda, outras vertentes da ficção que se podem denominar pseudofantásticas. O traço distintivo comum a esse conjunto seria a composição insólita de qualquer das categorias narrativas, rasurando a lógica racional e aristotélica.

Assim, a composição de tempo, espaço ou personagens, bem como as ações em que se envolvam, ou, mesmo, a trama narrativa pode se dar de modo pretensamente realista ou assumidamente insólito, conforme as opções adotadas pelo ficcionista. Nisso interferem a intensionalidade semântica e a extensionalidade referencial.

Os Estudos Narrativos, sucedâneos da Narratologia, têm dado especial atenção aos processos de armação de mundos possíveis, levando em conta

diferentes procedimentos compositivos. As tendências mais contemporâneas se mostram menos submissas à dualidade, advinda das fases anteriores da Narratologia, que dividem a ficção em mimética e não mimética. As novas correntes admitem que a *mimesis* seja, na verdade, condição própria da arte, não havendo ficção não mimética, senão que ficção com diferentes graus de *mimesis*.

Esse posicionamento revalorizou as literaturas do insólito, retirando o fantástico, *lato sensu*, das margens do cânone e livrando-o da pejorative de “literatura menor”. Isso vem permitindo à crítica encarar a ficção de insólito, em suas diversas expressões e em variados *media*, como arte apreciável metodológica, teórica, crítica e historiograficamente. Disso vem dando prova o esplendor da ficção fantástica na literatura, no teatro, no cinema, na televisão, no ciberespaço etc.

Pretende-se, com apoio nos Estudos Narrativos, especular armações de mundos possíveis que se possam dizer representantes da ficção do insólito, mundos compostos em descompromisso com a lógica racional e aristotélica, mundos que arranham, fissuram, fraturam ou rompem o imaginário presente nos mundos referenciais de base acessíveis.

Para tanto, no pôster, serão utilizados fragmentos de contos do escritor brasileiro Murilo Rubião que demonstrem a composição insólita de tempos, espaços e personagens. Os fragmentos de texto serão acompanhados de imagens ilustrativas, de origens diversificadas. Espera-se, portanto, promover reflexões em torno da armação de mundos possíveis no universo do insólito ficcional.

Palavras-chave: Estudos Narrativos. Mundos Possíveis. Insólito Ficcional. Ficcionalidade.

Influências na tradução literária francesa durante a Belle Époque: reflexões iniciais

Autora: Teresa Cristina de Andrade Gomes da Costa

Orientadora: Luciana Persice Nogueira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O presente trabalho faz parte dos estudos de literatura do setor de francês da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e constitui uma das etapas da pesquisa intitulada “Relevância e recepção da tradução junto ao

meio intelectual francês da Belle Époque” que busca compreender a importância da tradução na França na virada do século XIX para o XX, bem como os aspectos da sua recepção pelo meio intelectual francês. Neste sentido, a pesquisa apresenta como ponto de partida a correspondência pessoal de Marcel Proust (1871-1922) no período em que atuou como tradutor, sendo todo um acervo de revistas e periódicos ligados ao escritor examinado no intuito de observar o debate acerca da tradução pelos intelectuais da Belle Époque no ambiente artístico e literário. Dado o exposto, apresenta-se como proposta para pôster observar as influências que as questões próprias do contexto da Belle Époque tiveram sobre os tradutores e as traduções literárias na França, levando em consideração a tradução como objeto histórico e como testemunha da maneira como uma época percebe uma obra. É sabido que o período abordado neste trabalho é conhecido como uma época de “ouro”, uma época promissora para as artes e a literatura. Também é na Belle Époque que surgem novas formas de entretenimento e diversão, como o cinema. O esporte também ganha o seu espaço. Sem esquecer o papel e a estrutura que a imprensa alcança neste momento, bem como os avanços tecnológicos atingidos como a instalação de linhas férreas que passam a ligar as cidades permitindo uma circulação maior de pessoas e produtos, o surgimento do automóvel individual e da iluminação elétrica. A comunicação se torna mais rápida com o advento do telefone e do telégrafo sem fio. A França, especialmente Paris, é vista como modelo a ser seguido por outras nações. É uma época vista com otimismo. Por outro lado, o período é marcado pelas disputas por colônias em direção a África e a Ásia, chamado pela História de neocolonialismo, e a presença de movimentos de cunho nacionalista. É durante a Belle Époque que se fomenta a Primeira Guerra Mundial. Portanto, essas são algumas questões que estão sendo vivenciadas pelos intelectuais franceses. Nos perguntamos se essas questões próprias da virada do século XIX para o século XX influenciaram as traduções na França. Para isso, são analisadas algumas revistas literárias produzidas na época, como a *Revue Blanche*, observando-se os debates em torno da tradução, bem como comentários sobre obras traduzidas na França. Este trabalho não é conclusivo, pois encontra-se nos seus apontamentos iniciais. Pretende-se, assim, analisar como as questões próprias à Belle Époque se apresentam no âmbito da tradução.

Palavras-chave: França. Belle Époque. Tradução. Literatura estrangeira.

Panorama inicial da presença e a relevância da tradução na Belle Époque francesa por meio do repertório de revistas on-line

Autora: Thaís Alves dos Santos

Orientadora: Luciana Persice Nogueira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: A consulta de periódicos e de revistas literárias receptivas à literatura estrangeira durante o final do século XIX até os primeiros anos que antecedem a Primeira Guerra Mundial, proporcionada pela pesquisa « Relevância e recepção da tradução junto ao meio intelectual francês da Belle Époque », integrada aos estudos literários do setor de francês da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, possibilitou-nos explorar o nebuloso campo da tradução. A acessibilidade a acervos digitais que disponibilizam esses periódicos e revistas, revelam-nos fontes literárias estrangeiras que interessavam à imprensa da época e aos leitores franceses. Revistas já consultadas como o *Mercure de France*, *Le Blanche* e *Le Banquet*, apresentaram-nos dados para esta pesquisa por meio de seus índices ; encontram-se trechos de obras estrangeiras seguidos de suas respectivas traduções. Por meio disso, seguindo cronologicamente as publicações disponíveis para consulta online, pudemos fazer um registro que demarca formalmente a presença da tradução – assim como de tradutores - e por conseguinte, do interesse da imprensa e de um determinado público leitor de obras estrangeiras na Belle Époque francesa. Ao longo da produção contínua do banco de dados e de um panorama das revistas e periódicos consultados, damos sequência aos estudos referentes à relevância da tradução por intermédio da análise dos elementos que fazem parte desse universo : a presença da tradução denota o interesse de um determinado público pela literatura estrangeira. Levando essa presença em consideração, por meio do banco de dados que está sendo produzido, pretendemos analisar que público era esse dentro da sociedade francesa da Belle Époque, assim como quais eram as obras que estavam sendo traduzidas, ou ainda, retraduzidas ao longo dos anos que se enquadram no período ao qual esta pesquisa se consagra e de que modo elas se intercomunicam. Também cabe a este estudo questionar-se sobre a presença de trechos de obras estrangeiras em revistas e

periódicos – posteriormente, incluiremos os jornais – sem sua respectiva tradução, caso exista a possibilidade da presença de um público que fazia leituras das obras estrangeiras na própria língua na qual elas foram produzidas. A presença de comentários acerca das traduções são relevantes para análise dos debates que se constituíam e que, portanto, indiciavam a mentalidade dos grupos que se inseriam nesses debates. A figura do tradutor, enfim, caracteriza um novo problema que será analisado e revisto ao longo do desenvolvimento do banco de dados. A presença de autoretradutores, de tradutores que assinavam apenas com suas iniciais ou ainda a não-presença do tradutor, viabiliza-nos meios de traçar o perfil daqueles que são identificados como tradutores na Belle Époque. Os debates que fomentarão essas questões nos possibilitarão assinalar a relevância conjunta à recepção da tradução no meio intelectual francês.

Palavras-chave: Tradução. Belle Époque. Literatura francesa. Imprensa francesa.

Recomposição de narrativas: memórias em Estado de exceção

Autora: Thauany do Nascimento Vigar

Orientadora: Danusa Depes Portas

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo: Este artigo pretende problematizar a ficcionalidade da história oficial tendo em vista a importância do cinema junto a necessidade da reconstituição de narrativas que compõem a memória coletiva ambientada durante a ditadura militar no Brasil. Tomando o filme Retratos de Identificação, de Anita Leandro, procura-se destacar a participação das mulheres como personagem e principal força de resistência na sua subsequente repressão e opressão por parte do Estado. O trabalho objetiva investigar a dupla transgressão feminina: ser opositora e ser mulher na ocupação do espaço público. Em que medida a (in)visibilidade constrói a força narrativa das memórias? Pensar a performatividade da personagem feminina durante o estado de exceção é pensar que, desde o momento da prisão até o horror das casas de tortura, essas mulheres estavam nas mãos de agentes masculinos fiéis às violências de gênero que utilizavam a diferença como uma forma a mais de atingi-las, manipulando seus corpos,

objetificando suas vidas. Reconhecer como a figura dessas mulheres foi forjada através do dispositivo da fotografia, é uma oportunidade de “se fazer ver”, tornar visível o que há tempos tem sido naturalizado numa superfície de esquecimento, de tanto que vemos e não olhamos. Como afirmou John Berger (1999, p.10-11), o ato de ver estabelece nosso lugar no mundo circundante, de modo que a relação entre o que vemos e o que sabemos nunca fica estabelecida, o conhecimento, a explicação quase nunca combinam com a cena, já que a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Só vemos aquilo que olhamos. E esse olhar não implica em isolarmos uma pequena parte do processo que concerne à retina ocular, pelo contrário, olhar é um ato de escolha, e como resultado dessa escolha, aquilo que vemos é trazido para o âmbito do nosso alcance. É dada, assim, a devida atenção a poeira histórica, que enquadra certos capítulos e os relegam à um lugar simbólico de mito. Os retratos de identificação como uma categorização biotípica de quem participa ou não da história oficial terrorista, subversiva, vagabunda - engendram domínios de saber que institucionalizam um tipo específico de sujeito de (des)conhecimento. Esses sujeitos possuem uma relação dialética com a história, que constrói, em seus registros oficiais, a (in)visibilidade, assim, também, como a técnica cinematográfica de montagem, de um campo/contracampo, capaz de colocar em quadro - e deixar fora dele - a realidade de acordo com o interesse de um dispositivo (com)formador de modos de vida. Tendo escolhido o filme Retratos de Identificação como disparador “dado a ver” os efeitos pulverizados dessa violência que persistem até hoje, a questão a ser analisada relaciona-se à construção de categorias de pessoas torturáveis, matáveis por meio da identificação fotográfica. A cineasta subverte a técnica de montagem de campo/contracampo, direcionando o olhar da câmera para o fora de campo: a prova do crime, a incerteza do que não é dado a ver, o que foi estrategicamente ignorado por alguns e sofrido por outros. Em que medida fazemos parte do acordo de silêncio?

Palavras-chave: Violência. Memória. Pós-história. Visualidade.

Literatura Infantojuvenil: uma viagem sublime às narrativas de hoje e de ontem

Autora: Tuane da Silva de Mattos

Orientadora: Regina Silva Michelli Perim

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O projeto de pesquisa de Iniciação Científica intitulado “Literatura Infantojuvenil, narrativas de ontem e de hoje” articula diferentes discursos tendo, como eixo estruturador, a Literatura Infantojuvenil, área do saber relegada à margem ou à exclusão quando se pensa nas grades curriculares dos cursos de Letras. No Instituto de Letras da UERJ, não há disciplina que assinale, em seu título ou ementa, um estudo específico sobre a literatura direcionada ao público infantil e juvenil, apesar de a licenciatura integrar a formação de muitos discentes. Nos últimos anos buscou-se divulgar esta literatura no universo acadêmico, por meio de eventos com grande público, da área de Letras à da Comunicação e Educação. Em seminário de extensão em 2015, foram abordados temas como os contos de fadas, em seus gêneros e aspectos específicos, envolvendo o maravilhoso e o fantástico, por meio da análise de textos de autores consagrados da Literatura Infantojuvenil, como Charles Perrault, Marina Colasanti e Lygia Bojunga. Imerso neste contexto ainda pouco conhecido e explorado, apresentou-se, em 2016, a comunicação “Configurações do insólito ficcional na obra O Orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares, no simpósio (Con)figurações da personagem na narrativa ficcional para crianças e jovens, no III Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional, na UERJ. O trabalho em questão sobre a obra de Ransom Riggs, escritor e cineasta americano, teve por objetivo analisar como características do maravilhoso, na linha do insólito ficcional, definem a construção narrativa, espraçando-se o olhar por elementos como configuração de personagens, tempo e espaço. A base teórica que orientou a pesquisa centrou-se especialmente nas obras de Tzvetan Todorov, David Roas e Flavio García, no que tange ao insólito. A narrativa aborda a existência de “crianças peculiares”, portadoras de alguma característica sobrenatural que fere a ordem do mundo dito cotidiano. Buscando descobrir a verdade acerca dos relatos aparentemente fantasiosos do avô, Abraham Portman, o herói lança-se à investigação e à aventura, chegando à ilha de Cairnholm, local onde deveria existir o orfanato em que o avô passara a

infância. A narrativa adensa-se com o suspense no relato dos acontecimentos sobrenaturais que envolvem a convivência do protagonista, Jacob Portman, com seres extraordinários, “peculiares”. A dúvida sobre o que possa ser real ou imaginário percorre o enredo sob o ponto de vista da personagem principal, contaminando o leitor pelo contato com aventuras de teor maravilhoso e fantástico. Observando metodologia comparatista, o projeto prevê pesquisa com textos em linguagens diversificadas, o que enseja a comparação entre a narrativa literária e a fílmica de *O Orfanato da Srta. Peregrine*. O projeto, ainda em princípio, permite que se desenvolvam os estudos à roda da literatura para crianças e jovens, cotejando textos e autores de diferentes tempos e espaços, no âmbito de fundamentação teórica interdisciplinar, recorrendo a estudos de teoria da literatura, história, psicologia e educação. A pesquisa já desenvolvida até o presente momento demonstra, de forma cabal, a relevância que o projeto tem para com o curso de Letras da UERJ e o meio acadêmico em geral.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Contos de fadas. Narrativas contemporâneas. Maravilhoso.

A ressurreição das três faces de Quincas Borba: o filósofo, o cão e a memória

Autor: Victor Fonseca Melo

Orientador: Augusto Rodrigues da Silva Júnior

Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: A partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, o presente trabalho se propõe a decompor as três faces de Quincas Borba: a do filósofo, enquanto pensador do humanitismo, a do cão, enquanto companheiro de Rubião, e a da sua memória presente nas personagens centrais dos romances. Para isso, usaremos os conceitos de flexão e derivação, presentes em Mattoso Camara (1970), com um uso voltado ao literário, em que fixaremos as personagens Brás Cubas e Rubião como flexionante e flexionado, respectivamente, e o naufrago da existência como único derivante. Estabelecidos os conceitos, estes serão dispostos em um esquema que busca compreender a existência do filósofo como representação do fio condutor no enredo. Nesse aspecto, *Quincas Borba* é o elo para a

construção dos dois romances. Numa estrutura que desvela o humanitismo e é também humanista. No corte desse argumento, faremos a comparação entre as duas obras de Machado, usando como ponto de fuga a novela *Memórias do Subsolo* de Fiódor Dostoiévski. Pautados na crítica de Augusto Meyer (1958), que define o defunto autor e seu discurso como homem do subsolo dialogaremos, também com um “Esquema de um certo Machado de Assis”, de Antonio Candido (2001) e “Os enigmas do olhar” de Alfredo Bosi (1999). Da importância conceitual do “subsolo”, colocaremos *Quincas Borba* como aquele que está e vive sob a voz de um daimon (narrativo). Ente que lhe sussurra ideias fixas e que guiam as duas narrativas: a de tornarse célebre (Brás Cubas) e o cão, necessário à manutenção da herança (Rubião). Transfigurar, nessa situação, a ideia fixa num ser material, corrobora posições mais autoconscientes (como a do defunto autor, narrador de suas próprias memórias) e mais alienadas (caso de Rubião, narrado e explicado pelo outro). Desse modo, as categorias de flexionante, flexionado e derivante serão articuladas nos seguintes pontos: a inconsciência de Rubião, a consciência de Brás, e a influência discursiva do filósofo humanista, capaz de fazer alterações mais profundas ao longo da obra – mesmo em condição Tanatográfica, ou seja, em memórias póstumas. Por fim, a compreensão das ideias fixas herdadas pelo naufrago da existência é analisada por uma estrutura em que, além de motivar os temas do enredo dos romances, é parte constituinte do que gera a ironia machadiana, bem como aponta para *Quincas Borba* não só como personagem, mas também como referência ao fio condutor pensamental das obras.

Palavras-chave: *Quincas Borba*. *Subsolo*. *Derivação*. *Flexão*.

A (i)mutabilidade do arquétipo do cavaleiro

Autora: Victoria Barros de Carvalho Silva

Orientadora: Patrícia Alexandra Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo observar a maneira como a figura do cavaleiro, consagrada nas lendas arthurianas, é retratada através de diferentes tempos, línguas e mídias. A fim de cumpri-lo, será feita uma comparação entre três personagens de obras de diferentes épocas e origens –

Galaaz, personagem da obra portuguesa *A Demanda do Santo Graal*, datada do século XV; Brancalone da Nórdia, personagem do filme italiano *O Íncrível Exército de Brancalone* de 1966 e Jon Snow personagem da obra norte-americana *A Guerra dos Tronos* escrita em 1996 por George R. R. Martin. Ressalta-se que Galaaz será tomado como o exemplo do arquétipo de cavaleiro a ser usado como modelo comparativo em relação aos outros personagens, visto ser pertencente à obra mais antiga daquelas a serem estudadas. Por utilizar diferentes mídias a serem comparadas, ou seja, o cinema e a literatura, é importante ressaltar a aproximação de ambos através (i) da conceituação enquanto narrativas; (ii) a presença de uma figura que narra a trama por meio do tradicional narrador – no que diz respeito à literatura – e por meio da câmera cinematográfica – no que diz respeito ao cinema. Para tanto, serão usadas as obras *A narrativa cinematográfica* de André Gaudreault e François Jost e *Literatura, cinema e televisão* de Tânia Pellegrino et al. Os aspectos analisados nas produções acima levarão em conta (i) a presença do fantástico – conceituado por Tzvetan Todorov em *Introdução à Literatura Fantástica* – no mundo habitado; (ii) a presença de uma irmandade de cavaleiros; (iii) a moralidade do cavaleiro no que concerne o cumprimento das regras impostas; (iv) a presença do embate entre dois tipos de religiões, sendo uma delas considerada pagã pela cultura presente na própria obra; (v) a postura do cavaleiro diante à tentação carnal. Através destes cinco tópicos, serão levantados os questionamentos: a figura de cavaleiro apresentada permanece ou apresenta mudanças nas diferentes obras? Se apresenta mudanças, quais? Concluir-se-á, então, que o personagem Jon Snow se aproxima da conceituação de cavaleiro, definida pelo personagem Galaaz, enquanto Brancalone da Nórdia se afasta, assumindo, em verdade, um posicionamento satírico. O poster contará com três imagens as quais dizem respeito aos três personagens, sendo a imagem de Galaaz uma pintura de George Frederick Watts. Já as imagens de Brancalone da Nórdia e de Jon Snow serão as fotos dos atores os quais os interpretaram, visto que no caso de *A Guerra dos Tronos* há uma adaptação televisiva da obra.

Palavras-chave: Cinema. Literatura comparada. Ciclo arthuriano.

Cardozo, um devoto de Recife

Autor: Vinicius Esteves Ramos

Orientador: Prof^o Dr^o Éverton Barbosa Correia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Este trabalho é o primeiro resultado da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida com o apoio do CNPq/UERJ de acordo com o Plano de Trabalho "O uso dos adjetivos nos versos de Joaquim Cardozo", que é parte de um projeto maior, a saber, "A obra de Joaquim Cardozo em perspectiva: na poesia, na prosa e no teatro", coordenado pelo Prof. Dr. Everton Barbosa Correia e cadastrado no âmbito da graduação, com desdobramentos na pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A definição do corpus foi feita a partir de um conjunto de vinte e seis sonetos, entre os quais destacamos de início "Nossa Senhora das Graças" e "Nossa Senhora dos Prazeres", coligidos no livro *Mundos Paralelos* (1970), que será apreciado conforme a publicação da Poesia completa e prosa – Joaquim Cardozo, pela Nova Aguilar em 1997. Os sonetos escolhidos têm como temática as igrejas das santas que nomeiam os poemas a partir das lembranças e experiências vividas pelo poeta. Há, portanto, um recorte temático que atravessa a religiosidade e que constitui o aspecto a ser confrontado com a fatura formal. Assim, ambos os sonetos deverão ser considerados sob a perspectiva estilística, que se estende da dimensão fonológica até a estruturação frasal a partir da leitura de críticos como Dámaso Alonso, com sua leitura sobre sonetos, Othon Moacyr Garcia, cuja análise baseia-se nas associações semânticas das palavras escolhidas pelos poetas, Mikhail Bakhtin, que estrutura sua leitura a partir da significação de uma parte para o todo, ou seja, da reverberação do significado de uma palavra para a compreensão da obra, e José Guilherme Merquior, que destrincha os poemas considerando os aspectos fonológicos, sintáticos e semânticos. Com isso, ao analisar a escolha das palavras e as suas sensações evocadas pela poesia de Joaquim Cardozo, aventa-se a hipótese de se levantar elementos linguísticos que concorram entre si para o delineamento de um sujeito lírico circunstanciado ou, ao menos, limitar significantes e referentes que conduzam a uma individualidade expressional, que tem sido pouco visitada pela crítica literária, mas muito aclamada por notórios escritores e poetas contemporâneos de Joaquim Cardozo, como João

Cabral de Mello Neto, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, que o considerava um devoto da cidade de Recife, e Oscar Niemeyer. Além disso, o trabalho buscará compreender a escolha de uma forma tão clássica de poema, como é o soneto, por um poeta moderno e com ideias consideradas à frente de seu tempo.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Joaquim Cardozo. Soneto. Estilística.

A loucura das borboletas: fracassam-se as palavras, arruina-se o desejo

Autora: Wanessa de Góis Moreira

Orientador: Prof^o Dr^o Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Resumo: Os discursos dominantes, que estabelecem arbitrariamente as fronteiras entre o normal e o patológico, ainda encaram a homossexualidade como algo ignominioso e abjeto, uma “maldição” capaz de sorver a humanidade, transformando sujeitos em monstros. O homossexual é, muitas vezes, colocado às margens da sociedade, num entre-lugar cujas coordenadas obstaculizam a compreensão sobre si mesmo, sobre o outro, de modo que, com frequência, a vítima, face ao espelho da vida, mune-se das armas do algoz. Tal conjectura irrompe-se nas territorialidades literárias, onde o amor entre iguais dilui-se em representações plásticas, ora sedutoras e rarefeitas, ora letárgicas e resistentes. Defrontamo-nos, assim, com as idiossincrasias da literatura homoerótica, as quais compõem um quadro, nem sempre harmonioso, de resistência e contestação às normas que sufocam e violentam o diferente. Um de seus representantes mais expressivos, em se tratando de Brasil, é Caio Fernando Abreu (1948–1996), detentor de uma vasta produção, que inclui contos, romances e textos teatrais. Num tom sutil e, ao mesmo tempo ácido, o escritor gaúcho contrapôs-se à repressão sexual e aos códigos heteronormativos, deixando, às escâncaras, a complexa realidade homossexual no contemporâneo. No conto Uma história de borboletas, publicado na coletânea Pedras de Calcutá, em 1977, entramos em contato com uma crítica aos pseudopadrões de normalidade, presente no drama lúgubre vivido pelo narrador-protagonista e seu parceiro André, vítimas de um sistema que os condena à incompreensão, por serem diferentes. Os amantes, náufragos em seus desejos, errantes em seus destinos, confrontam-

se com a “loucura” um do outro, e, para sobreviverem ao colapso subjetivo, recorrem a alucinações, habitadas por borboletas, a fim de suportar aquilo que não conseguem nomear. Percebemos, nesse laço, a dificuldade de ambos em lidar com a angústia proveniente do olhar (des)estruturante do Outro, aquele olhar que os convoca a assumirem a diferenciação e a diferença, a enfrentar os medos e as fraquezas. A loucura, aqui, é “trans-in-lúcida”, na medida em que evoca, no amante e no amado, uma série de sensações que põem, nas fissuras do corpo, os fragmentos de sentidos foracluídos. Nossa pesquisa, numa conexão entre os estudos psicanalíticos de base (pós)freudiana e a literatura, entendida esta como ambiente favorável à profusão do inconsciente, procura elucidar, na narrativa em questão, os mecanismos de defesa acionados pelos personagens principais, diante da irrupção da culpa, da angústia e do remorso, quando são impelidos a reconhecer, um no outro, as similitudes que os tornam contíguos e, concomitantemente, distantes. Quiçá as borboletas, em suas cores perturbadoras, sejam uma manifestação inconsciente de uma batalha rumo à aceitação de si mesmo, bem como da percepção da aspereza exterior que impõe à homossexualidade o claustro do hospício e do desamparo.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Homoerotismo.

Divórcio: os caminhos do eu sitiado, autoficção e contemporaneidade na literatura

Autora: Yasmin Cibelle Soares da Silva Alves

Orientadora: Dra. Marizete Lliamar Grando Garcia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: O presente trabalho busca analisar o romance *Divórcio* (2013), que se instaura na literatura brasileira contemporânea como uma obra inquietante: a trama tem como narrador, autor e protagonista a mesma entidade, Ricardo Lísias, figura esta que traz uma experiência traumática em sua vida: o divórcio. Com essa característica peculiar, o real e o ficcional têm inviabilizadas suas demarcações, fazendo com que essa obra não seja nomeada convencionalmente como autobiografia, ainda que sua gênese apresente elementos biográficos. Essa falta de delimitação torna necessária uma outra denominação, ou seja, um gênero que comporte tamanha

complexidade, a autoficção, cujos contornos manifestam as condições de um mundo pós-moderno desgastado e dos indivíduos que nele estão imersos. Dessa forma, evidenciam-se as consequências da modernidade que antes eram um deslumbramento, um progresso, sob o ponto vista dos modernistas. Logo, a figura tríplice de Ricardo Lísias tem de ser performática, indo ao encontro da tendência homogeneizante do sistema em que se vive por fazer sua experiência de dor, seu divórcio, sobressair-se. No entanto, a obra não tende a seguir inconscientemente tendências pós-modernas, e sim evidenciar a plena consciência do escritor do mundo em que está inserido. Essa percepção à frente de seu tempo, e não ingênua, é um diferencial que caracteriza a literatura de outras artes, como defende Beatriz Resende, em seu livro *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI* (2008). No intuito de discutir como a literatura, a partir da autoficção, cumpre seu trabalho de transgredir, são trazidas reflexões de Diana Klinger e Evando Nascimento como pressuposto teórico para a discussão de como o gênero se configura. Contudo, vale salientar que se está diante de uma obra literária e como tal, esse gênero, não se limita a uma característica única, a ficção. A literatura é muito mais do que isso, ela é transpassada pelo social e pelo cultural, sem necessariamente resignar-se a eles. Além de refletir sobre seu próprio trabalho, essa arte põe a linguagem em primeiro plano a fim de produzir um efeito estético, segundo afirma Jonathan Culler (1999). A partir dessa perspectiva, busca-se interpretar a obra não apenas pelos elementos que tradicionalmente compõem a narrativa, mas também pelo viés da autoficção. Em relação a isso, fundem-se questões sobre os desdobramentos da condição contemporânea de uma psique sitiada pelas configurações de uma sociedade normatizada, por um sistema que não se limita ao âmbito econômico, a influência da cidade em que o romance se passa a qual não é mero cenário. Tais questões compõem a obra e se manifestam nela, expondo uma experimentação literária. Isso, portanto, é feito por meio de uma linguagem intimista que conflui para uma condição coletiva na qual todos estão unidos de alguma forma, pois pode ser possível a identificação entre a temática do romance analisado e as experiências de alguns leitores sobre alguns de seus acontecimentos traumáticos, o que se relaciona ao efeito estético da obra e seu processo de recepção.

Palavras-chave: Autoficção. Experiência do trauma. Contemporaneidade. Literatura.

